



**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# [RE] HABITAR AS TERRAS

Da Intuição à Racionalização: Práticas  
de Habitação com [texto] Social nas  
Terras da Costa

Bárbara Calado Correia (Licenciada em Estudos Arquitectónicos)

Dissertação/ Projecto Final

Para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Professor Doutor Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Presidente de Júri:

Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Vogal:

Professora Doutora Margarida Maria Garcia Louro N. Oliveira

Lisboa, Dezembro 2016









## RESUMO

Ao atravessar a zona urbana consolidada da Costa da Caparica, entre casas baixas e prédios altos, e entrando no mundo primário em terrenos agrícolas, encontramos agregados de casas rasteiras e espontâneas, onde se localiza a comunidade *Terras da Costa*. As pessoas que aí habitam, mesmo sem condições de habitabilidade, tomam as “suas” Terras como um bem imprescindível à sua condição humana.

*[Re] Habitar as Terras* sujeita uma cautelosa reflexão e intervenção urbano-arquitectónica, com o propósito de articular a integração urbana e social através da promoção de condições dignas de habitabilidade para comunidade Terras da Costa, numa interação integrada da cidade com os cidadãos, do bairro com a comunidade, da Habitação com o Habitante.

*Da intuição à racionalização: Práticas de Habitação com [texto] Social às Terras da Costa* é sustentada pela investigação da evolução de paradigmas da habitação social, constando do panorama geral internacional para o particular caso de estudo *Terras da Costa*, e viabilizando recorrer a conceitos e soluções “práxis”, de entreajuda, de autoconstrução e de sucessiva evolução das casas, sendo práticas correntes no contexto do bairro informal em estudo.

Operar no limite Social através da disciplina de Arquitectura, enquanto estrutura viva espacial de toda a dinâmica social, consente “lançar pontes” em direcção aos direitos do Homem na cidade, para quem foi destinado e à qual todos fomos criados para pertencer.

### Palavras-Chave

Habitação Social, Terras da Costa, Habitação Participada, Auto produção, Habitação Evolutiva

### Título

[Re] Habitar as Terras

### Subtítulo

Da Intuição à Racionalização: Práticas de Habitação com [texto] Social nas Terras da Costa

### Nome

Bárbara Calado Correia

### Orientação Científica

Dr.ª Bárbara Massapina Vaz  
Dr. Paulo Pereira de Almeida

Mestrado Integrado em  
Arquitectura

Faculdade de Arquitectura  
Universidade de Lisboa

Lisboa, Dezembro 2016



## ABSTRACT

While crossing the consolidated urban area, between houses and high buildings and entering into the primary world of agricultural lands we find spontaneous house clusters where the community *Terras da Costa* is located. People who live there, even without living conditions, take their land as a commodity indispensable to the human condition.

*[Re] Inhabit the Lands* subject to a careful reflection and urban-architectural intervention, with the purpose of articulating the urban and social integration with the promotion of decent living conditions of *Terras da Costa* community in an integrated interaction of the city with the citizens, of the neighborhood with the community, of the Housing with the inhabitant.

*From intuition to Rationalization: [Context] Social Housing in Terras da Costa* it is supported by the research of the evolution of paradigms of social housing, consisting of international overview to the particular case study *Terras da Costa*, enabling use to concepts and "praxis" solutions of mutual help, of self-construction and subsequent evolution of the houses, becoming a current practice in the context of informal neighborhood in study.

Operating at the Social limit through the discipline of Architecture, as a spacial living structure of all social dynamic, complies "launching bridges" towards Human rights in the city, to whom was destined and to which we all were made to belong.

### Keywords:

Social Housing, Terras da Costa, Participation, Auto constrution, Incremental Housing

Title

[Re] Inhabit the Lands

Subtitle

Intuition to Rationalization:  
[context] Social Housing  
practices in Terras da Costa

Name

Bárbara Calado Correia

Advisory Committee

Dr.<sup>a</sup> Bárbara Massapina Vaz  
Dr. Paulo Pereira de Almeida

Master's degree in  
Architecture

Faculdade de Arquitectura  
Universidade de Lisboa

Lisbon, December 2016



*Com todo o amor, carinho e dedicação,*

*à Doutora Architecta Bárbara Massapina Vaz,  
ao Doutor Architecto Paulo de Almeida,  
ao Miranda,*

*à Mãe e ao Pai,  
ao David,  
à Gracinda,*

*ao Luís,*

*à Madalena, à Margarida, à Raquel e às Inês(s),  
à Tatiana, à Patrícia e à Ana,  
à Malin e à Anna,  
ao Bruno e à Rita,*

*A todos os amigos perfeitos, de cá e de lá,  
E a quem passa num ir e vir infinito,*

*Grata.*



---

<sup>1</sup> O Documento está escrito segundo o acordo ortográfico de 1990





## ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO	1
0.1. METODOLOGIA	2
1. PREFÁCIO	
[COM TEXTO] À HABITAÇÃO SOCIAL	7
1.1. DO PRIMITIVO AO MOVIMENTO MODERNO	7
1.2. DO MOVIMENTO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO INTERNACIONAL	9
1.3. DO MOVIMENTO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO NACIONAL	18
2. DA CAPARICA ÀS TERRAS	
2.1. DA CAPARICA À COSTA	27
2.2. DA COSTA ÀS TERRAS	29
2.3. TERRAS DA COSTA	34
3. DA HABITAÇÃO AO HABITAR	
PRÁTICAS DE HABITAÇÃO SOCIAL	43
3.1. [COM] TEXTO DAS TERRAS	43
3.2. O ARQUITECTO E A HABITAÇÃO	46
3.3. O HABITANTE E A HABITAÇÃO	48
3.4. HABITAÇÃO PARTICIPADA, AUTOPRODUZIDA E EVOLUTIVA	50
3.5. CASOS DE ESTUDO	60
4. MEMORIA DESCRITIVA	
[RE] HABITAR AS TERRAS	73
4.1. ESTRATÉGIA DA INTERVENÇÃO	73
4.2. ESCALA URBANA	77
4.3. ESCALA ARQUITECTONICA	79
4.4. ESCALA DO HABITAR	82
4.5. MATERIALIDADE	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXOS	98



## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>1 [RE] HABITAR AS TERRAS</b>	XXIII
<b>3. ARQUITECTURA VERNACULAR EM CARAVANSARI, IRÃO.</b>	8
<b>4. ESTRUTURA URBANA EM ZANZIBAR, TANÂNZIA (1964).</b>	8
<b>2. HABITAT TROGLODITO EM LOYANG, CHINA.</b>	8
<b>5. GRAVURA DE GUSTAVO DORÉ SOBRE A CIDADE INDUSTRIAL EM LONDRES (1872).</b>	10
<b>6. CIDADE ALEMÃ APÓS A II GUERRA MUNDIAL.</b>	11
<b>7. PLANO DO BAIRRO WEISSENHOF SIEDLUNG, STUTTGART, ALEMANHA (1927).</b>	13
<b>8. MAQUETE DE ESTUDO DA UNIDADE DE HABITAÇÃO DE MARSELHA.</b>	13
<b>9. ROBIN HOOD GARDENS, EM LONDRES, PROJECTO DE ALISON AND PETER SMITHSON, (1972).</b>	13
<b>10. DIAGRAMA DE ESTUDO DA EVOLUÇÃO DE UMA HABITAÇÃO PARA PROJECTO EXPERIMENTAL DA VIVENDA DE PREVI, PELO ARQº. JAMES STIRLING. (1968),</b>	14
<b>11.. MUSEQUE EM AFRICA. FOTOGRAFIA DE FERNANDO GILBERTO (2016).</b>	16
<b>12. NOVO VISUAL À RUA 4, FAVELA ROCINHA, BRASIL. FOTOGRAFIA DE BERNARDO TABAK. (2011).</b>	16
<b>13. AUTO-SUFICIÊNCIA E ADEQUAÇÃO AO PROJECTO DESI TRAINING CENTER, BANGLADESH. PROJECTO DE ANNA HENRIGER.</b>	16
<b>14. CONSTRUÇÃO PARTICIPADA DO MPAVILION, EM BAMBOO. PROJECTO DE STUDIO MUMBAI (2016).</b>	16
<b>15. 1ª FASE DA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO QUINTA DA CALÇADA, JUNTO À FÁBRICA DE TIJOLO, LISBOA ( 1938).</b>	18
<b>16. NOTÍCIAS À INAUGURAÇÃO DO BAIRRO QUINTA DA CALÇADA, LISBOA ( 1938).</b>	18
<b>17. IMPORTÂNCIA DA POPULAÇÃO NATURAL DAS EX-COLÓNIAS NA AML, 1960 E 1981 (%)</b>	20
<b>18. MOVIMENTO SAAL (1974-76).</b>	21
<b>19. INTERVENÇÃO URBANA NO BAIRRO QUINTA DO MOCHO, LOURES.</b>	22
<b>20. INTERENÇÃO URBANA NO BAIRRO COVA DA MOURA, LISBOA.</b>	22
<b>21. PROJECTO COZINHA COMUNITÁRIA. INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA NO BAIRRO TERRAS DA COSTA, COSTA DA CAPARICA.</b>	22
<b>22. FORTALEZA DA TORRA VELHA.</b>	28
<b>23. OS PESCADORES NA COSTA. PINTURA DE CHRISTIANE DESROCHE NELLECOURT.</b>	29
<b>24. OS AGRICULTORES NAS TERRAS. PINTURA DE CHRISTIANE DESROCHE NELLECOURT.</b>	29
<b>27. PLANO URBANO PARA A COSTA DA CAPARICA, PROJECTO DO ARQUITECTO URBANISTA CASSIANO BRANCO (1930).</b>	31
<b>25. GRAVURA DA COSTA ANTIGA. AUTOR DESCONHECIDO.</b>	31

<b>26. GRAVURA DA COSTA DA CAPARICA, DE RAFAEL BOLDALO PINHEIRO.</b>	31
<b>28. VISTA PANORÂMICA DO MIRADOURO DOS CAPUCHOS (1923).</b>	32
<b>29. VISTA PANORÂMICA DO MIRADOURO DOS CAPUCHOS (2016).</b>	33
<b>30. ARRIBA FOSSIL NA COSTA DA CAPARICA, EM TEMPOS.</b>	34
<b>31. CASAS RASTEIRAS DO BAIRRO TERRAS DA COSTA.</b>	35
<b>32. TERRENOS AGRÍCOLAS EM VOLTA DO BAIRRO.</b>	36
<b>33. CULTIVAR AS TERRAS DA COSTA.</b>	36
<b>34. HABITAR AS TERRAS.</b>	36
<b>35. HABITAR AS TERRAS.</b>	37
<b>36. HABITAR AS TERRAS.</b>	37
<b>37. HABITAR AS TERRAS.</b>	37
<b>38. ENQUADRAMENTO GERAL DO BAIRRO TERRAS DA COSTA.</b>	38
<b>39. COZINHA COMUNITÁRIA NO BAIRRO TERRAS DA COSTA.</b>	39
<b>40. HABITAR PERIFÉRICO.</b>	43
<b>41. CAPA DO LIVRO "DESIGN LIKE YOU GIVE A DAMN" EDITADO POR ARCHITECTURE FOR HUMANITIES.</b>	47
<b>42. CARARICATURA DA TRANSIÇÃO INTERIOR-EXTERIOR. HABITAR NO BAIRRO.</b>	49
<b>43. PROCESSOS DE PROJECTO PARTICIPADO E AUTO PRODUÇÃO.</b>	51
<b>44. AUTO CONSTRUÇÃO EM TIJOLO.</b>	51
<b>45. AUTO CONSTRUÇÃO DA COZINHA COMUNITÁRIA NAS TERRAS DA COSTA.</b>	51
<b>46. PLANO <i>NEW GOURNA</i>, PROJECTO DE HASSAN FATHY (1969).</b>	53
<b>47. <i>CASSIA COOP TRAINING CENTRE</i>, PROJECTO DE TYIN TEGNESTUE ARCHITECTS (2011).</b>	53
<b>48.. FACE DE CONSTRUÇÃO E FINAL DO <i>THREAD ARTIST RESIDENCY AND CULTURAL CENTER</i>, PROJECTO DE TOSHIKO MORI (2015).</b>	53
<b>49. ABRIGOS ORIGINAIS DA MEIA PRAIA.</b>	54
<b>50. CORTE TRANSVERSAL DO PLANO <i>OPERA VILLAGE</i>, PROJECTO DE DIÉBÉDO FRANCIS KÉRÉ.</b>	55
<b>52. INTERVENÇÃO SAAL NO BAIRRO DA MEIA PRAIA.</b>	55
<b>51. FOTOGRAFIA DO HABITAR NA <i>OPERA VILLAGE</i>.</b>	55
<b>53. BAIRRO INFORMAL. FOTOGRAFIA DE DIONISIO GONZALEZ (2004).</b>	56
<b>54. ESPAÇO ABERTO PARA O CÉU. HIERARQUIA DE ESPAÇOS: A - PÁTIO, B – ESCADAS EM FRENTE DA PORTA, C – FONTE, D – ESPAÇO COMUNITÁRIO.</b>	57
<b>58. FOTOGRAFIA ALÇADO DA <i>QUINTA DA MALAGUEIRA</i>.</b>	59
<b>55. ESQUEMAS DE POSSÍVEIS AMPLIAÇÕES DAS HABITAÇÕES PARA O PLANO <i>ARANYA LOW COST HOUSING</i>, INDORE, INDIA.</b>	59
<b>56. HABITAÇÕES <i>ARANYA LOW COST HOUSING</i>, INDORE, INDIA.</b>	59
<b>57. DESENHOS TÉCNICOS DA HABITAÇÃO TIPO A E TIPO B PARA <i>QUINTA DA MALAGUEIRA</i>. DESENHO PERSPECTIVADO DA QUINTA DA MALAGUEIRA.</b>	59

59. REPRESENTAÇÃO DA HABITAÇÃO EVOLUTIVA DOS ELEMENTAL ARCHITECTS.	61
61. QUESTÕES DA HABITAÇÃO SOCIAL, SEGUNDO OS ELEMENTAL ARCHITECTS.	62
60. ESQUIÇOS ELEMENTAL ARCHITECTS.	62
63. FOTOGRAFIA DA <i>LA QUINTA MONROY</i> EM JUNHO 2006.	64
62. FOTOGRAFIA DA <i>LA QUINTA MONROY</i> EM DEZEMBRO 2004.	<b>ERRO!</b>
<b>MARCADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
64. ESTUDOS DE HABITAÇÃO EVOLUTIVA ELEMENTAL ARCHITECTS.	65
65. MAIS VALE CONSTRUIR UMA BOA METADE DE CASA, QUE UMA CASA PEQUENA.	65
66. DESENHO ESQUEMÁTICO DA HABITAÇÃO EM <i>LA QUINTA MONROY</i> .	65
67. DESENHOS TÉCNICOS, PLANTAS E CORTES DO PROJECTO DE <i>LA QUINTA MONROY</i> .	65
68. ESQUEMA DO PERCURSO DE INICIATIVAS E PARCERIAS PARA IMPLEMENTAR O PROJECTO DA EXPERIÊNCIA PARTICIPADA DA <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> NAS TERRAS DA COSTA.	67
71. MÉTODO CONSTRUTIVO IMPLEMENTADO NA <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	68
70. DESENHOS TÉCNICOS, PLANTA E ALÇADOS DO PROJECTO DA <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	68
69. DESENHOS TÉCNICOS À MÃO LEVANTADA, DA <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> TERRAS DA COSTA DESENHOS TÉCNICOS.	68
72. FOTOGRAFIA DA <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> EM PROCESSO DE AUTO PRODUÇÃO.	68
75. HABITAR A <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	69
74. DESENHOS DE CRIANÇAS DA <i>COZINHA</i> .	69
73. FOTOGRAFIA DA <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> EM PROCESSO DE AUTO PRODUÇÃO.	69
76. DESENHOS DE CRIANÇAS DA <i>COZINHA</i> .	69
77. HABITAR A <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	69
78. HABITAR A <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	69
79. HABITAR A <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	69
80. HABITAR A <i>COZINHA COMUNITÁRIA</i> .	69
81. ESQUEMA CONCEPTUAL DA SOLUÇÃO A ADOPTAR SOB A SITUAÇÃO REAL DO BAIRRO TERRAS DA COSTA.	73
83. LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO NA COSTA DA CAPARICA.	74
82. PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DA ZONA DE INTERVENÇÃO, COSTA DA CAPARICA.	74
84. ANÁLISE PDM: PREVISÃO DE UTILIZAÇÃO DO SOLO.	75
85. ANÁLISE PDM: PREVISÃO DE UTILIZAÇÃO DO SOLO	75
86. ANÁLISE DE ACESSIBILIDADES	75
88. PROPOSTA DA ZONA DE RELOCALIZAÇÃO DO BAIRRO TERRAS DA COSTA.	76

<b>87. ANÁLISE DOS USOS DO SOLO EXISTENTES.</b>	76
<b>89. CORTE ESQUEMÁTICO DA LOCALIZAÇÃO DA ZONA DE INTERVENÇÃO.</b>	78
<b>90. PERCURSOS PROPOSTOS À ESCALA URBANA.</b>	78
<b>91. DA MORFOLOGIA INFORMAL PARA FORMAL.</b>	79
<b>92. PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO PLANO [RE] HABITAR AS TERRAS.</b>	80
<b>94. CORTE ESQUEMÁTICO REFERENTE À ORIENTAÇÃO SOLAR, VEGETAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE AR NA HABITAÇÃO, SOB EFEITO DA PALA.</b>	81
<b>93. AXONOMETRIA ESQUEMÁTICA DAS CAMADAS CORRESPONTE À AGREGAÇÃO DA HABITAÇÃO SOB A PALA.</b>	81
<b>95. OPÇÃO DO CRESCIMENTO DA HABITAÇÃO LIMITADO EM LARGURA</b>	82
<b>96. PROCESSO EVOLUTIVO DA HABITAÇÃO NO BAIRRO.</b>	82
<b>97. HABITAÇÃO EVOLUTIVA : SIMPLEX BASE E DUPLEX BASE, DO CONCEITO AO DESENHO TÉCNICO (DESENHO SEM ESCALA, COM DEFINIÇÃO 1/200).</b>	83
<b>98. CORTE TRANSVERSAL DO PLANO HABITACIONAL (SIMPLEX E DUPLEX) PROPOSTO PARA [RE] HABITAR AS TERRAS.</b>	83
<b>99. PLANTA DE AGREGAÇÃO AO NÍVEL DO PISO TERREO. (DESENHO SEM ESCALA, COM DEFINIÇÃO A 1/200).</b>	84
<b>100. PLANTA DE AGREGAÇÃO AO NÍVEL DA COBERTURA (DESENHO SEM ESCALA, COM DEFINIÇÃO A 1/200).</b>	84
<b>101. US&lt;O PREDOMINANTE DO TIJOLO PARA AUTOCONSTRUÇÃO.</b>	85
<b>102. ARGAMASSA PARA ASSENTAR AS FUNDAÇÕES. FOTOGRAFIA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA COZINHA COMUNITÁRIA. TERRAS DA COSTA</b>	85
<b>103. CONSTRUÇÃO DO PROJECTO CASSIA COOP TRAINING CENTRE.</b>	85







## ABREVIATURAS / ACRÓNIMOS

AM	Área Metropolitana
AML /AMP	Área Metropolitana de Lisboa / Porto
CIAM	Congrès Internationaux d' Architecture Moderne
IGT	Instrumentos de Gestão Territorial
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PDM	Plano Director Municipal
SAAL	Serviço Ambulatório de Apoio Local
REN	Reserva Agrícola Nacional
PER	Programa Especial de Realojamento
PP	Plano Pormenor





# 1 [Re] Habitar as Terras

Fonte:  
[www.publico.pt/sociedade/noticia/cultivar-a-terra-para-pertencer-a-terra-1718163](http://www.publico.pt/sociedade/noticia/cultivar-a-terra-para-pertencer-a-terra-1718163)







## 0. INTRODUÇÃO

O Ser, o Estar posicionam o Homem no Espaço... À medida que o Homem segue os seus instintos face à sobrevivência, abriga-se. Tomando os recursos disponíveis na natureza, adapta-os e aperfeiçoa-os, melhorando a construção dos seus abrigos, e dá forma à casa como primeira expressão arquitectónica. O homem sonha, necessita, ambiciona o modo de se fixar no espaço. O seu caminho é marcado por encontros e cruzamentos com outros seres, com semelhantes necessidades e desejos, e juntos pensam e formulam paradigmas de *Habitação Social*. O Homem é um Ser Social.

Os Homens juntam-se em aglomerados, edificam-se bairros e forma-se a cidade. A cidade é constituída por núcleos habitacionais erigidos em contextos e tempos distintos, em constante evolução, contando uma memória colectiva de hábitos e modos de estar, e assevera fragilidades e descontinuidades sociais e urbanas.

Com o fim de elucidar sobre conceitos e produtos práticos inerentes à Habitação “dita” Social, constata-se a evolução de diferentes factos e perspectivas habitacionais sincronizados, num enquadramento desde os padrões da arquitectura primitiva, passando pela reestruturação do movimento moderno, em direcção às áreas habitacionais espontâneas e informais.

Nesse sentido, abre-se o caminho para a área de intervenção. O bairro *Terras da Costa*, na Costa da Caparica, torna-se um caso de estudo de referência para um contínuo alerta de realidades com carências habitacionais, desafiando o arquitecto a pensar “fora da caixa”, a propor soluções espaciais rompendo com algumas barreiras pré-concebidas e dando atenção a problemáticas do mundo contemporâneo face à Habitação.

Pretende-se preservar raízes socioculturais, a partir da compreensão das dinâmicas sociais, dos modos de habitar, adjunto à identificação dos recursos físicos e económicos, do bairro informal das *Terras da Costa*.

As práticas intuitivas de autoconstrução das suas próprias casas por acréscimos fragmentários no processo evolutivo do habitat, de entreajuda no seio da comunidade, são recorrentes no bairro, entrando em conformidade com os conceitos estudados e propostos, como uma solução integrante à intervenção, de um projecto assente em *Habitação Participada, Autoproduzida e Evolutiva*. Assim sendo, admitem-se intervenções arquitectónicas através de métodos simplistas e práticos, para que possa ser posta em prática com sucesso.

Desta forma, por motivações éticas e humanitárias, e com a actual pertinência do tema da Habitação social, compõe-se o ensaio teórico-prático, desafiando a conceber condições de habitabilidade para a comunidade, para as famílias, integrando-as na cidade de modo a ultrapassarem a situação de pobreza. Como defende o arquitecto Avarena (Aravena e Lacobelli, 2013), torna-se crucial encarar a casa como um habitar activo em evolução, e crescente valorização.

## 0.1. METODOLOGIA

A presente dissertação divide-se em quatro capítulos, dos quais, o primeiro é o prefácio à Habitação Social, o segundo enquadra a área de intervenção *Terras da Costa*, seguindo-se o terceiro com uma abordagem da relação do habitante e do arquitecto com a habitação, e respectivas práticas a adoptar na proposta, resultando a última parte, correspondente às opções de projecto.

O desenvolvimento do primeiro capítulo correspondente ao PREFÁCIO | COM [TEXTO] DA HABITAÇÃO SOCIAL abarca o enquadramento alusivo à evolução histórico-social da habitação social, direccionando o foco para áreas genuinamente construídas, condicionadas aos recursos disponíveis. Desde a arquitectura primitiva, ao impacto do movimento moderno até às áreas informais, (bairros de lata, favelas, musseques), uma linha de investigação conduz à abordagem de práticas de habitação participada, de auto-produção e de habitação evolutiva. Constatam-se factos e feitos, da escala global à escala nacional, revisitando-se projectos e intervenções que permitem a concepção actual da habitação dita de “social”.



No segundo capítulo, DA CAPARICA ÀS TERRAS | COMUNIDADE *TERRAS DA COSTA*, é feita uma resenha histórica do desenvolvimento urbano e social, passando da Caparica, à Costa da Caparica e terminando na área de estudo *Terras da Costa*, numa continuidade espaço-temporal. Posteriormente, é contextualizada a dimensão urbana, sociocultural e económica do bairro de desenvolvimento espontâneo nas *Terras da Costa*.

O bairro informal *Terras da Costa*, sendo um caso de referência das práticas anteriormente mencionadas, onde a comunidade habita casas informais, progressivamente auto construídas e tendo em consideração as especificidades do lugar e da situação sociocultural, fomenta o subtema do capítulo seguinte, com foco sob as práticas de habitação com [texto] social a serem adoptadas na proposta de projecto.

No terceiro capítulo, DA HABITAÇÃO AO HABITAR | PRÁTICAS DE HABITAÇÃO SOCIAL, faz-se uma breve reflexão sob a habitação e o modo de habitar no bairro *Terras da Costa*. Seguidamente questiona-se sobre qual o papel do arquitecto com a habitação, enquanto mediador, e qual a relação do habitante com a habitação, na óptica de encontrar métodos e conceitos a adoptar no plano [Re] *Habitar as Terras*.

Da intuição à racionalização, da prática à teoria, da construção espontânea à planeada, do informal ao formal, abordam-se processos construtivos correntes, desde os tempos primordiais às comunidades actuais, onde os recursos são limitados, introduzindo os métodos participados, às práticas de autoconstrução e de habitação evolutiva. Expõem-se casos de referência que permitem investigar métodos e acções adoptados, em áreas informais, onde são implementados e concebidos projectos planeados, num trabalho conjunto entre o arquitecto e a população.

Faz-se uma análise à *La Quinta de Monroy*, dos Elemental Architects, assente em métodos participativos entre o arquitecto e a população, em todo o processo de concepção e construção do projecto de habitação evolutiva, como resposta às necessidades reais. Posteriormente a *Cozinha Comunitária*, do colectivo Warehouse, é um

exemplo de arquitectura participada na zona de intervenção *Terras da Costa*. Este tem sido um palco de experiência de projectos participados, e desde sempre de autoconstrução, viabilizando as respectivas acções como soluções a adoptar.

No quarto e último capítulo relata a MEMÓRIA DESCRITIVA | [RE] HABITAR AS TERRAS, são apresentadas as opções de projecto no contexto directo do bairro Terras da Costa, destinado à comunidade que aí habita, justificando a reflexão teórica na presente dissertação.

O desenvolvimento do trabalho concentra diferentes abordagens ao tema proposto, fundamentadas em diversas referências bibliográficas. Ao longo do texto são mencionadas ideias defendidas por vários autores, acompanhadas por exemplos de projectos de referências de intervenções práticas projectuais que tomam os respectivos conceitos e práticas investigados na Habitação Social, internacionalmente como de Hassan Fathy, Charles Correa, Elemental architects, Francis Keré, Anna Heringer, Tyin Tegnesteu bem como a nível nacional como no movimento SAAL e o colectivo Warehouse.

"Nós gostaríamos de aprender com arquiteturas que, apesar da escassez de meios, intensificam o que está disponível em vez de reclamar sobre o que está faltando. Nós gostaríamos de entender quais as ferramentas de projeto que são necessárias para subverter as forças que privilegiam o ganho individual sobre o benefício coletivo (...)" (AVARENA, 2016)

Paralelamente são feitas visitas à área de intervenção, ao encontro com a população, com o objectivo de compreender as problemáticas e necessidades reais, bem como os aspectos, valores a preservar na comunidade *Terras da Costa*.

Considerando as premissas de integração social pela promoção de direito à cidade e à habitação dignas, as conversas e as observações directas, moldam uma "forma-pensamento" que apoiam a lógica e as estratégias tomadas na proposta da intervenção prática.

# PREFÁCIO

COM [TEXTO] À HABITAÇÃO SOCIAL

“ No limite, toda a arquitectura é social. Actua sobre uma sociedade e exerce-se numa situação social.”(Baptista *et al.*, 2014, p. 3)



## 1. PREFÁCIO

### [COM TEXTO] À HABITAÇÃO SOCIAL

#### 1.1. DO PRIMITIVO AO MOVIMENTO MODERNO

“ (...) Si el hombre como animal se refugio en la cueva y como racional construyó la cabaña. El hombre culto, creador, concibió la casa-morada para habitarla. Y en eso estamos.” (BAEZA, 1995, p. 1)

A Habitação, desde o princípio sofreu um estado evolutivo inato, pelo Ser Humano, passando entre “Cave, Cabana e Casa”. O Homem prova a necessidade de apropriação intrínseca ao instinto de proteção e defesa do *habitar* por um abrigo seguro, e revela a sua capacidade evolutiva de criação e de adaptabilidade pelo reaproveitamento das estruturas, com recorrência aos materiais primários disponíveis na natureza. (BAEZA, 1995, p. 1)

As comunidades uniam as suas forças e autoconstruíam casas de todos para todos, em concordância com os recursos disponíveis e condicionantes físicas, materiais, socioculturais, determinantes à sua concepção. A forma da casa da arquitectura popular é de raiz predominantemente antropológica, transportando uma tamanha riqueza cultural mantém identidade ao Homem. (RAPOPORT, 1969, pp. 46– 48)

Neste sentido Rudofsky ilustra um variado leque de exemplos, da arquitectura primitiva à vernacular, desde as construções trogloditas da Anatólia, até às arquitecturas efémeras das tribos africanas e ocidentais, na exposição “Arquitectura Sem Arquitectos”<sup>2</sup> (Rudofsky, 1987).

---

<sup>2</sup> Na consequência da investigação apresentada na exposição “Architecture Without Architects”, no Museu de Arte Moderna nos Estados Unidos (Nov 1964 – Fev 1965), o autor publicou a compilação do trabalho no livro “Architecture Without Architects”.

O Homem vai conquistando progressos pela alteração de paradigmas, aprende a entender, a pensar e a manipular o espaço aliado ao domínio da gravidade e da luz. Desta forma, os paradigmas da casa estão em transmutação contínua. (BAEZA, 1995, p. 3)



2. Habitat troglodito em Loyang, China.

3. Arquitectura Vernacular em Caravansari, Irão.

4. Estrutura urbana em Zanzibar, Tanânzia (1964).

Fonte:  
RUDOLFSKY, Bernard - Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture. Reprint edition ed. Albuquerque : University of New Mexico Press, 1987. ISBN 978-0-8263-1004-0.



## 1.2. DO MOVIMENTO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO INTERNACIONAL

### 1.2.1. REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A habitação social é antecipada em França, após a revolução francesa, por representações futuristas de jovens arquitectos que reconhecem a necessidade de renovação dos centros urbanos e que propõem estratificar a Habitação por classes sociais. Deste modo, Claude-Nicolas Ledoux pensa a cidade pela respectiva estratificação social centrada na actividade industrial, como sinónimo de projectar a cidade futurista, na cidade de Chaux (1774), propondo a primeira organização social, da casa do director à casa do operário, dos equipamentos públicos à infra- estrutura. (Baptista *et al.*, 2014, pp. 6– 7)

A partir da segunda metade do século XVIII, a produção industrial<sup>3</sup> começou a tornar -se motor da cidade, pelo qual tudo se desenvolve e tudo se altera. (BEUHEAU, 1997, p. 91) A revolução Industrial é protagonista de inconstâncias na estrutura territorial, urbana e habitacional.

Desta forma, Engels descreve os bairros operários em Inglaterra como: “ As mais das vezes são edifícios de dois andares, ou mesmo térreo, em tijolo, alinhados em longas filas, se possível com caves habitadas e quase sempre irregularmente construídas. (...) As próprias ruas, habitualmente, não são nem planas, nem pavimentadas; são geralmente sujas, cheia de detritos vegetais e animais, sem esgotos e cobertas de poças de água estagnada e fétida. (...) Não é raro encontrar o homem, a mulher, quatro ou cinco filhos e, por vezes, também o avô e a avó, numa única divisão de dez a doze pés quadrados, onde trabalham, comem e dormem.” (ENGELS, 1975, pp. 47– 50)

---

<sup>3</sup> No desenvolvimento de meios técnicos e lógicas que exponencia o sistema produtivo, e por motivos defensivos, políticos e económicos é marcando posição do sistema capitalista.

Do êxodo do campo para a cidade, as populações procuram oportunidades e melhores condições de vida. Os grandes centros industriais desenvolvem-se, e em algumas áreas dispara a construção de bairros de lata. A cidade, sem resposta habitacional, torna-se frágil e hostil, com casas precárias sem condições e ambiente desordenado e insalubre. A habitação assume um “paradigma industrial”.(BEUHEAU, 1997, p. 102)

### 1.2.2. OS PARADIGMAS

A arquitectura tornou-se um instrumento de reestruturação das sociedades, nas cidades fragilizadas por sequelas do impacto da revolução industrial, atenuando-se no século XX, por sucessões de acontecimentos impulsionados pelas revoluções políticas e crises financeiras, a I Guerra Mundial (1914-18), e mais tarde pela II Guerra Mundial (1939-45). (Baptista *et al.*, 2014, p. 16)

Sequencialmente, as transmutações tecnológicas, socioculturais e laborais, implicam que o homem altere hábitos, modos de ser e de estar no espaço, de tal modo que os antigos planos de habitação urbana, com o tempo, deixam de estar concordantes com as necessidades de habitabilidade da população citadina em evolução.

5. Gravura de Gustavo Doré sobre a cidade Industrial em Londres (1872).

Fonte:  
<http://arquiteturadaliberdade.files.wordpress.com/>





A disciplina de arquitectura toma comando sob a reforma da habitação social num panorama moderno, e todo o processo se afirma num palco de experiências, desde a apresentação de projectos visionários a outros posto à prova através de protótipos e projectos co-pilotos.

Na sequência da revolução industrial, por questões de salubridade na cidade, Howard propõe o ideal de vida unicamente com a natureza, o modelo urbanístico das cidades-jardim<sup>4</sup> (1920) dispersas.

Por um lado, pelo efeito pós-guerra, devido à carência habitacional de realojar grandes quantidades de pessoas em densidade, Le Corbusier interioriza de forma racional a poderosa “máquina de Habitar” moderna, no plano de realojar cerca de 3 milhões de habitantes na Villa Contemporaine (1922). Este investiga as noções antropométricas desenvolvidas no Modular<sup>5</sup>. (Baptista *et al.*, 2014, pp. 8 – 10)

Anos mais tarde, após a II Guerra Mundial, a pedido de um programa de reconstrução do governo francês, Le Corbusier projecta e edificam-se os grandes edifícios modulares Unités d’ Habitation em Marselha (1947-53).



6. Cidade Alemã após a II Guerra Mundial.

Fonte:  
<http://29876681.weebly.com/>

---

<sup>4</sup> Formado por núcleos controlados, estratificados por classes sociais, de baixa densidade e autónomos.

<sup>5</sup> Estudo das relações métricas do corpo humano no espaço habitacional

No bairro Weissenhofsiedlung<sup>6</sup> (1927), edificado em baixa-média densidade, no exterior urbano da cidade Siedlung (Estugarda) testaram-se soluções tipológicas e intenções programáticas, na afirmação do produto industrial e na pressão da standardização. Daí em diante erguem-se bairros na Alemanha, Holanda e Áustria, por acção e poder das municipalidades. (Baptista *et al.*, 2014, p. 13)

Desta forma, surge a CIAM em 1928, pela confluência regular de arquitectos, numa contínua reflexão para redefinir soluções relativas à arquitectura social, situando-a numa posição real, de ordem económica e social. Abordam a questão da Unidade mínima de habitação (Existenzinimum<sup>7</sup>), em Frankfurt (1929), o edifício de habitação colectivo, em Bruxelas (1930), discute-se o modelo da cidade jardim e a cidade em altura, e é redigida a célebre *Carta de Atenas*, em Atenas (1933). Reúnem-se progressivamente até à sua dissolução e formação do *Team XX*, na Jugoslávia (1956). (Baptista *et al.*, 2014, p. 11)

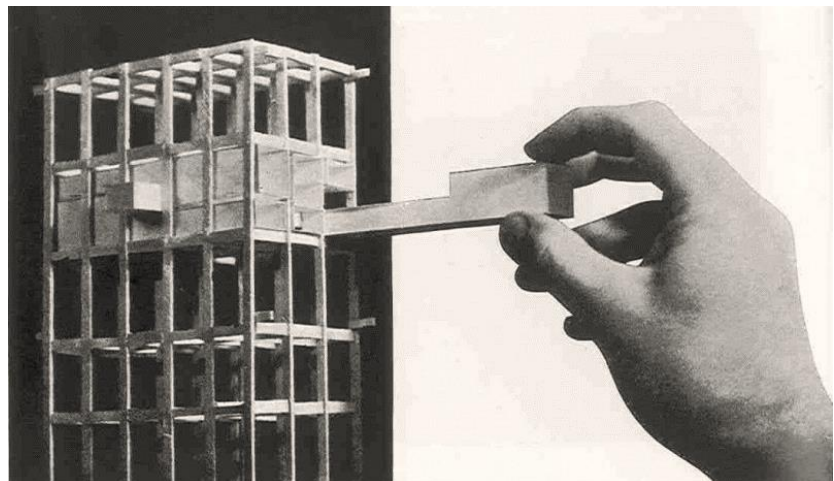
Parte dos planos de habitação Social na primeira metade do século XX são em altura, passando operacionalmente à redução ao modelo de bairro periférico, e programaticamente à ideia de uma universalidade cultural, a lógica de especialização social, onde a marcada identidade e vivências em comunidade tem tendência a extinguir-se.

A partir da segunda metade do século XX sobressai a consciência da importância, tanto da disciplina de sociologia integrada à de arquitectura, colocando cuidados sob responder às necessidades do habitante, bem como às questões ambientais, pela definição de princípios e programas que assegurem um desenvolvimento global sustentável das cidades e de habitação digna para todos, pela definição do conceito “pensar global, agir local”.

---

<sup>6</sup> Sob comando de Mies Van der Rohe e com a participação dos arquitectos impulsionadores da arquitectura moderna e ligada à “Arte Nova Alemã” (Peter Behrens, Le Corbusier & Pierre Jeanneret, Walter Gropius, Ludwig Hilberseimer, J. J. P. Oud, entre outros).

<sup>7</sup> Células de Habitação mínima de Gropius (pioneiro).



7. Plano do Bairro Weissenhofsiedlung, Stuttgart, Alemanha (1927).

Fonte:  
<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/>

8. Maquete de estudo da Unidade de Habitação de Marselha.

Fonte: <http://lapisblog.epfl.ch/>

9. Robin Hood Gardens, em Londres, projecto de Alison and Peter Smithson, (1972).

Fonte:  
<http://municipaldreams.wordpress.com/>



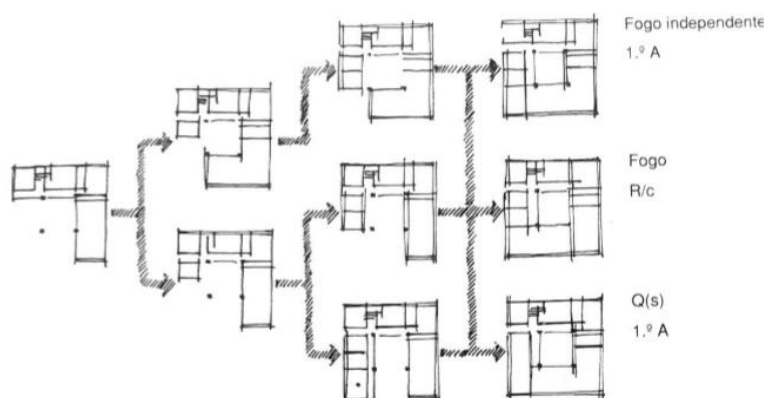
Frank Loyd Wright desenvolve e apresenta modelos de cidade na exposição *The Living City* (1958), alertando para o respeito do ser individual, de uma cidade orgânica, social e democrática em que o solo precisa de ser colocado à disposição de todos. (Baptista *et al.*, 2014, p. 15)

Os arquitectos pertencentes ao grupo, Alison e Peter Smithson, com investigação sobre o habitat humano, desenvolvem interesse pelas práticas sociais e espaciais, revisitam valores passados, na busca de criação de laços entre as populações com os lugares. A casa, a rua, o bairro e a cidade substituem as configurações da Carta de Antenas que separa as funções de habitação, do trabalho, de recreação e de circulação. (Baptista *et al.*, 2014, p. 18)

O plano Previ<sup>8</sup> de habitação social, no bairro informal em Lima, foi da iniciativa do governo peruano na década de 60, desenvolvido por vários arquitectos, tanto nacionais como internacionais, que deixaram rasto em pleno movimento moderno, marcando a casa popular na América Latina. O bairro destina-se a realojar a população, baseado na aproximação e entendimento das reais necessidades da população menos favorecida, constroem em baixa altura e recorrem ao procedimento participativo e de auto construção. Hoje em dia, cumpre os desígnios de uma genuína arquitectura evolutiva. (BEIRÃO, MENDES e CELANI, 2013, pp. 217– 218)

**10.** Diagrama de estudo da evolução de uma habitação para Projecto experimental da Vivenda de Previ, pelo Arqº. James Stirling. (1968),

Fonte:  
<http://municipaldreams>.



<sup>8</sup> Envolveu arquitectos nacionais como internacionais, alguns do grupo TEAM X como Christopher Alexander (EUA); Konhonen (Finlândia); Esquerre (Colômbia); Oehl, (Alemanha); Woods, Candilis (França); Stirling (Inglaterra); Van Eyck (Holanda); Charles Correa (Índia); entre outros.

### 1.2.3. OS PARADOXOS

A habitação social aliada aos paradoxos intrínsecos da sua definição, lida com fenómenos políticos e gera falta de consensos face à habitação, “ A direita porque considera que os pobres não merecem esta atenção (...) A esquerda, por outro lado, assenta a sua crença na igualdade fundamental, que é interpretada como a proibição das casas dos loteamentos sociais de serem minimamente diferentes umas das outras” (AAVV, 2006, p. 22).

Inerentes estão também os factores económicos e financeiros globais, por exploração intencional da lógica do sistema capitalista, em que o solo do território ao ser ambíguo e instável é sempre negociável. Desta forma, pessoas com baixos rendimentos fixam-se em terrenos periféricos baldios, com baixa especulação imobiliária. Assim formam-se áreas informais, favelas, musseques, bairros de lata.

### 1.2.4. ÁREAS SOCIAIS INFORMAIS

“ A ausência de planeamento e ordenamento territorial numa cidade em expansão demográfica territorial numa cidade em expansão demográfica e económica, potencia a construção desordenada, propiciando a expansão de cidade informal, que em ritmo exponencial se estende pelo território. A urgência de controlar esse processo, através da reconversão de áreas já existentes, promovendo estratégias de reabilitação, como pelo planeamento de novas áreas de ocupação, assumem como duas frentes estratégicas primordiais. Por um lado o contro da clandestinidade e governabilidade da cidade informal, com porção de núcleos habitacionais infraestruturados e capazes de acolher a população já sedimentada nesses territórios, e por outro, a criação de condições atrativas para novas fixações, gerando cidade formal através de um processo evolutivo e sustentável, que eventualmente poderia se estender a outros territórios da cidade angolana” (LOURO e OLIVEIRA, 2009, p. 106)





**11.** Museque em Africa. Fotografia de Fernando Gilberto (2016).

Fonte:  
<http://www.anna-heringer.com/>

**12.** Novo visual à rua 4, Favela Rocinha, Brasil. Fotografia de Bernardo Tabak. (2011).

Fonte: <http://www.archdaily.com/>

**13.** Auto-suficiência e adequação ao projecto Desi Training center, Bangladesh. Projecto de Anna Henriger.

Fonte:  
<http://g1.globo.com/>

**14.** Construção participada do MPavilion, em Bamboo. Projecto de Studio Mumbai (2016).

Fonte: <http://olhares.sapo.pt/musseques-foto8082469.html/>



As áreas genuinamente espontâneas surgem maioritariamente perifericamente nas cidades e acentuam descontinuidades e contrastes urbanos e sociais. Os arquitectos podem melhorar as condições de habitabilidade enquanto especialistas intermediários entre os habitantes e o poder do sistema político-capitalista.

Há vários exemplos de intervenções sociais, nos quais o arquitecto actua como mediador, de modo participado. Encontramos manifestações em reabilitações urbanas, onde procuram estabelecer estratégias de articulação socio-espaciais, da área informal à formal, por exemplo as intervenções na favela Rocinha (Rio de Janeiro) pelo arq. Jorge Mário Jáuregi, e o plano urbano de conversão de Medellín (Argentina), do arq. Gustavo Restrepo.

A melhorar a qualidade arquitectónica a serviço da população, o Studio mumbai desenvolve projectos na Índia, apelando à construção participada pela população, usufruindo das suas capacidades artesanais. Do mesmo modo, com as práticas de autoconstrução em projecto participado, a arquitecta Anna Henriger visa aliar o balanço ecológico e económico, com a harmonia entre o design, a estrutura, a técnica, o uso de materiais em função aos recursos locais com o meio ambiente e com o contexto socio cultural, em Bangladesh.

Os *Elemental Architects* ao intervir em bairros informais chilenos, têm proposto na última década, a construção destes espaços em lotes com uma melhor localização, desta forma favorecem a abertura ao comércio da rua de base familiar e possibilitam aos habitantes a ampliação das casas, de acordo com o crescimento do agregado familiar e das questões económicas. Esta corrente tem como finalidade a valorização futura das casas e tem por base a autoconstrução. (Aravena e Iacobelli, 2013)

A Arquitectura Social é um tema de tal forma pertinente nos dias de hoje, que toma como foco principal o tema da exposição da Bienal de Veneza 2016. (Romullo, 2016)

### 1.3. DO MOVIMENTO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO NACIONAL

#### 1.3.1. REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A revolução industrial acomoda-se em Portugal progressivamente a partir do século XIX, atenuando-se nas décadas 20 e 30, e localizando-se com maior força nos maiores centros urbanos, em Lisboa e Porto, gerando assim as AM.

Na perspectiva de alcançar melhores condições, os recém-chegados instalam-se desordenadamente na cidade, aureolando os polos industriais, e “a cidade constrói-se cada vez mais fora da Natureza e, por vezes, contra ela”. ( LAVEDAN, 1959, cit. por BEUHEAU 1997, p. 102). As cidades sem capacidade, nem medidas de prevenção, para o crescimento demográfico, ampliam-se, e edificam-se bairros operários. Há pessoas que constroem as suas casas espontaneamente e agrupam-se em comunidades criando os chamados bairros de lata.

15. 1ª Fase da construção do bairro Quinta da Calçada, junto à fábrica de Tijolo, Lisboa ( 1938).

Fonte:  
<http://bairrodaquintadacalçada.blogspot.pt/>

16. Notícias à inauguração do bairro Quinta da Calçada, Lisboa ( 1938).

Fonte:  
<http://1.bp.blogspot.com/>





### 1.3.2. OS PARADIGMAS

A habitação de carácter social em Portugal surge na tentativa de realojar e erradicar a proliferação dos bairros de lata. Os governos implementam políticas e programas de apoio e de promoção de habitação social.

O primeiro enquadramento legal referente à habitação social surge por um Despacho do governo em 1918 destinado à população que habitava alojamentos precários e insalubres. Este fica a cargo do Estado, a aquisição e financiamento do solo urbanizável, da construção e da gestão dos bairros, inclusive da respectiva distribuição das habitações. Surge então o primeiro bairro social do Arco do Cego (1919), com a intenção de se destinar a classes menos favorecidas, estabelecem-se preços locativos de casas económicas. No seguimento destas políticas, surgiram os bairros da Ajuda, de Braço de Prata e de Alcântara, e consequencialmente a ampliação urbana da cidade. (Tiago, 2010, p.272- 275)

Na sequência do desenvolvimento em contexto internacional, a alteração da estrutura social, as cidades carecem de uma reforma habitacional. Originou a criação de um novo organismo<sup>9</sup>, de promoção habitacional mais urbana, das “Habitações Económicas” (PEREIRA, 1983, p. 11). Enquadra-se assim o Bairro de Alvalade de Faria da Costa (1948). Mais tarde, a grande operação de realojamento social do bairro Olivais Norte<sup>10</sup> (1955-58), concebido segundo os princípios da carta de Atenas, e é destinado a criar 2500 fogos, com o objectivo de combater as carências habitacionais em Lisboa. Mais tarde, seguiu-se o plano de Olivais Sul (1964-66), entre muitos outros planos.

A afirmação da concentração das actividades profissionais geradoras de emprego, é a razão de crescimento demográfico na AML, primeiro pelo sector primário seguido do secundário na produção industrial, e

---

<sup>9</sup> Proveniente da Federação das Caixas de Previdência (HE-FCP) desde 1946-1972, Mais tarde passa para o Fundo de Fomento da Habitação.

<sup>10</sup> Autoria do arquitecto Nuno Teotónio Pereira e António Freitas. Foi distinguido o prémio Valmor em 1967.

posteriormente pelo terciário, com profundas transformações na década de 70. (SALGUEIRO, 2001, p. 134)

Com maior expressão na segunda metade do século XX, a AML continua a acolher pessoas vindas do campo para a cidade, de norte a sul, retornados e imigrantes das ex-colónias portuguesas. O fluxo migratório aumenta exponencialmente, provocando um défice da oferta habitacional correspondente às necessidades da população, verificando-se a expansão dos aglomerados urbanos para a periferia.

17. Importância da população natural das ex-colónias na AML, 1960 e 1981 (%)

	1960	1981
Concelho de Lisboa	1.1	4.8
AML Norte	0.5	7.0
AML Sul	0.2	5.6
Total AML	0.8	5.9

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População (1960 e 1981), in CARDOSO, Ana (1993), A outra face da cidade: pobreza em bairros degradados de Lisboa, Lisboa: Câmara Municipal, p.33

Constrói-se de forma desmedida, e sem planeamento, apartamentos em altura, por ordem de auto proveito do sector privado, designadas pelas construções do pato bravo. (SALGUEIRO, 2001, p. 153)

Após a implantação do regime democrático, a 25 de Abril de 1974, sucederam-se fortes momentos de reivindicação e de revolução social. Assiste-se a pressões sobre o regime em vigor, com intenção de criar políticas mais produtivas, de maior promoção habitacional comparativamente com as criadas anteriormente, lutando pela dignidade e justiça habitacional. Assim sendo, o Estado Novo criou IGT<sup>11</sup>. O secretário de Estado de Habitação e Urbanismo, o arquitecto Nuno Portas, dá despacho ao serviço de apoio ambulatorio local (SAAL), onde decorrem os momentos mais enriquecedores no âmbito teórico-prático da habitação.

---

<sup>11</sup> Decretos-Lei, que definem as regras sobre o planeamento e ordenamento do território de Portugal.

### 1.3.3. PROCESSO SAAL

O SAAL foi um programa estatal, entre 1974-76, após a revolução política, por intervenções de renovação urbana adaptadas ou integradas no local, de norte a sul do país, em face de graves carências habitacionais.

A partir de uma acção multidisciplinar, associam-se estudantes, técnicos, arquitectos, engenheiros, juristas e moradores. Sustentados pelo Estado assumem o compromisso de acompanhamento e de fornecer apoio técnico na concepção e na construção de habitação social, através de brigadas de acção local, atribuindo aos habitantes “ (...) um direito à permanência no sítio que as comunidades já habitavam, para acabar com a política de transferir os bairros para as periferias e criar novos guetos.” (PORTAS, 1986, p. 639)

O movimento com processos de realojamento integrando aspectos socioculturais, económicos e políticos, é uma referência internacional de diversas experiências de projectos participados, recorrendo à autoconstrução e à habitação evolutiva<sup>12</sup>, cruzando informação e acompanhamento em todo o processo, entre toda a equipa e respectivos moradores. (PORTAS, 1986, pp. 636– 644)



18. Movimento SAAL (1974-76).

Fonte:  
<http://www.serralves.pt/>

---

<sup>12</sup> As intervenções de habitação evolutiva são inspiradas em parte nas experiências de autoconstrução na América Latina.

**19.** Intervenção urbana no bairro Quinta do Mocho, Loures.

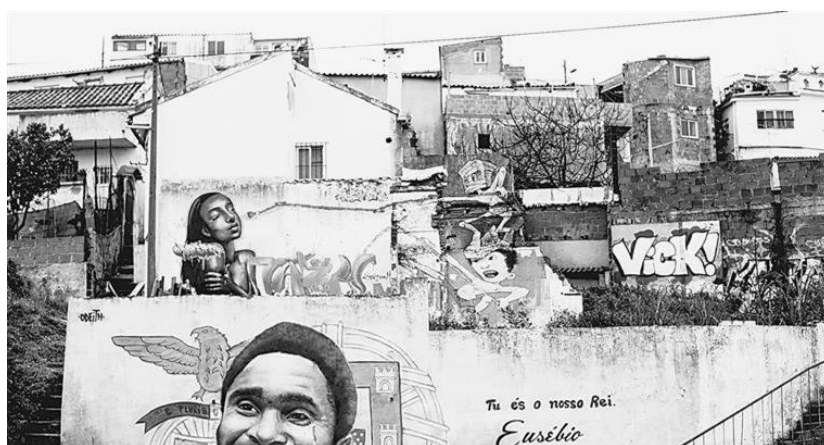
Fonte:  
<http://cdn1.sol.pt/fotos/2015/3/26/403505.jpg?type=Artigo>

**20.** Interenção Urbana no bairro Cova da Moura, Lisboa.

Fonte:  
<http://www.arcadedarwin.com/2015/03/31/quinta-do-mocho-as-pinturas/>

**21.** Projecto Cozinha Comunitária. Intervenção Arquitectónica no bairro Terras da Costa, Costa da Caparica.

Fonte:  
<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse/>



#### 1.3.4. ÁREAS SOCIAIS INFORMAIS

Com foco na AML, no último século, foram demolidos diversos assentamentos informais e os moradores foram transferidos para bairros camarários, surgindo assim novos programas de realojamento, como por exemplo o PER.

Apesar de se assistir à edificação de bairros de habitação social correntes em altura, a fim de realojar pessoas com baixos rendimentos, como é o caso do bairro da Quinta do Mocho, em Loures, opostamente continua-se a verificar a existência de bairros de categoria de informais e de clandestinos em desenvolvimento contínuo.

O bairro da Cova da Moura, em Lisboa, de origem informal, tem vindo a crescer sucessivamente, assente em vivências e valores socioculturais vinculados. Em circunstâncias de apropriação de terrenos arrabaldes, encontramos o caso do bairro *Terras da Costa* na Costa da Caparica, onde se verificam condições precárias de habitabilidade, resistência a um realojamento, motivados na sua maioria por factores de interação sociocultural, das relações de vizinhança e por contacto com a terra como meio de subsistência.<sup>13</sup>

Nestes mesmos bairros acontecem intervenções participativas, na perspectiva de integração social e de melhoria da qualidade habitacional que passam pela qualificação do espaço. Por exemplo, na Cova da Moura há uma sucessão de pequenas intervenções a nível do espaço público pelo reforço de uma componente artística. Nas *Terras da Costa* desenvolve-se o projecto participado da construção da cozinha comunitária.

---

<sup>13</sup> Os habitantes são provenientes imigrantes dos países africanos PALOP.



# DA CAPARICA ÀS TERRAS

COMUNIDADE TERRAS DA COSTA

“ Em dias de sol, com ar parado, aquele ermo, desamparado é uma amostra da paisagem africana! (...) o Monte – árida rocha a pique com o seu adpecto de fortaleza.” (FERREIRA, 1991, p. 119)





## 2. DA CAPARICA ÀS TERRAS

### COMUNIDADE *TERRAS DA COSTA*

#### 2.1. DA CAPARICA À COSTA

##### 2.1.1. ATÉ AO SÉCULO XVIII

“ Da Trafaria à Costa da Caparica (5km), já à beira mar são 20 minutos de carruagem por uma boa estrada, orlada à direita da mata do estado, um pinheiral (...) um vasto areal batido das ondas (4.5 km), só areia e mar (...) areia e céu, mar e céu. Dum lado o formidável paredão vermelho, a pique (...) ” (SANTANA e PROENÇA, 1924, p. 636)

Primeiro surge a Caparica, na origem de todo o território e arredores. Desde tempos remotos, no século XII, Murfacém<sup>14</sup> passou pela tomada de posse dos cruzados em pleno domínio dos árabes. A sua antiguidade é atestada por vestígios como cisternas e um antigo *morabito*<sup>15</sup>. (CORREIA, 1973, pp. 19– 20)

Após a saída dos árabes, no século XV, foi construída a primeira estrada pelos romanos vindos de Mérida, passando por Murfacém, Porto Brandão, onde se fazia a ligação a Lisboa por meio marítimo. O *morabito* passou para Ermida Cristã, dedicado à Nossa Senhora dos Remédios. (CORREIA, 1973, pp. 31– 32)

Ergue-se a Fortaleza da Torre Velha<sup>16</sup>, a mando de D. João II, no final do século XV. A “ (...) torre e baluarte de Caparica, defronte de Belém, em que estava muita e grande artilharia.”(RESENDE, 1545).

---

<sup>14</sup> Localidade mais antiga pertencente à freguesia da Trafaria, Concelho de Almada.

<sup>15</sup> Ermitão muçulmano.

<sup>16</sup> Importante exemplar da arquitectura militar renascentista portuguesa, desenvolvido em Portugal nos finais do século XV, inícios do século XVI. Foi dos primeiros sistemas integrados de artilharia, formando uma “ defesa tripartida” da barra do estuário do Tejo, juntamente com o baluarte de Cascais e a Torre de Belém.

A fortaleza teve como núcleo primitivo uma torre fortificada como ponto estratégico de defesa do estuário do rio Tagus e dos portos de Lisboa, sendo ampliada anos mais tarde. Foi desactivada em 1801, e transformada num lazareto<sup>17</sup>, voltando a ser reactivada para fins militares em 1832.

Em 1558 é construído o Convento dos Capuchos, para os frades da Ordem Franciscana dos Capuchinhos, a mando de Lourenço Pires de Távora. Instalaram-se no alto da falésia sobranceira à Costa da Caparica. (FERREIRA, 1991, p. 61)

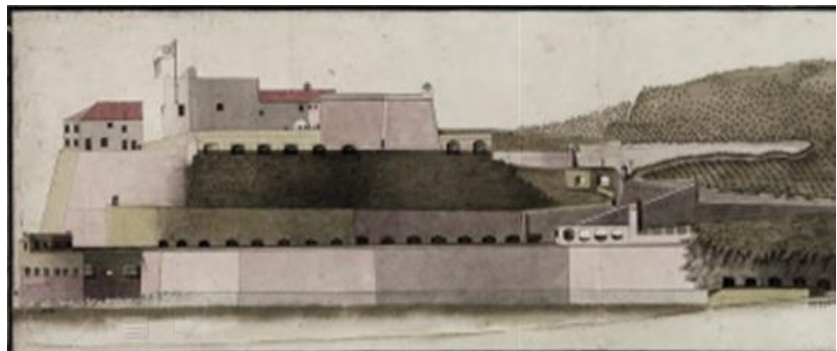
Ao longo dos anos, a área da Caparica vai sendo posicionada com manifestos do domínio da arquitectura militar bem como religiosa, que hoje constituem um claro valor patrimonial e cultural.

Daí em diante, houve um progressivo e aliciante desenvolvimento urbano, socioeconómico, sólido em raízes culturais, associado à particular e privilegiada localização geográfica da área da Caparica, junto ao oceano, rio Tejo, e com vastas terras férteis. Cerca de duzentos anos após o início do desenvolvimento progressivamente exponencial de toda a região da Caparica, instalam-se os primeiros Homens, junto à Costa. Era simplesmente mais um lugar da vasta freguesia do Monte da Caparica. (FERREIRA, 1930, p. 109)

## 22. Fortaleza da torre Velha.

Fonte:

CID, Aboim Inglês - **A Torre de São Sebastião da Caparica e a Arquitectura Militar no Tempo de D. João II.** edição do Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL E Edições Colibri, 2007.



---

<sup>17</sup> Hospital para leprosos, destinado a abrigar passageiros e tripulantes que aportavam em Lisboa para fazer quarentena.

## 2.2. DA COSTA ÀS TERRAS

### 2.2.1. SÉC. XVII – SÉC XX

“ A Costa Conhecida pelas belas praias, atraía centenas de veraneantes nacionais e do estrangeiro, tem outros factores com influência de produtividade e economia – a pesca e as Terras da Costa.”(Martins, 2004, p. 83)

A Costa da Caparica, como o próprio nome indica, localiza-se na zona costeira, é limitada geograficamente pelo mar e a Arriba Fóssil, na margem sul do Rio Tejo e oposta à cidade de Lisboa. Sob o domínio do Mar e da Terra, regista-se em 1770, a instalação de uma pequena comarca piscatória tradicional, oriunda de Homens vindos de Ílhavo, juntando-se posteriormente de Olhão, onde “ A primeira pesca a existir na povoação foi a da Arte Xávega<sup>18</sup>, com barcos saveiros, tipo meia-lua (...) ”. (FERREIRA, 1991, p. 61- 79)

Do mesmo modo que os habitantes se dedicavam à pescaria como meio de subsistência foi necessário começarem a dedicar-se à sementeira das *Terras*, em meses de inverno, quando as condições do mar não permitiam a pesca. Deste modo surgiu a comunidade agrícola nas *Terras da Costa*. (FERREIRA, 1991, p. 78)



**23.** Os pescadores na Costa. Pintura de Christiane Desroche Nellecourt.

**24.** Os Agricultores nas Terras. Pintura de Christiane Desroche Nellecourt.

Fonte:  
MARTINS, Salvador Felix Félix -  
**Caparica doutros tempos.**  
Lisboa: Socingraf, Lda, 2004.  
P.22.

---

<sup>18</sup> Tipo de pesca artesanal, pertencente ao Património Cultural Nacional.

As humildes casas dos pescadores eram maioritariamente pequenas casas quadrangulares, térreas, de madeira e revestidas por estorno (*Amophila arenaria*), com uma estrutura sob estacas. Depois do aparecimento da construção das primeiras casas dos moradores, construíram um cemitério, uma capela e um poço que abastecia a população de água. (FERREIRA, 1930, p. 113-119)

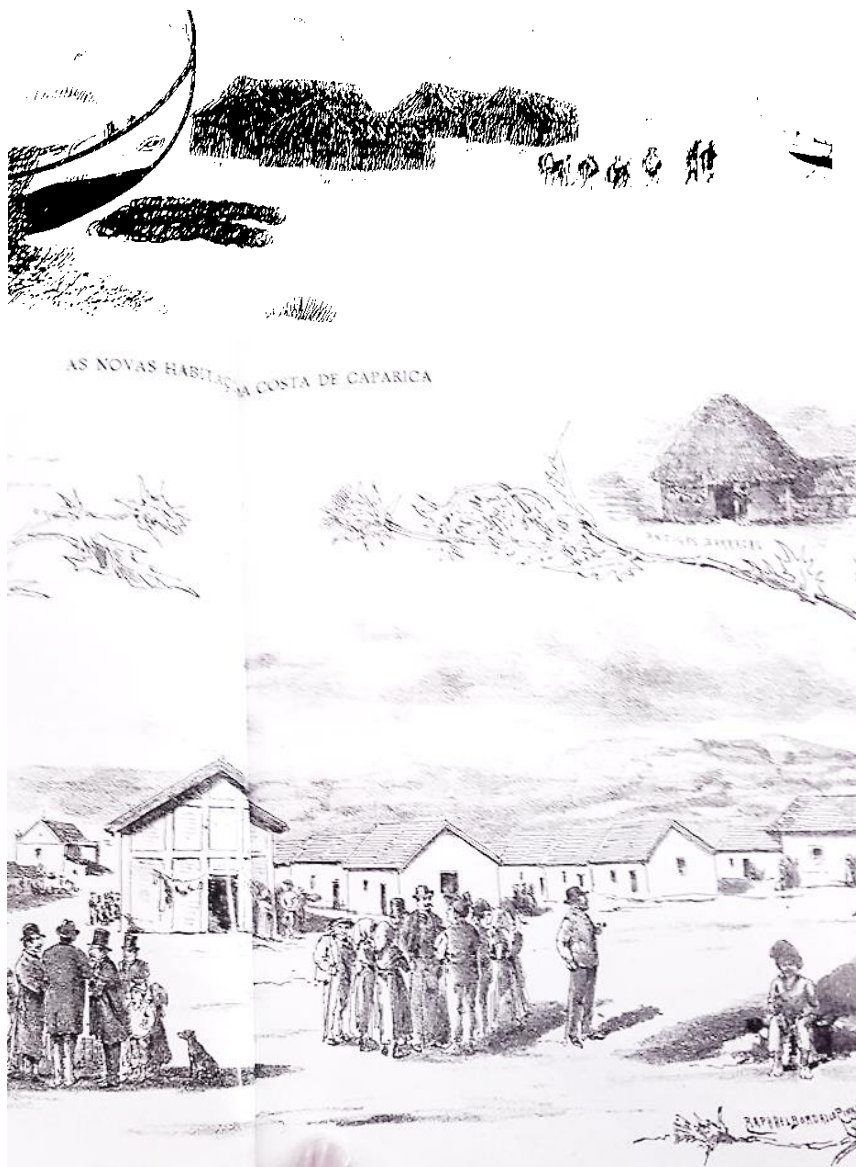
Foi construída a primeira casa de pedra e cal, *A casa da Coroa*, a mando do mestre pescador das redes, em 1820. Mais tarde, a Costa foi a primeira localidade de toda a área administrativa da Caparica, com uma escola primária, em 1876, incentivada pelo padre Henrique Bailie Hughe. A vila modernizava-se e albergava vários bairros de pescadores, serviços médicos, ajuda social, e por diante, cada vez mais especializados de apoio à população. (CORREIA, 1973, p. 61)

“A rua dos pescadores começou a servir de bússola, onde desbrochava o centro das conversas e para apontar: norte, sul, mar, rocha, praia, redes e barcos, quem pescou (...)” (Martins, 2004, p. 63)

A “Praça” central localiza-se junto ao Mercado da povoação, onde se abastecia de peixe, carne, fruta e legumes. Aqui trabalhavam as mulheres dos pescadores e gente da “*Terras da Costa*”. Para além do mercado local, os vendedores de peixe e hortícolas, legumes e futas da Costa da Caparica, seguiam rumo à Trafaria- Porto Brandão, onde estavam os transportes fluviais para a Grande Lisboa, a fim de comercializarem os produtos no Mercado Agrícola de Belém. (FERREIRA, 1991, p. 63)

Influente e inerente à educação estão as crenças e devoções religiosas, através das práticas regulares e tradicionais, com periódicas manifestações religiosas de fé na Virgem e nos Santos. (FERNANDES, 2012)

A Costa da Caparica desenvolveu-se naturalmente num percurso que não foi linear, porque ocorreu entre devastações causadas por tragédias do mar, fome, doenças, incêndios.

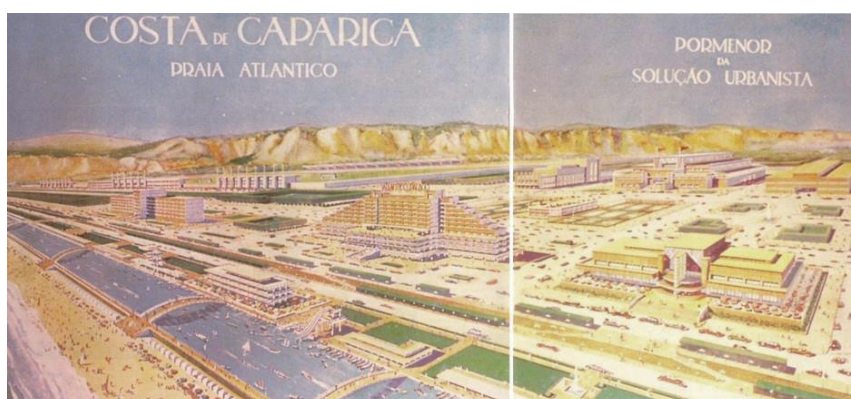


25. Gravura da Costa Antiga.  
Autor desconhecido.

Fonte:  
NEVES, Mario Silva - **Costa da  
Caoarica no Areal do Tempo**.  
Costa da Caparica:[s.n.]. Almada.  
1931. ISBN:978-989-20-1288-9.  
p.71

26. Gravura da Costa da  
Caparica, de Rafael Boldalo  
Pinheiro.

Fonte:  
NEVES, Mario Silva - **Costa da  
Caoarica no Areal do Tempo**.  
Costa da Caparica:[s.n.]. Almada.  
1931. ISBN:978-989-20-1288-9.  
p.44/45



27. Plano Urbano para a Costa  
da Caparica, projecto do  
arquitecto urbanista Cassiano  
Branco (1930).

Fonte:  
[https://almada-virtual-  
museum.blogspot.pt/2014/07/c  
osta-da-caparica-  
urbanismos.html](https://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2014/07/costa-da-caparica-urbanismos.html)

### 2.2.2. APÓS O SÉC. XIX

A Costa da Caparica pertenceu ao Monte da Caparica, até a integração na freguesia da Trafaria em 1926, onde se encontrava o Porto de Pesca. Mais tarde, com a divisão e independência administrativa em 1949, é a freguesia mais nova no Concelho de Almada. Foi elevada a Vila em 1985 e ganhou o estatuto de cidade em 2004.

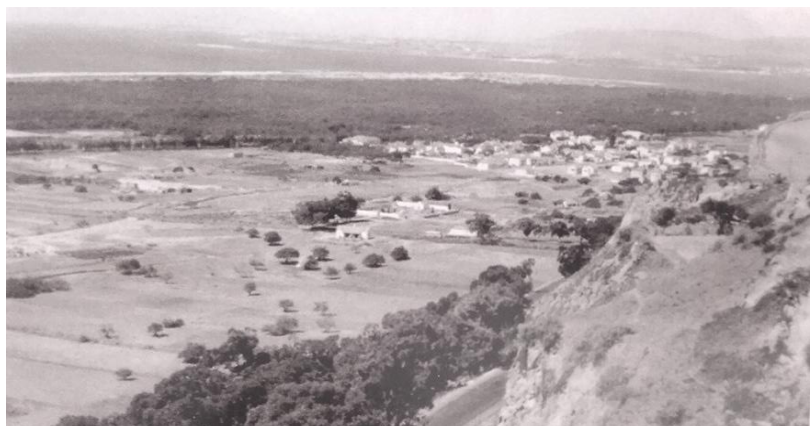
A cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa formou-se em 1923, ficando ligada aos pescadores da margem sul. Desta forma, com o passar do tempo, as condições da pesca e de produção agrícola tornaram-se mais rentáveis e produtivas, acompanhadas pelo desenvolvimento das técnicas artesanais. Os vendedores começaram a abastecer os mercados nacionais, como o Mercado da Ribeira. (FERNANDES, 2012)

A Costa foi considerada estância de turismo em 1925, com a concepção de lugar ideal de “Praia e Sol”, pela areia, limpidez do céu, temperatura da água. Daí em diante proliferaram várias moradias para veraneio, e vários balneários punham barracas e toldos na praia, alugados por veraneantes. (FERREIRA, 1991, p. 62-63)

Em 1966, assinala-se a construção da ponte sobre o Tejo, e mais tarde ocorreu a revolução política democrática em 1974. Daí em diante, exponenciou-se o crescimento demográfico e por consequência o crescimento urbano de toda a AML, nomeadamente da área da Costa da Caparica. (SALGUEIRO, 2001, p. 133)

**28.** Vista panorâmica do miradouro dos Capuchos (1923).

Fonte:  
MARTINS, Salvador Felix Félix - **Caparica doutros tempos**. Lisboa: Socingraf, Lda, 2004. p.140.





Instala-se um fenómeno de urbanização acelerada pela construção civil do sector privado, passando pela construção de núcleos habitacionais, bem como o desenvolvimento de respectivos serviços à população e turistas, redes de transportes e de infraestruturas. Desta forma, através do “boom” da especulação imobiliária, algumas moradias de verão deram lugar a prédios e apartamentos, tardiamente aparecendo as torres habitacionais da Costa. (FERREIRA, 1991, p. 64)

A percentagem da população “autóctone” começou a ficar em minoria, primeiro pela vinda de homens associados a todo o desenvolvimento urbanístico, e seguidamente por trabalhadores ligadas ao sector terciário que mudaram a residência para a Costa da Caparica, servindo-se desta como dormitório. Simultaneamente, instalam-se imigrantes derivados do processo da independência dos países africanos formados nas colónias portuguesas<sup>19</sup>, é o caso originário do bairro informal de Terras da Costa (BRAGA, [s.d.])

Actualmente a Costa da Caparica é constituída por um fluxo multicultural de pessoas, por surtos migratórios, tanto internos como externos.

Consequentemente ao rápido incremento substancial nota-se a redução das áreas agrícolas e florestais. Os animais são substituídos pelas máquinas, a mata por uma área urbana consolidada, recorre-se à utilização de químicos e regas por aspersão, agravado pelas alterações climáticas. O microclima das *Terras* desvanece. (Martins, 2004, p. 82-84)



**29.** Vista panorâmica do miradouro dos Capuchos (2016).

Fonte:  
Fotografia da autora.

<sup>19</sup> As colónias portuguesas foram causadas pelas ascendências às guerras e possessões ultramarinas em territórios Africanos, por parte dos portugueses.

### 2.3. TERRAS DA COSTA

“ Quintas e Casais Espalhados, Pitorescos e rendilhados, Separando vizinhos os horizontes. (...)	Homens do campo a cultivar, Em regos alinhados Carreiros aprumados Fim se semana a chegar Terras prontas a semear”
---	--

(Martins, 2004, p. 68)

Desenvolveu-se uma comunidade agrícola nas *Terras da Costa* da Caparica, onde se reuniam todas as condições favoráveis à agricultura. Sob o “Toldo Natural”, concentra-se à superfície o calor e a humidade junto à alta falésia, localiza-se a única estufa-fria natural conhecida. (Martins, 2004, p. 83-84)

A arriba<sup>20</sup> serve de protecção dos ventos, projecta humidade trazida pelas brisas marítimas e reflecte os raios solares directos, transmitindo calor acumulado à noite. As terras da Costa, seguidas da arriba, encontra-se a poucos metros acima do nível da água do mar, “Outrora submersa por águas com abaixamento do nível das águas”. Do elemento animal (restos de peixe, bovino) era aproveitado para fazer estrume, que enriqueciam estas terras e tornava-as altamente produtivas. (Martins, 2004, p. 83-84)



**30.** Arriba fossil na Costa da Caparica, em tempos.

Fonte: MARTINS, Salvador Felix Félix - **Caparica doutros tempos**. Lisboa: Socingraf, Lda, 2004p.77

---

<sup>20</sup> A cota máxima da arriba é superior a 100 metros de altitude.



Desta forma, para quem trabalhava as terras, foram autorizadas a construção de pequenas habitações unifamiliares dispersas, quintas, armazéns e estruturas de apoio à agricultura. Na década de 70, fixam-se clandestinamente e espontaneamente nas *Terras*, indivíduos oriundos do processo de descolonização dos países africanos, autoconstruindo os seus abrigos, as suas casas, sem qualquer processo legal.

Delimitado entre a arriba fóssil a nascente e o concentrado urbano de malha ortogonal com construção em altura, seguido por média e baixa densidade até ao encontro do mar a poente, as *Terras da Costa* foram paulatinamente ocupadas por assentamentos informais. Identifica-se intuitivamente, um conjunto de casas rasteiras e precárias, o Bairro *Terras da Costa*, também designado por bairro *Terras do Lelo*.

Verifica-se o pico de densificação na década de 2000. Hoje em dia, encontra-se uma comunidade multicultural, onde vivem aproximadamente 400 pessoas, “subdividida” em aglomerados: os africanos, os de etnia cigana e os migrantes portugueses. A população activa, trabalha na sua grande maioria a agricultura, as mulheres como domésticas e os homens na construção civil. (COSTA e MOREIRA, 2013)

Numa porção de terras “baldias”, sem especulação, construiu-se e ampliaram-se barracas e casas, recorrendo a materiais de construção *à-mão*, como chapas metálicas, telhas cerâmicas, lonas de plástico, tijolos e pedra, sem qualquer infraestruturas básicas de salubridade (canalização de água, esgotos electricidade). (MOUTINHO, 2014)



**31.** Casas rasteiras do bairro Terras da Costa.

Fonte:  
Autor desconhecido.



**32.** Terrenos agrícolas em volta do bairro.

**33.** Cultivar as Terras da Costa.

**34.** Habitar as Terras.

Fonte:  
autor desconhecido





35. Habitar as Terras.

36. Habitar as Terras.

37. Habitar as Terras.

Fonte:  
Autor desconhecido

As *terras da costa* são terrenos agrícolas pertencentes à REN, na zona de protecção da Arriba Fóssil da Costa da Caparica. Neste sentido, o bairro foi desenvolvido clandestinamente, e constata-se a falta de bens básicos nas habitações, não existe água canalizada, não possuem infraestruturação de saneamento básico, funcionando com fossas, apesar de os campos agrícolas vizinhos terem sistemas de irrigação. A luz e a electricidade estão sujeitas a pagamento por assinatura, que permitem alimentar frigorífico e televisão. (COSTA e MOREIRA, 2013)

Não há nenhum plano estratégico de implementação para solucionar as condições de habitabilidade da população das Terras da Costa, a não ser o realojamento em bairros camarários. Os residentes, na caminhada entre lutas e conquistas, pelo interesse pelos seus direitos enquanto cidadãos e pela melhoria das condições de habitabilidade, insistem em permanecer nas “suas” *terras* e queixam-se de segregação por parte das autoridades. (COSTA e MOREIRA, 2013)

Os habitantes há muito que pediam um ponto de água no bairro - Há muito que pediam uma cozinha, um local para as crianças brincarem, uma sala de reuniões para a Comissão de moradores.



**38.** Enquadramento geral do bairro Terras da Costa.

Fonte:  
Fotografia da autora.

### 2.3.1. DINÂMICAS SOCIAIS

A pressão dos moradores levou à instalação do chafariz, trazendo água canalizada ao bairro pela construção de uma cozinha comunitária em 2014. Até à data a população abastecia-se de água potável num chafariz situado cerca de 1 km do bairro. (BRAGA, [s.d.])

O projecto experimental da cozinha comunitária<sup>21</sup>, desenvolvido pelo colectivo Warehouse, apesar de trazer água, também impulsionou dinâmicas sociais, tanto pela concepção e construção participada do objecto arquitectónico, como pelas multifuncionalidades que o equipamento acolhe. (BRAGA, [s.d.])

O projecto Fronteiras Urbanas, com início em 2009, parte de uma equipa pluridisciplinar de educadores, sociólogos, artistas e estudantes académicos que se envolvem num trabalho participado directo com os moradores: na aplicação de sucessivas dinâmicas sociais, na luta contra a alfabetização, por frequência de cursos e de formações educacionais de cidadania e socioculturais, direccionados à integração social. (BRAGA, [s.d.])

Como um membro da comissão de moradores Durval de Carvalho referiu *“Já não somos invisíveis”*.



**39.** Cozinha Comunitária no bairro Terras da Costa.

Fonte:  
<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliermob-plus-projecto-warehouse/>

---

<sup>21</sup> Ver mais informações nas páginas 66 e 67.



# DA HABITAÇÃO AO HABITAR

## PRÁTICAS DE HABITAÇÃO SOCIAL

O rico está em casa  
Mesmo no estrangeiro,  
E o pobre é estrangeiro  
Em sua própria terra.

(ditado popular oriental)





### 3. DA HABITAÇÃO AO HABITAR

#### PRÁTICAS DE HABITAÇÃO SOCIAL

“O homem é na medida em que Habita” (HEIDEGGER, 1989)

##### 3.1. [COM] TEXTO DAS TERRAS

Assentamentos informais são “ (...) construções clandestinas nomeadamente realizadas por estratos muito pobres, constituindo as chamadas barracas e bairros de lata. Enquanto tal consideramos precárias.” (LOBO, 1989)

A construção de casas espontâneas formam o bairro informal, sendo o caso da comunidade *Terras da Costa*. As casas são adaptadas às necessidades do agregado familiar bem como à sua situação socioeconómica. Deste modo, a casa sujeita-se a transformações continuadas numa sequência evolutiva por acréscimos fragmentários, condicionados pelos recursos disponíveis e pelas condições físicas do lugar. Geralmente, são compostos pelos materiais à-mão, recolhidos na metrópole, recorrendo ao método de autoconstrução. Deparamo-nos com abordagem actual da “arquitetura popular” nas cidades presentes contemporâneas. (JACQUES, 2007, pp. 21– 57)



40. Habitar Periférico.

Fonte:  
<http://www.belasartes.br/site/acontece/noticias?n=1490>

Gentes desfavorecidas, numa condição económica instável, tem tendência a instalar-se clandestinamente “do lado de fora”, normalmente em terrenos arrabaldes ou sem especulação imobiliária nas periferias da cidade. Repercutem-se no espaço informalmente “Os barracos das favelas são compostos de fragmentos; a aglomeração de barracos forma labirintos; estes, por sua vez, se desenvolvem pela cidade como rizomas.”(JACQUES, 2007, p. 15)

Neste contexto, avista-se uma comunidade *Terras da Costa*, composta por um aglomerado de habitações sem planeamento urbano, que se distinguem da paisagem urbana envolvente por uma massa construtiva, no seio de terrenos agrícolas, onde as construções espontâneas da comunidade são de piso térreo, com tipologia corrente de barracas e casas melhoradas em tijolo, sem infraestruturação básica, sem condições de habitabilidade, sem espaço público qualificado, onde são evidenciadas descontinuidades e segregações urbanas e sociais da envolvente.

As áreas informais, à margem do sistema politico-capitalista, são tomadas como grande estigma social pelo “lugar do outro”, por pessoas de fora é lhes associada uma imagem negativa de rutura, pela degradação social, pobreza e baixa percentagem da taxa de desemprego, enquanto quem neles vive os denomina de comunidade, associado a imagem dos seus lares e a condição da sua sobrevivência. (JACQUES, 2007, pp. 21– 57)

Segundo modos de vivências em comunidade, estes revelam capacidades de entre ajuda e tipificações construtivas populares, adquirindo afinidade com o espaço construído, contrariamente às classes burguesas, para quem a construção é meramente produto de mercado gerida pelo grande sistema capitalista das sociedades ocidentais. (BANDEIRINHA, cit por John TURNER, 2007, pp. 44– 48)

John TURNER (1976) apresenta soluções habitacionais destinadas às pessoas com recursos limitados, face às problemáticas inerentes ao sistema político e económico dominante:

a) O que importa é o que a habitação faz às pessoas, mais do que o objecto arquitectónico só por si. Torna-se importante a *participação* da população no processo de decisão, auto governação e produção da habitação.

b) A economia da habitação é mais uma questão de desenvoltura pessoal e local, em vez de controlada e centralizada na produtividade industrial. É importante consentir os recursos disponíveis e tecnologias adequadas à *auto produção*.

c) As pessoas nas suas próprias localidades têm a autoridade final sobre as suas habitações, dependendo das necessidades e rendimentos. A casa deve ser tomada como investimento progressivo, a partir da *habitação evolutiva*.

As concepções referenciadas são particularmente pertinentes em contexto de habitação social e de realojamento. Nos casos das pessoas que são retiradas das casas que elas próprias construíram, para habitações muitas vezes uniformizadas, verifica-se uma perda no controlo e no domínio sob a sua própria habitação, perdendo a relação identitária do morador com a casa.

“É aqui, no desejo pessoal de cada um ter a sua casa, na vontade de ser ele próprio a fazê-la, que reside a alternativa aos desastrosos projectos de alojamento em série de tantos Governos” (FATHY, 2009, p. 40)

A arquitectura só por si não resolve esta problemática tão vasta e tão profunda, o sistema de governação implementado também não resolve, apesar do papel tão fundamental na gestão e na organização da sociedade. Os estudos salientam a função primordial do arquitecto na posição intermediária fundamental na resposta habitacional, entre o sistema capitalista, os órgãos políticos, o cumprimento de normas legislativas, e os habitantes, na procura de soluções para as necessidades destes, tornando-se num “assistente técnico”. (TURNER, 1976)

### 3.2. O ARQUITECTO E A HABITAÇÃO

Cabe ao arquitecto actuar conforme a realidade geral, e não apenas segundo uma parte da realidade para que todas as classes sociais tenham direito aos benefícios da sociedade, dignidade habitacional. ( TAFURI, Manfredo. cit. BANDEIRINHA por 2007, p. 21)

No processo da Habitação personalizada é recorrente o trabalho conjunto entre os arquitectos e os clientes, de forma parcial, respondendo às necessidades e desejos, a quem se destina:

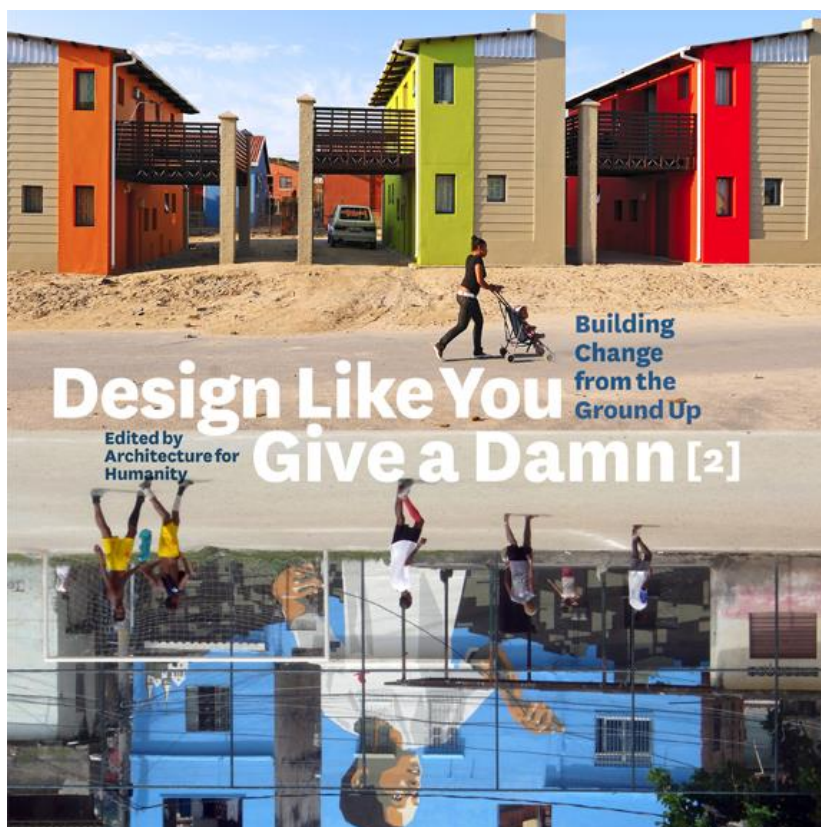
- a) De modo passivo, o cliente corrente, recorre ao arquitecto para que, de acordo com o seu gosto e ambições, desenvolva o projecto habitacional, tomando parte integrante neste.
- b) De forma activa, destinado a classes mais desfavorecidas, por iniciativas e identidades internas governamentais, o arquitecto trabalha directamente com os moradores, procurando responder às suas necessidades habitacionais, e desenvolve-se de modo participado um projecto arquitectónico.

Desta forma, é importante identificar as prioridades do utilizador no processo de identificação com a nova casa, rua, bairro, aproximando os diferentes protagonistas envolvidos no projecto.

Segundo Turner, O arquitecto como profissional deve intervir como assistente técnico e conselheiro dos moradores, no planeamento da habitação, na procura de uma resposta ajustada, de acordo com cultura, necessidades do agregado familiar e respectiva posição socioeconómica, recursos disponíveis, de modo a viabilizar e a economizar custos em material, construção e tempo. Neste contexto, recorre-se a conceitos práticos de habitação participada, habitação autoproduzida e habitação evolutiva. (TURNER, John. cit por J BANDEIRINHA, 2007, pp. 44– 48)

Na habitação sem planeamento, os habitantes concebem espaços e constroem-nos seguindo a sua intuição, a sua experiência e respectivas necessidades. Sem formação e acompanhamento é comum surgirem problemas relativos a questões técnicas, como por exemplo, a estrutura construtiva, por vezes, não é devidamente calculada só por si ou para suportar expansões posteriores ou de infraestruturação.

Justifica-se o contínuo envolvimento entre o arquitecto e a população em todo o processo, desde a tomada de decisões até à construção do bairro e da habitação, para que esta adquira identidade. Sustentado em diálogo educacional e formação, sendo imprescindível “educar a população urbana”, em prol da igualdade de direito à cidade e à habitação, assegurando uma harmonia (co) existencial social. (ROGERS e GUMUCHDJIAN, 2014, p. 17)



**41.** Capa do livro "Design Like You Give a Damn" editado por Architecture for Humanities.

Fonte:  
AAVV - **Design Like You Give A Damn..**  
Architecture for Humanity. ABRAMS USA,  
2012. ISBN:0810997029

### 3.3. O HABITANTE E A HABITAÇÃO

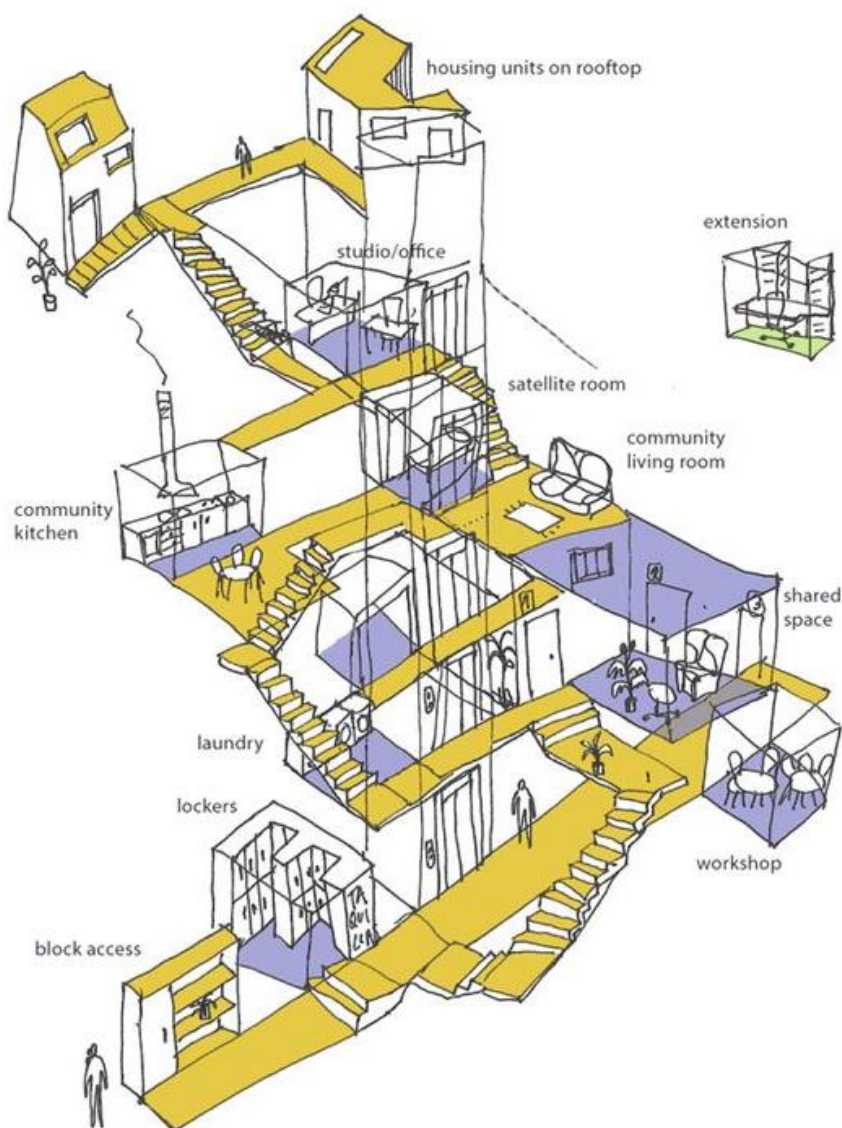
A “ (...) acção de “tomar de propriedade”, tornando-se próprio e a si adaptado um dado elemento residencial.” (COELHO, 2000, p. 321)

A apropriação consente em fortalecer relações de identidade, convencionando o sentimento de pertença e a identificação com a casa, posicionando a sua relação e a tomada de posse.

A habitação transcende o carácter físico de abrigo e respectivo sentimento de protecção, para um carácter sociocultural de dimensão preceptiva, tornando-se um artefacto cultural, reflexo de procedimentos de territorialização pessoal, derivados de hábitos e estilos de vida de quem nela habita.

Os espaços carregam significados e sentimentos indefinidos, e por vezes tendências contrárias, encontrando um equilíbrio com a “imagem e semelhança do Homem”. A entrada da casa (e.g.) protagoniza o espaço de encontro entre o domínio privado e o público, do interior para o exterior, onde Hertzberger apresenta o seguinte cenário da “ criança sentada no degrau em frente à sua casa está suficientemente longe da sua mãe para se sentir independente, para sentir a excitação e a aventura do grande desconhecido. Mas ao mesmo tempo, sentada no degrau que é parte da rua bem como da casa, sente segurança por saber que a sua mãe está por perto. A criança sente-se em casa e ao mesmo tempo no mundo exterior. Esta dualidade existe graças à qualidade espacial da soleira enquanto plataforma (...) o lugar onde dois mundos se sobrepõem mais do que uma rígida demarcação.” (HERTZBERGER, 2005, p. 32)

Ainda que a contingência dos conceitos privado e público, interior e exterior, sejam uma questão de organização espacial, os instrumentos arquitectónicos possibilitam ao arquitecto a concepção de espaços sentidos, com uma intrínseca carga simbólica, através da percepção e das vivências locais, a fim de os protagonistas do espaço registarem o modo de habitar por acções que testemunham o seu *ser* e modos de *estar* no plano de acção. (HERTZBERGER, 2005, p. 83)



**42.** Caricatura da transição interior-exterior. Habitar no Bairro.

Fonte:  
Autor desconhecido

### 3.4. HABITAÇÃO PARTICIPADA, AUTOPRODUZIDA E EVOLUTIVA

#### 3.4.1. PARTICIPAÇÃO E AUTO PRODUÇÃO

A “ (...) única forma de construir formas que sejam “amados” pelos seus habitantes é através da participação destes no processo, o simples facto de um individuo participar no planeamento ou na construção da sua casa ou do seu bairro, estabelecendo um vínculo com o objecto concretizado.” (AAVV, 2006, p. 28)

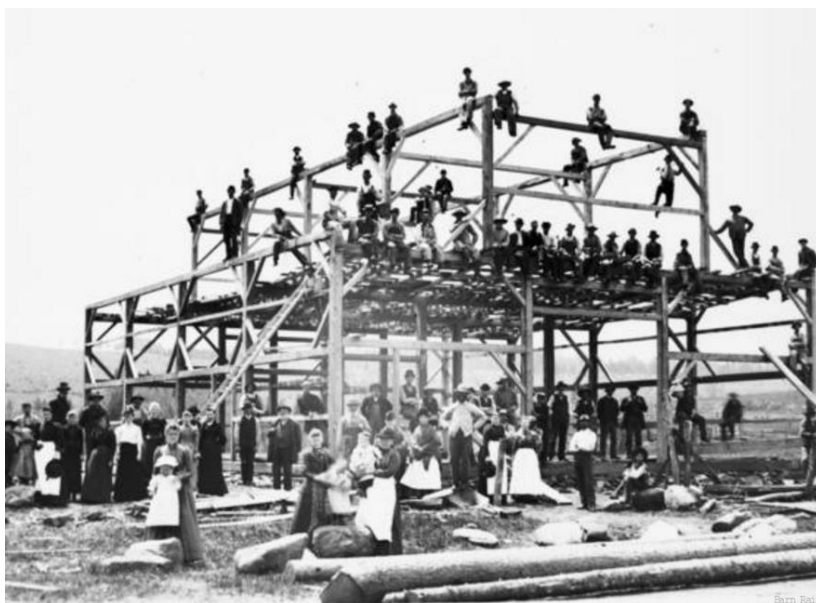
Para PETRESCU (2005, p. 45) o íntegro desenvolvimento projectual é mais importante que o resultado final, significa que o procedimento em comunidade é mais importante do que o objecto arquitectónico.

O processo participativo na habitação, ou seja, o envolvimento do arquitecto em conjunto com o habitante na concepção e produção das suas habitações, na decisão da organização espacial, permite uma resposta arquitectónica, tanto às necessidades funcionais, como às emocionais. Consequentemente surge o desejo de cuidar e manter “o seu” espaço, evitando desta forma o abandono descuidado e respectiva degradação. Interno ao pensamento do sociólogo Henri Lefebvre, resulta assim a criação de identidade e apropriação do espaço, a partir de conjunto de “significações percebidas e vividas” (LEFEBVRE, 2001, p. 111)

“ O envolvimento da população nas tomadas de decisões pressupõe que o ambiente construído se torne parte básica da formação e um componente importante do nosso currículo nacional de educação” (ROGERS e GUMUCHDJIAN, 2014, p. 17)

O papel do arquitecto passa por mobilizar e informar a população, sob todos os aspectos políticos, legais, económicos, através do diálogo, permitindo que os habitantes sejam capazes de interrogar as heterogeneidades e tomar consciência sob a própria situação e posição social, com o objectivo de abrir horizontes à população a novos significados e possibilidades de integração social, sob diretrizes para o desenvolvimento do projecto participado e de construção colectiva.





**43.** Processos de projecto participado e auto produção.

Fonte: <http://www.warehouse.pt/>

**44.** Auto construção em tijolo.

Fonte:  
<http://www.cimentoitambe.com.br/wpc-content/uploads/2013/02/autoconstrucao.jpg>

**45.** Auto construção da Cozinha Comunitária nas Terras da Costa.

Fonte:  
<http://www.warehouse.pt/>

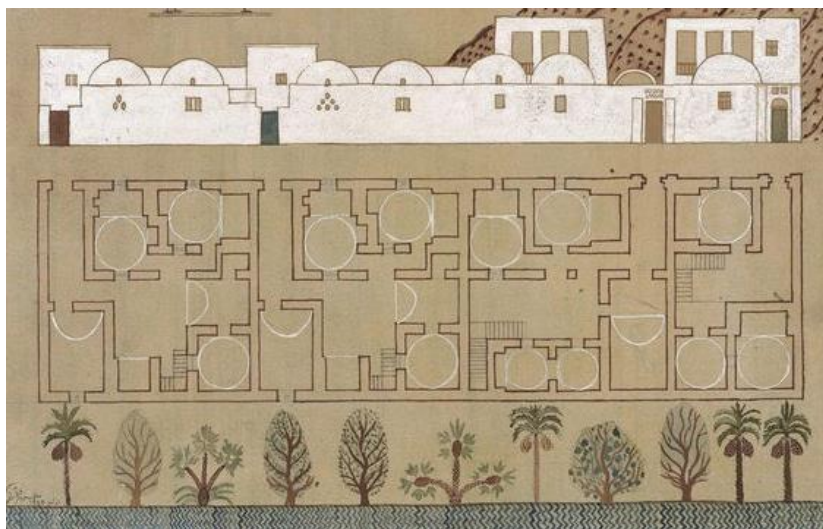
Há um variado leque de exemplos de arquitectos, com muitos casos de referência, que lideram o projecto enquanto educador e técnico e aproximam os protagonistas envolvidos no planeamento urbano e arquitectónico, recorrendo a processos participados e à autoconstrução pela população local, em locais emergentes.

O arquitecto Hassan Fathy dedicando-se à *Arquitectura para os Pobres* (FATHY, 2009) no Egipto, no século XX, trabalha sobre o conceito de renovar a arquitectura tradicional, readaptando os meios tecnológicos à evolução dos tempos, pela construção das casas dos camponeses, recorrendo a processos participativos e de autoconstrução com a população. Desta forma, o autor demonstra que os custos da operação são substancialmente reduzidos e defende que o vínculo dos moradores com a casa são criados no acto de participação pelo esforço na sua concretização.

O autor desenvolve o plano de realojamento para 7000 camponeses, em New Gourni (1946), reunindo em trabalho técnico geólogos e engenheiros com o intuito de otimizar soluções construtivas, utilizando os recursos disponíveis tradicionais, associados ao facto de serem construídos pela população local. (FATHY, 2009, p. 151)

Os tyin Tegnestic architects desenvolvem projectos como *Cassia Coop Training Centre* (2011), em Sumatra, Indonésia, com os trabalhadores locais, edificado simples em tijolo, e uma sala de estrutura independente, em madeira, tendo em vista as condições geológicas.

Os arquitectos Toshiko Mori projectam a *Residência do Novo Artista* (2015), em Senegal, a fim do cruzamento de artistas internacionais, locais senegaleses, com a população. O projecto foi desenvolvido com sistema de reaproveitamento de águas de acordo com a condição climáticas, usando materiais e mão-de-obra local, com os seus conhecimentos em trabalhos com bambu, tijolo e sapé, sendo estas técnicas tradicionais combinadas com inovações de design dos arquitectos.



**46.** Plano *New Gurna*, projecto de Hassan Fathy (1969).

Fonte:  
FATHY, Hassan - **Arquitectura para os Pobres: Uma Experiência no Egipto Rural**. Argumentum e DinaLivro, 2009. ISBN 978-972-576-550-0

**47.** *Cassia Coop Training Centre*, projecto de TYIN Tegnstue Architects (2011).

Fonte:  
<http://www.archdaily.com/274835/casia-coop-training-centre-tyin-tegnstue-architects>

**48.** Face de construção e final do *Thread Artist Residency And Cultural Center*, projecto de Toshiko Mori (2015).

Fonte:  
<http://divisare.com/projects/284611-toshiko-mori-iwan-baan-thread-artist-residency-and-cultural-center>

Francis Kéré desenvolve uma série de projectos em África, caracterizada por métodos construtivos simples e a baixo custo, com o uso de materiais locais, a aplicação de tijolo e cobertura em chapa metálica, de modo a ser construído pela população. Por exemplo, a *Opera Village* em Burkina Faso, ainda em crescimento construtivo, une recursos e fundos para introduzir instalações residenciais, educacionais e recreativas num projecto com estratégia para o desenvolvimento positivo.

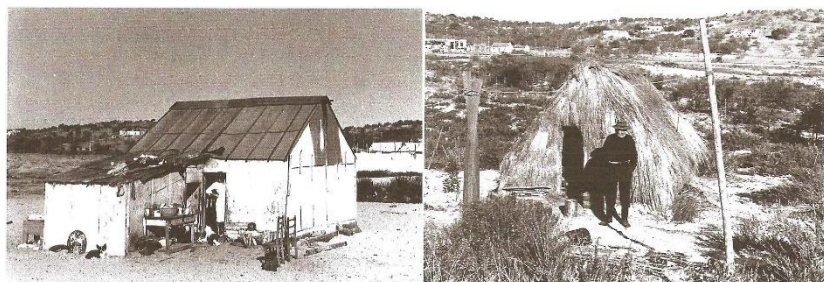
Nacionalmente, dentro dos vastos projectos participados do movimento SAAL<sup>22</sup>, o projecto do Bairro da Meia Praia<sup>23</sup>, é uma referência de práticas de entre ajuda, dentro da aldeia piscatória em Lagos, recorrendo à autoconstrução efectiva, reforçando o sentimento de apropriação da casa e da comunidade. (TELLES, 1976)

Pretende-se reduzir substancialmente os custos - investir na autoconstrução como meio, com utilização à baixa tecnologia, facilmente exequível e dominável, com a respectiva formação necessária de mão-de-obra, através do estabelecimento de um sistema global de construção integrado.

Agregado ao conceito de auto construção é facilmente detectável a lógica aditiva da construção espontânea da casa, por fragmentos. É pertinente investigar sistemas de construção flexível, de forma a moldar-se à evolução socioeconómica dos seus habitantes, por eventuais e posteriores ampliações físicas da habitação.

49. Abrigos originais da Meia Praia.

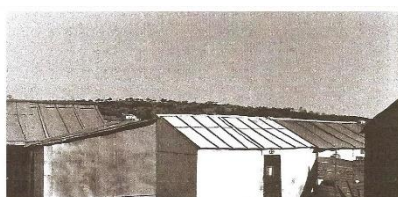
Fonte:  
<http://revistapoderlocal.pt/>



<sup>22</sup> Ver mais informações acima na página 21.

<sup>23</sup> Dirigido pelo arquitecto José Veloso, em 1976





**50.** Corte transversal do plano *Opera Village*, projecto de Diébédo Francis Kéré.

**51.** Fotografia do Habitar na *Opera Village*.

Fonte: <http://www.kerearchitecture.com/projects/opera-village/>



**52.** Intervenção SAAL no bairro da Meia Praia.

Fonte: <http://revistapoderlocal.pt/>

### 3.4.2. HABITAÇÃO EVOLUTIVA

“Tudo evolui, não há realidades eternas” (Nietzsche, 1878)

O processo dinâmico de evolução da sociedade não se mantém fixo no tempo, e consequentemente as infraestruturas também não. Da mesma forma que BAEZA, (1995, p. 2) resume a evolução da habitação no espaço temporal, a cave para o homem animal, a cabana para o homem racional e finalmente a casa para o homem ser culto e criador. Assim também a unidade de Habitação espontânea muda, primeiro a casa como abrigo, recorrendo a materiais fáceis de manusear, e disponíveis no local, seguidamente “o morador vai adequando a casa, conforme as suas possibilidades económicas, substituindo o material da construção por alvenaria e estrutura em concreto, aparentando maior estabilidade”(ABLA, 2011, p. 82).

A casa, como uma estrutura viva, adapta-se às necessidades e desejos de quem a habita. A evolução visa a melhoria gradual de um abrigo decente e saudável, segundo as condições socioeconómicas de adequação aos recursos e mutações do agregado familiar carências dimensionais do espaço, contemplando necessidades e aspirações. (COELHO e COELHO, 2009, p. 19)

Na qualidade projectual de planeamento participado, o arquitecto e o habitante determinam, em concordância, estratégias de flexibilidade para posteriores extensões da casa.

A flexibilidade é alcançada através de alterações físicas, dos limites da casa. É um termo aplicado às mudanças interiores e exteriores, mudanças temporárias com paredes deslizantes, ou evolução da habitação para o exterior por expansão, através de mudanças permanentes com o aumento da área útil, respectivamente. (HERTZBERGER, 2005, p. 146)

53. Bairro informal. Fotografia de Dionisio Gonzalez (2004).

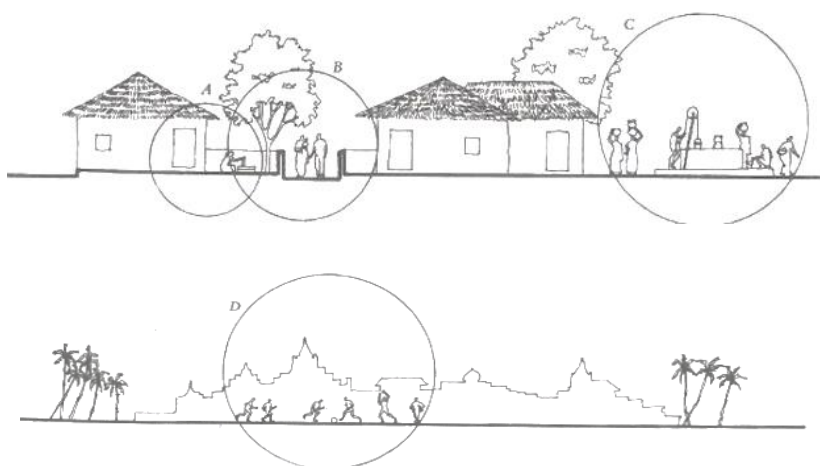
Fonte:  
<http://oralmemories.com/dionisio-gonzalez/>



A evolução por expansão pode realizar-se através da articulação de volumes discretos (núcleo inicial e várias extensões), seja no sentido vertical ou horizontal, variações volumétricas em espaços modulares, pela junção de volumes complementares ao núcleo inicial. O equilíbrio entre os núcleos possibilita o desenvolvimento de habitações iniciais económicas, para o posterior encerramento de gerações de imagens urbanas diversificadas e ricas. (COELHO, 2003, p. 222)

Verticalmente, a estrutura tem que ser calculada correctamente para subcargas futuras, planejar acessos, dependendo da forma e da localização. Horizontalmente, deve conter estratégias de flexibilidade de espaços abertos ou suplemento do espaço, permitindo logo à partida uma extensão mais fácil. Inerente ao plano habitacional, estão as circulações/distribuição e o acesso às futuras extensões logo de início.

Charles Correa propõe habitações evolutivas por expansões horizontais, em construção de baixa altura, em zonas críticas de crescimento urbano informal na Índia. Além de reduzir custos de construção pela diminuição de pisos e uso de recursos naturais locais, em vez de quantidades exuberantes de ferro e vidro que são importados para a construção dos edifícios altos, também contribui para a diminuição da taxa de desemprego ao empregar os próprios habitantes como construtores das suas próprias casas.



**54.** Espaço aberto para o céu.  
Hierarquia de espaços: A - Pátio, B –  
escadas em frente da porta, C – fonte,  
D – espaço comunitário.

Fonte:  
CORREA, Charles - The new landscape :  
urbanisation in the third world, Oxford:  
Butterworth  
Architecture, 1989. p.32-33

Charles Correia também defende que a qualidade de vida é superior nas construções de baixa altura e a interactividade social é mais saudável. Com estas premissas, admitimos de igual modo extensões horizontais, como solução integrante a todo o contexto habitacional exposto. (CORREA, 2000)

Retomando a referência das intervenções participadas do SAAL, o projecto da Quinta da Malagueira<sup>24</sup>, em Évora, assiste ao planeamento de Habitações evolutivas horizontalmente, sob a forma rectangular (8x11m), que se divide em duas tipologias de habitação base, Tipo A e Tipo B, com pátio integrante, ambos podem ser aumentados “sob camadas”, até dois pisos, chegando aos cinco quartos.

Mais recentemente há os vários projectos de arquitectura social de habitação evolutiva dos ELEMENTAL architects, a quem foi atribuído o mais recente prémio do Pritzker. O caso de referência la Quinta Monroy, em Iquique será abordado no subcapítulo seguinte.

A integração de uma solução em habitação evolutiva “ (...) terá pelo menos duas medidas possíveis, uma de natureza funcional relativa ao comportamento económico e social da população, outra de natureza visual, ou melhor, espacial relativa à imagem do bairro e à sua relação morfológica com a cidade”. (PORTAS e Dias, 1972, pp. 100–121)

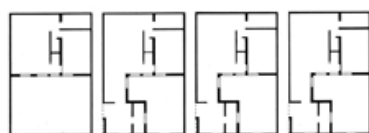
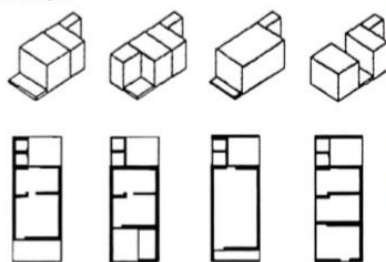
É necessário qualificar os ambientes urbanos e arquitectónicos, através dos recursos disponíveis, e de um desenho de tipificação à essência da casa, dando carácter identitário ao conjunto agregado de habitações, na medida do *habitar*. Para tal, recorre-se ao desenvolvimento de um plano assente em processos participativos, de autoconstrução que torna um elo de ligação forte entre o habitante e a casa e num sistema evolutivo, que permite encará-la como um “investimento” crescente. (Aravena e Iacobelli, 2013)

---

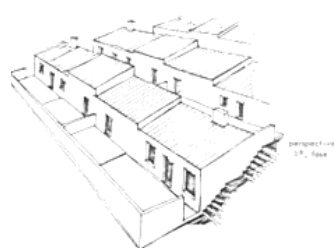
<sup>24</sup> Implementação de 1200 habitações, projeto de Álvaro de Siza Vieira, (1973).



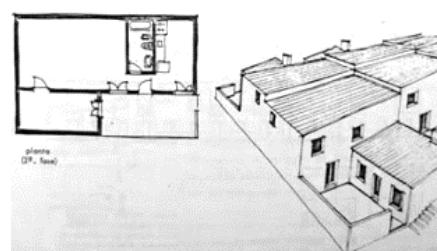
Flexible Layout



Tipo A  
Type A



Fase Inicial Fase Final



55. Esquemas de possíveis ampliações das habitações para o plano Aranya Low Cost Housing, Indore, India.

57. Habitações Aranya Low Cost Housing, Indore, India.



Fonte:  
[http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242\\_Ind.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242_Ind.pdf)

58. Desenhos técnicos da habitação Tipo A e Tipo B para Quinta da Malagueira. Desenho perspectivado da Quinta da Malagueira.

56. Fotografia Alçado da Quinta da Malagueira.

Fonte:  
<http://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza>

### 3.5. CASOS DE ESTUDO

“ As situações de maior sucesso que observamos são aquelas onde cada um – proprietários, seus representantes, técnicos privados e públicos desempenham com convicção o seu papel, em diálogo com os demais e com o objectivo comum de reconversão, bem como da qualificação do território.” (RAPOSO e VALENTE, 2010)

#### 3.5.1. ELEMENTAL ARCHITECTS

“ Se a arquitectura do Chile é boa, está a ser reconhecida internacionalmente, como é que as casas sociais são más?” (Aravena e Iacobelli, 2013, p. 28)

Avistando a cidade do Chile, os autores depararam-se com a questão da habitação social: a população com rendimentos escassos tende a instalar-se periféricamente, onde as oportunidades são menores, com carência de serviços e de equipamentos. Vastas áreas compostas por pequenas casas espontâneas, na média dos 35 m<sup>2</sup> por agregado familiar, onde a sobrelotação, deterioração urbana é corrente. Racionalizando o cenário comum das áreas informais (de *slums*, *favelas*, *squats*), os arquitectos chilenos fundamentam a investigação na Universidade de Havard focada na *Habitação Social*, formando mais tarde o atelier *Elemental Architects*<sup>25</sup>. (Aravena e Iacobelli, 2013, p. 28)

O processo de investigação passa por um processo de adaptação de mentalidades pelo estudo e pela aceitação do contexto social natural em áreas sociais informais, na procura de como melhorar as condições dignas de habitacionais.

De forma pragmática e realista, procuram extrair o essencial, separando o que é dispensável e acessório do mínimo fundamental imprescindível. Formulam então perguntas: como melhorar o *standard* da habitação social? Como fazer boas casas com poucos recursos?

---

<sup>25</sup> Formado pelos arquitectos Andrés Iacobelli, Pablo Allard, Alejandro Aravena, em 2000.

O processo de valorização da casa e o combate à pobreza passa, pela fixação numa localização favorável, com oportunidades de acesso aos serviços e equipamentos, ao mercado socioeconómico, e às redes de transportes. A qualidade habitacional exige dimensão, ou seja, tamanho adequado às necessidades do agregado familiar, materialidade e solidez construtiva. (Aravena e Iacobelli, 2013, pp. 18–23)

Fazem crer que a capacidade financeira, que submete à autoconstrução como prática corrente desde a existência humana, não tem que ser visto como um problema, mas como uma solução para o problema, podendo esta consentir com as regras do sistema político-capitalista. Deste modo, adopta-se, o processo de participação com moradores, na fase de planeamento, concepção, construção e respectiva evolução, com uma postura consciente face às necessidades reais dos habitantes e estimulando o sentimento de relativo à casa. (Aravena e Iacobelli, 2013, pp. 26–35)

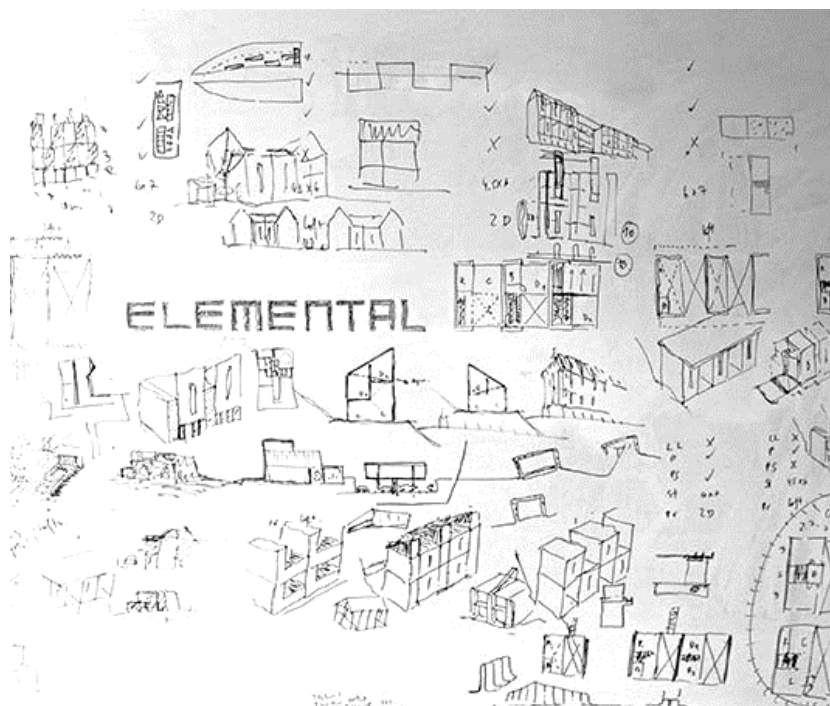
Formulam um protótipo, que se repercute nas diversas intervenções de habitação social, com um desenho em escala humana de conjunto coeso, de casas evolutivas, planeadas previamente de como será aumentada, permitindo que chegue ao tamanho *standard* da classe média. Destaca-se o primeiro caso *Elemental – La quinta Monroy*. (Aravena e Iacobelli, 2013, p. 81)

Nesta instância, encara-se a casa como um investimento crescente, que vai ganhando valor ao longo do tempo e não como um mero gasto social, visto que aumentando o valor, acresce a estima pessoal, e consequencialmente a qualidade de vida. (Aravena e Iacobelli, 2013, p. 18)

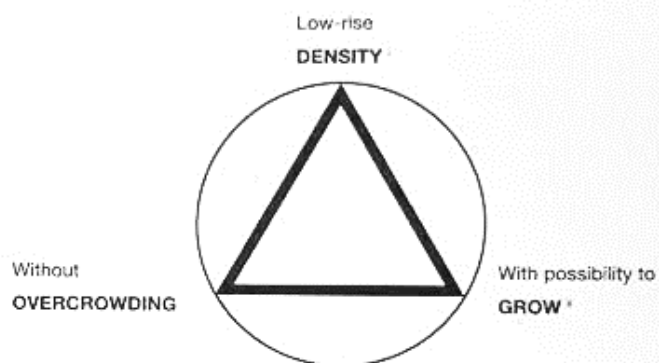


59. Representação da habitação evolutiva dos ELEMENTAL Architects.

Fonte:  
ELEMENTAL ARAVENA, Alejandro;  
IACOBELLI, Andres - **Elemental:  
Incremental Housing and  
Participatory Design Manual**. Box  
Blg edition ed. Ostfildern : Hatje  
Cantz, 2013. ISBN 978-3-7757-3460-  
8.



SOCIAL HOUSING has to solve the following QUESTION



60. Esquços ELEMENTAL Architects.

61. Questões da Habitação Social, segundo os ELEMENTAL Architects.

Fonte:

ELEMENTAL ARAVENA, Alejandro; IACOBELLI, Andres - **Elemental: Incremental Housing and Participatory Design Manual**. Box Blg edition ed. Ostfildern : Hatje Cantz, 2013. ISBN 978-3-7757-3460-8. P.2, p.20

LA VIVIENDA SOCIAL debe resolver la siguiente ECUACION

$$X = \text{DENSIDAD} \begin{matrix} \text{en baja altura} \end{matrix} + \begin{matrix} \text{sin} \\ \text{HACINAMIENTO} \end{matrix} + \begin{matrix} \text{con posibilidad de} \\ \text{CRECER} \end{matrix}$$

### 3.5.1.1. LA QUINTA MONROY, EM IQUIQUE <sup>26</sup>

Arquitectos: *Elemental Architects* (Alejandro Aravena, Alfonso Montero, Tomás Cortese Emilio de la Cerda).

Localização: Iquique, Chile

Ano: 2004

O projecto partiu da necessidade de realojar cerca de 100 famílias que haviam ocupado ilegalmente um terreno da região do deserto da Quinta Monroy, ao longo de 30 anos. Numa área de 5000m<sup>2</sup>, com orçamento escasso. *Elemental* depararam-se com uma série de questões sobre como viabilizar condições de habitabilidade aquelas pessoas. A população defendia o direito ao lugar, e por estar no centro da cidade recusavam ir para a periferia onde o trabalho e as acessibilidades são reduzidas.

As premissas estão assentes, na razão entre o valor e área disponível, pelo que correspondia cerca de 30 m<sup>2</sup>/ habitação por agregado familiar. Optam então por fazer uma habitação evolutiva onde cada família poderia ampliar a sua casa, de acordo com rendimentos disponíveis. Desta forma, dentro do orçamento, o tamanho da casa inicial será de 36 m<sup>2</sup>, com a condição de crescer.

A solução passou pela construção em média densidade de dois ou três pisos, preparadas para admitir expansões. Cada edifício composto por duas casas, uma a nível térreo (6mx6m), podendo expandir-se horizontalmente até 9mx9m, e outra pousada sobre esta, no piso superior, duplex com 3mx6m, podendo expandir-se em mais 3m para cada lado. Respectivamente, localiza-se o módulo de habitação T0 no piso térreo, e o duplex T1 no piso1, com espaços vazios intercalados para as futuras ampliações. Também foram previstos espaços para albergar pequenos negócios, incentivando o desenvolvimento económico do bairro, como ao combate à pobreza das famílias.

---

<sup>26</sup> O texto que se segue tem a respectiva referência bibliográfica (Aravena e Iacobelli, 2013, pp. 86– 486).

Este núcleo inicial, por diálogo e tomada de decisões em conjunto com a população, na condição de conter as áreas iniciais essenciais, com a respectiva infraestruturação: casa de banho, cozinha e espaço de estar/jantar. Já dimensionado estruturalmente para suportar a evolução da casa, com a previsão de aumentar até metade, e adicionar quartos, devidamente iluminados e ventilados naturalmente.

Repartiram-se as 100 famílias por grupos de 20, criando espaços sociais colectivos, de acesso restrito, conseguindo uma escala urbana suficientemente pequena para permitir aos vizinhos uma interação e o estabelecimento de relações, e não tão pequena que eliminasse as redes sociais existentes.

A grande inovação de todo o projecto está na forma como a habitação, dita social, é encarada, como um investimento, e não como um gasto público, projectando casas que permitam a valorização do investimento ao longo da sua vida útil, recorrendo de forma eficaz aos recursos disponíveis.

62. Fotografia da *La Quinta Monroy* em Dezembro 2004.

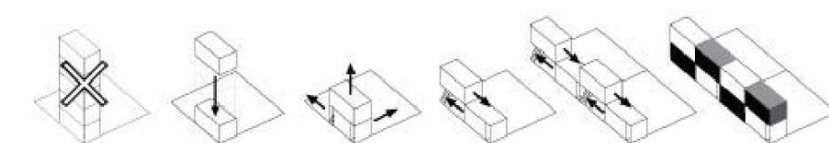
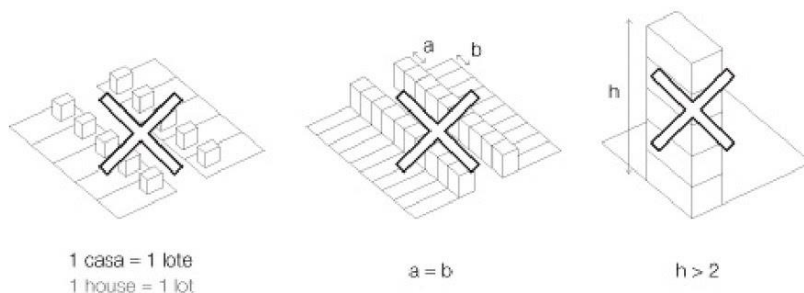


63. Fotografia da *La Quinta Monroy* em Junho 2006.

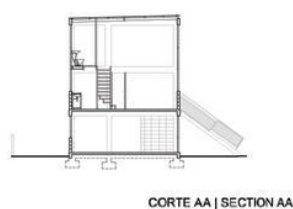
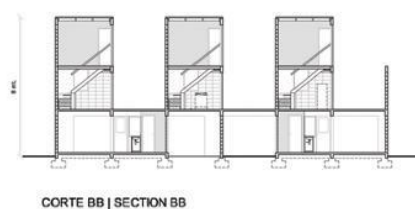
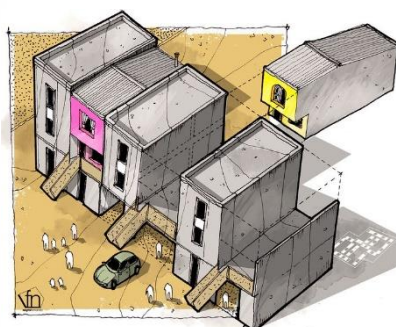
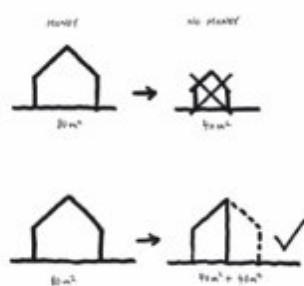


Fonte:  
ELEMENTAL ARAVENA, Alejandro;  
IACOBELLI, Andres - **Elemental:  
Incremental Housing and  
Participatory Design Manual**. Box  
Blg edition ed. Ostfildern : Hatje  
Cantz, 2013. ISBN 978-3-7757-3460-  
8. P.148, p.149





<http://www.warehouse.pt/>



64. Estudos de Habitação evolutiva  
ELEMENTAL Architects.

65. Mais vale construir uma boa metade de casa, que uma casa pequena.

66. Desenho esquemático da habitação em La Quinta Monroy.

67. Desenhos Técnicos, plantas e cortes do projecto de La Quinta Monroy.

Fonte:  
ELEMENTAL ARAVENA, Alejandro;  
IACOBELLI, Andres - **Elemental: Incremental Housing and Participatory Design Manual**. Box Blg edition ed. Ostfildern : Hatje Cantz, 2013. ISBN 978-3-7757-3460-8. P.37, p.64, p.113, p.114

### 3.5.2. COLECTIVO WAREHOUSE

Do espaço privado ao no público, da cidade ao mobiliário urbano, no âmbito social e cultural, *Warehouse*<sup>27</sup> é um colectivo de arquitectura e arte, com uma abordagem de intervenção prática no desenvolvimento e na construção de projectos, através de uma forma participativa. O desenho e a construção participatada conduzem a resultados com maior impacto no panorama urbano emergente. Estes projectos apoiam-se também em processos de mediação, fomentando a participação, a inclusão e a apropriação. (ColectivoWarehouse, 2013)

#### 3.5.2.1. COZINHA COMUNITÁRIA

Arquitectos: *Warehouse + AtelierMob*<sup>28</sup>

Localização: *Terras da Costa*, Costa da Caparica

Ano: 2014

A cozinha comunitária advém da luta constante há anos, por um ponto de água potável no bairro. A população do bairro *Terras da Costa* tinha que percorrer um trajecto de cerca de 1 km para recolher água de um chafariz público, na Costa da Caparica.

Por encomenda do *AtelierMob*, a partir de um conjunto de iniciativas e parcerias<sup>29</sup>, a Câmara Municipal de Almada apoiou o projecto através da autorização da sua construção e da instalação da infraestrutura para a distribuição de água potável, num chafariz integrado na cozinha comunitária. A cozinha foi desenhada pelo colectivo *Warehouse*, por encomenda do *AtelierMob*. Através de um processo participativo, uma

---

<sup>27</sup> Actualmente atelier formado pelos arquitectos Ruben Teodoro, Ricardo Morais, Sebastião de Botton, Malin Mohr

<sup>28</sup> A informação do texto que se segue foi retirada a partir do website <http://www.warehouse.pt/>.

<sup>29</sup> Proveniente de projectos da Cidade Guimarães, pela iniciativa da Capital da Cultura em 2012, conecta três experiências “Building Together”: Curator’s Lab, dinâmica de autoconstrução na Casa do Vapor, Trafaria; posteriormente com a madeira que sobrou, Cozinha Comunitária nas Terras da Costa, Costa da Caparica. Também a Fundação Calouste Gulbekian financiou parte do projecto, através do programa de Desenvolvimento Humano.

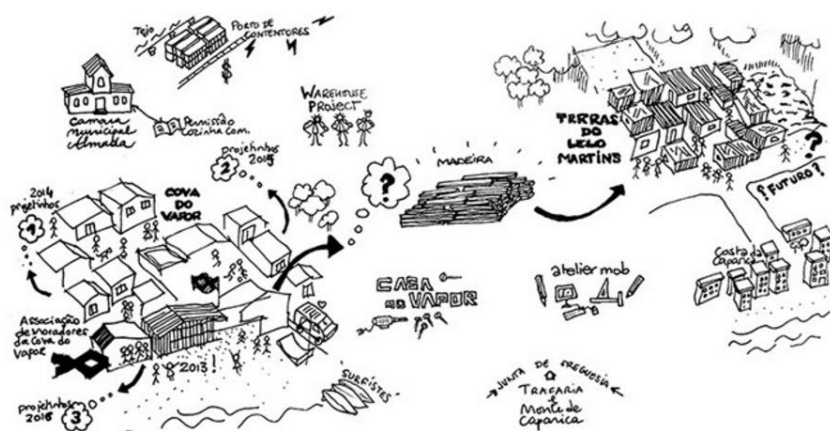


vasta equipa uniu esforços d trabalho no processo de construtivo, além da comunidade, diversos técnicos, arquitetos, urbanistas, carpinteiros, artistas, mediadores sociais, bem como um grande número de voluntários.

O projecto evoluiu de acordo com as necessidades e recursos, um módulo de madeira reproduzido e assente numa estrutura simples, pela técnica de pórticos de madeira. Assim permite a estratificação das várias funções do equipamento: uma cozinha fechada, um espaço de refeições aberto, uma zona de lavagens e secagens de roupa e um espaço convívio. Alusivo à construção, consente uma rápida e eficaz aprendizagem prática de mão-de-obra, destinado à autoconstrução.

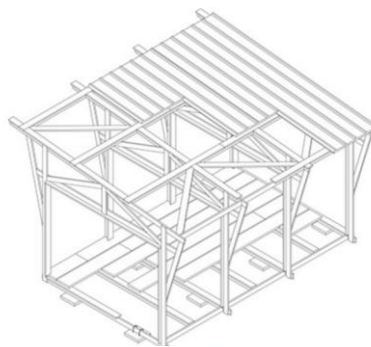
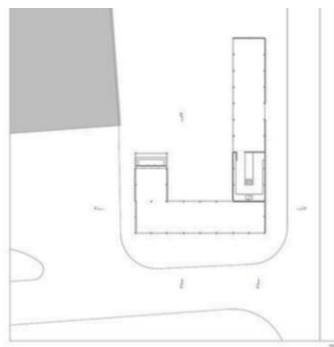
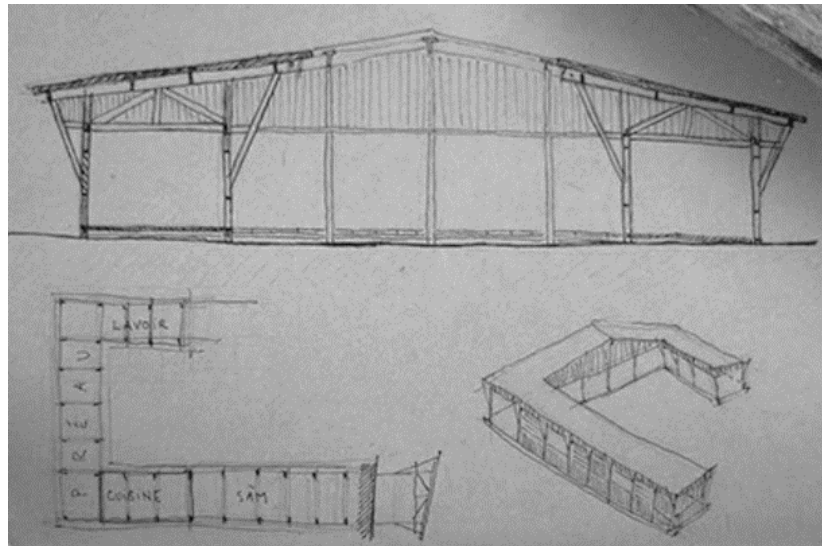
O processo é acompanhado por diversas actividades que têm como objectivo ajudar esta comunidade na decisão sobre o uso deste espaço, os seus direitos, deveres e regras a adoptar para a gestão autónoma e sustentável deste equipamento.

Hoje o projecto alberga multifuncionalidade pública, causado pela carência de espaço público na estrutura do bairro, para além da cozinha, confecção e tomada de refeições, é espaço de reunião, onde as crianças brincam, é o centro comunitário de associação de moradores, e espaço de desenvolvimento de actividades. O projecto revela que a zona de intervenção é um local experiências de processos participativos, entre técnicos arquitetos e os moradores, viabilizando as opções estudadas a adoptar na proposta do plano [Re] Habitar as Terras.



68. Esquema do percurso de iniciativas e parcerias para implementar o projecto da experiência participada da Cozinha Comunitária nas Terras da Costa.

Fonte:  
<http://www.warehouse.pt/>



69. Desenhos técnicos à mão levantada, da *Cozinha Comunitária* Terras da Costa Desenhos técnicos.

70. Desenhos Técnicos, planta e alçados do projecto da *Cozinha Comunitária*.

71. Método Construtivo implementado na *Cozinha Comunitária*.

72. Fotografia da *Cozinha Comunitária* em processo de Auto Produção.

Fonte:  
<http://www.warehouse.pt/>





73. Fotografia da *Cozinha Comunitária* em processo de Auto Produção.



74. Desenhos de crianças da Cozinha.

75. Habitar a *Cozinha Comunitária*.

76. Desenhos de crianças da Cozinha.

77. Habitar a *Cozinha Comunitária*.

78. Habitar a *Cozinha Comunitária*.



79. Habitar a *Cozinha Comunitária*.

80. Habitar a *Cozinha Comunitária*.

Fonte:  
<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliermob-plus-projecto-warehouse>



# MEMÓRIA DESCRITIVA

## [RE] HABITAR AS TERRAS

“ (...) constituir um sistema, baseado em regras simples de projecto e execução, capaz de assegurar uma primeira fase de instalação, mas concebido por forma tal que não impeça a evolução qualitativa do ambiente da casa e dos níveis de áreas, a par e passo com a evolução sociocultural dos habitantes”. (PORTAS e Dias, 1972, pp. 100–121)



## 4. MEMÓRIA DESCRITIVA

### [RE] HABITAR AS TERRAS

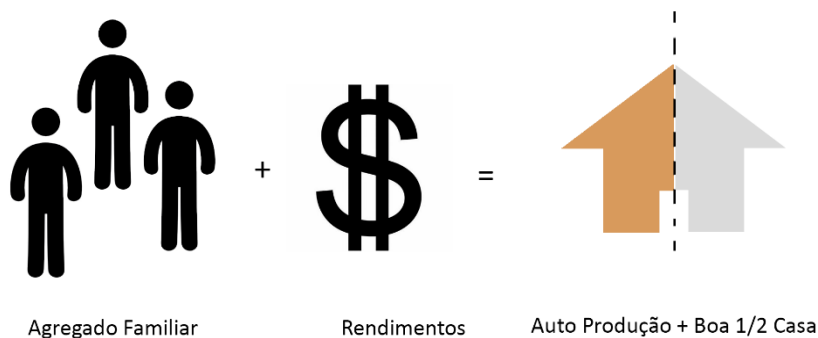
#### 4.1. ESTRATÉGIA DA INTERVENÇÃO

Segundo a direcção tomada no desenvolvimento teórico, sob práticas de habitação a adoptar em contexto social nas *Terras da Costa*, destaca-se a importância de intervir de um modo emergente às necessidades reais de habitabilidade, no contexto específico na zona de intervenção.

Pretende-se actuar em concordância com a essência da comunidade *Terras da Costa*, ou seja, manter hábitos e modos de habitar, conservando a identidade do bairro, em função da situação económica dos habitantes, e da estrutura dos agregados familiares.

Deste modo, a proposta recai sob um projecto participado, assente em práticas de auto produção e habitação evolutiva, que são comuns no bairro original existente, quer pela autoconstrução das casas, em constante crescimento pelo habitante, quer pelo projecto participado da *Cozinha Comunitária* no bairro.

A precisão de emergir sob o ponto de vista habitacional provém de construções deficientes, sem o cumprimento de requisitos mínimos, térmicos, com estruturas mal dimensionadas, falta de infraestruturação básica (água potável e saneamento básico), por consequência de uma instalação clandestina em terrenos públicos pertencentes à REN, sem espaço público qualificado, e acessibilidades em más condições.



81. Esquema conceptual da solução a adoptar sob a situação real do bairro Terras da Costa.

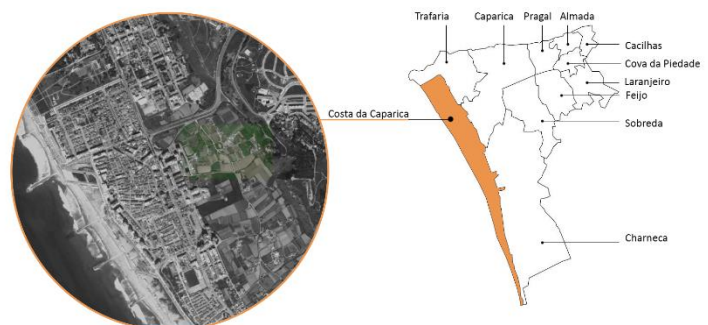
Fonte:  
Imagem da autora



Com efeito procura-se relocalizar o bairro sob um panorama fictício, assumindo que todos os factores do sistema governamental e económico, adjacentes ao processo do projecto arquitectónico em accção social, estão em consonância com as opções tomadas.

Estudando as possibilidades de relocalização do bairro para intervenção de [Re] Habitar as Terras foi feita uma observação ao uso dos solos segundo o PDM. Em paralelo segue-se um estudo com vários factores de análise das oportunidades que o meio urbano oferece à população, correspondente às acessibilidades, descrição da localização de usos de edifícios, e os pontos de maior interesse turístico na Costa da Caparica, espaços públicos, percebendo áreas estrategicamente favoráveis à integração do bairro na cidade.

O plano [Re] Habitar as Terras não implica apenas o desenvolvimento habitacional singular, mas requer uma atitude e uma estratégia de conjunto integrado na cidade, com definição metódica da proposta. Deste modo, expomos as opções projectuais à escala urbana, à escala arquitectónica, e por fim na escala do habitar.



**82.** Planta de Localização da zona de intervenção, Costa da Caparica.



**83.** Localização da área de estudo na Costa da Caparica.

Fonte:  
Imagens da autora





● Terrenos REN ● Área Verde ● Área Edificável

**84.** Análise PDM: previsão de Utilização do Solo



● Zona prevista para Habitação ● Terrenos agrícolas  
● Zona prevista para Equipamentos ● Zona Urbana Consolidada

**85.** Análise PDM: previsão de Utilização do Solo.



● Acessibilidades Rodoviária ● Areas verdes

**86.** Análise de Acessibilidades

Fonte:  
Imagens da autora

87. Análise dos usos do solo existentes.



- 1. Igreja
- 2. Escola
- 3. Cemitério
- 4. Praça Central
- Serviços
- Habitação alta densidade
- Habitação média dens.
- Habitação baixa dens.

Nota: O comércio localiza-se no piso terreo abaixo da habitação.

88. Proposta da zona de realocação do bairro Terras da Costa.

Fonte:  
Imagens da autora



Zona estratégica Urbana  
Zona de intervenção à Escala Bairro

## 4.2. ESCALA URBANA

A concepção do programa complementar à habitação, numa escala urbana, inicia-se após a análise de todos os documentos previamente referidos que contribuem para a definição de estratégia projectual, criando oportunidades necessárias à população da Costa da Caparica, pela articulação e consolidação de espaços naturais e urbanos de modo a servir a população, promovendo o direito à cidade.

Todavia, é desenvolvida uma proposta urbana e arquitectónica de integração de um bairro gerado de raiz, com habitações evolutivas, comércio, equipamentos necessários que sirvam a população. Assim, erige-se um apontamento em escala urbana, do lado oposto à zona de intervenção, um polidesportivo (ao lado da Escola Básica) com conexão ao bairro *Terras da Costa*, através do atravessamento de uma ponte sobrelevada sob a estrada nacional. Do lado da zona de intervenção, propõem-se um espaço cultural, uma praça central, onde se situa o ponto de acessibilidades de transportes públicos em trajecto à AML, com grande fluxo de pessoas, entre habitantes e turistas. Ao lado a zona de realocização do bairro *Terras da Costa*, no seio deste encontra-se um centro de saúde e um centro comunitário.

Numa escala arquitectónica desenvolvemos o bairro, o centro de saúde, e o centro comunitário composto por um centro de formação, uma cozinha comunitária, casas de banho públicas e um espaço para reuniões. A cozinha comunitária do colectivo Warehouse, permanecerá como marco de memória do bairro pré existente, com previsão de apoio a de actividades e workshops ligadas ao desenvolvimento sustentável, à agricultura, construção sustentável, trabalhos manuais, carpintaria, assim conforme, e de como apoio aos campos cultivados.

Toda a área de intervenção concentrada será conectada com outros pontos de interesse de maior distância da Costa da Caparica por percursos. Estes caminhos incita a ligar dois polos tão diversificados e belos da Costa da Caparica - do urbano ao natural, do mar à Arriba fóssil, ou seja, da praia ao miradouro do Convento dos Capuchos, numa proposta estratégica de conectar percursos existentes, requalificar alguns se necessário, e projectar novos, fornecendo condições à passagem e que estimulem a sua utilização.

A proposta torna-se um elo de transição entre a zona urbana consolidada e as vastas terras da Costa, com amplos espaços públicos e áreas verdes, hortas comunitárias afectas a toda a população da Costa da Caparica e estacionamento envolto à proposta.

89. Corte Esquemático da Localização da zona de intervenção.



90. Percursos propostos à Escala Urbana.

Fonte:  
Imagens da autora

- zona de intervenção
- Estratégia Urbana
- 1. Centro Cultural
- 2. Polidesportivo
- 3. Centro de Saúde e Centro Comunitário

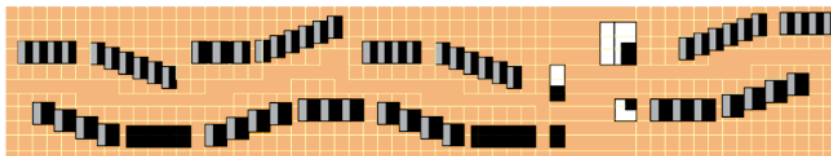


### 4.3. ESCALA ARQUITECTONICA

#### 4.3.1. MORFOLOGIA

No decorrer da análise geral da morfologia informal do bairro pré-existente, formado por construções espontâneas, sem planeamento, é adoptada intuitivamente uma estratégia orgânica, surgindo ruelas com cantos e recantos, que são pontos de sociabilização comum. Procura-se transportar parte dessa informalidade para uma proposta formal e planeada, “entre o caos e a paz”, a partir de encontros e desencontros entre a habitação, estruturada por uma malha regular.

Neste sentido surge uma “Rua” irregular, delineada por duas bandas de habitação frente a frente e em baixa altura, que propícia à sua apropriação e sociabilização comum entre os habitantes do bairro, onde desenvolvem as suas actividades, conversas e brincadeiras.



91. Da morfologia informal para formal.

Fonte:  
Imagens da autora

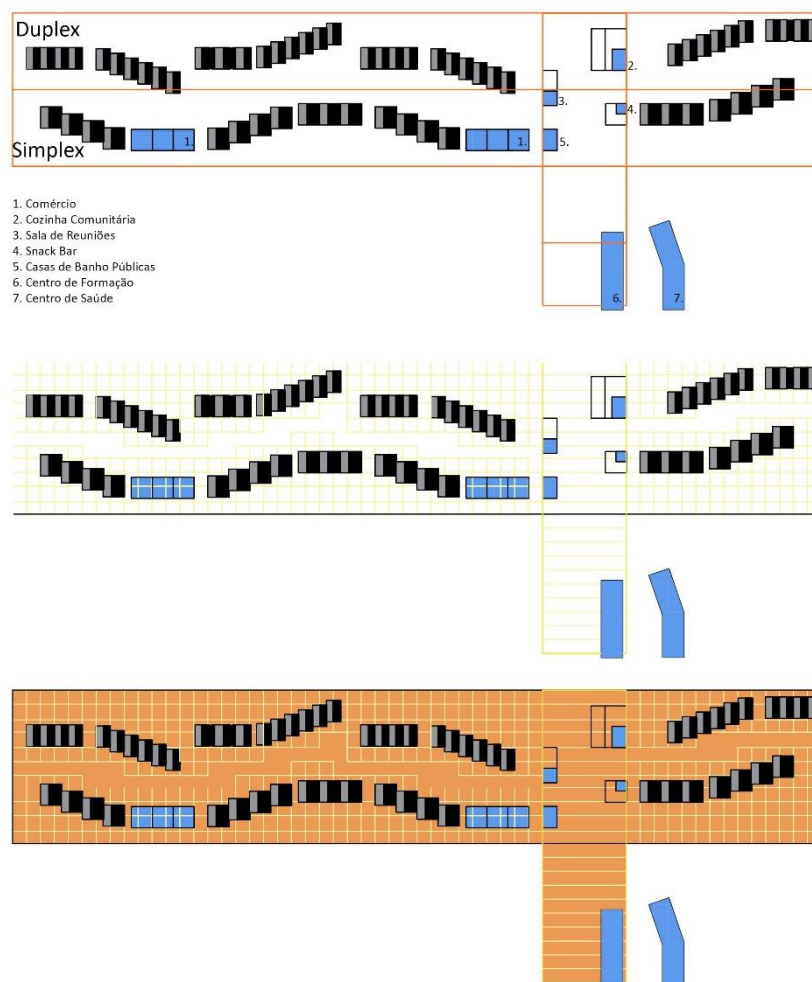
#### 4.3.2. ORGANIZAÇÃO DO BAIRRO

Geram-se duas bandas com forma irregular de habitação evolutiva, numa dinâmica de cheios e vazios. No seio no bairro, estende-se um eixo de equipamentos em volta de uma praça, a nível térreo, que quebra a continuidade das bandas habitacionais e se funde na zona urbana consolidada.

Em volta da praça, do lado urbano localiza-se o centro de formação e o centro de saúde, organizados interiormente num primeiro

momento pelo espaço de recepção e de espera, seguidas das zonas técnicas e posteriormente as salas de formação e consultórios respectivamente, com um corredor paralelo de acessos direcionado para o interior da praça. Do lado do bairro, articulado com as habitações, localizam-se os restantes equipamentos, umas casas de banho públicas, um café, uma sala fechada e outra aberta destinada a reuniões de associação de moradores e afins, e a cozinha comunitária, abrindo vista sobre as vastas terras da Costa e a arriba fóssil.

Relativamente à habitação, na banda com frente para a zona urbana consolidada, localiza-se a tipologia simplex em dois pisos habitáveis e intercalados com comércio a nível térreo (estrategicamente inserido tendo em consideração o comércio existente em volta). Na faixa de habitação oposta, com frente para a arriba fóssil, numa localização mais privada, encontramos as tipologias duplex.



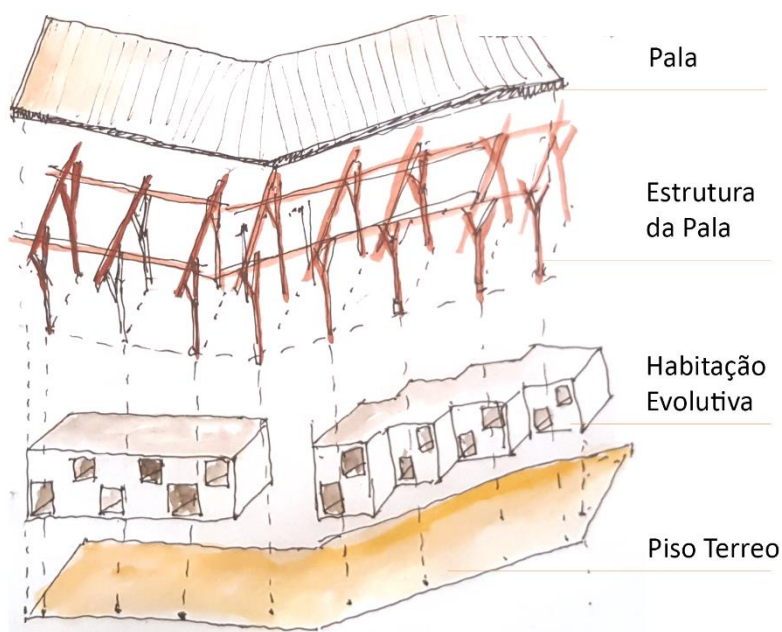
92. Proposta de organização espacial do plano [Re] Habitar as Terras.

Fonte:  
Imagens da autora

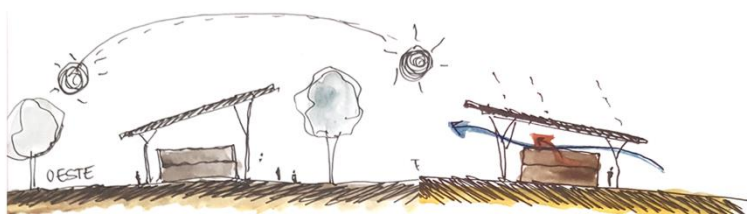
#### 4.3.3. A PALA

Sob a proposta de conjunto do bairro pousa uma pala, como elemento unificador deste. A pala pretende criar relação com a arriba fóssil, assumindo um carácter de excepção pela expressão de leveza, conferido pela independência da estrutura de madeira que sustenta a pala do resto do edificado.

A pala tem uma posição multifacetada, opera em atravessamentos públicos ao longo do bairro à cota do nível térreo, unifica toda a proposta e conecta espaços edificáveis e de estar, do espaço mais público ao mais privado, estabelecendo transição do interior para o exterior das habitações. Com funções mais específicas, protege das intempéries e sombreamento, e ao mesmo tempo que tem funções de renovação de ar directamente do interior do edificado, pela circulação eficaz de ar.



93. Axonometria esquemática das camadas correspondente à agregação da habitação sob a pala.



94. Corte esquemático referente à orientação solar, vegetação e circulação de ar na habitação, sob efeito da pala.

Fonte:  
Imagens da autora

#### 4.4. ESCALA DO HABITAR

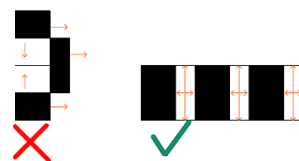
A unidade habitacional adopta um sistema flexível de expansão, bem como a adaptação interior do espaço numa fase inicial, adaptando-se facilmente à estrutura do agregado familiar, de acordo com os seus rendimentos, e estimulando ao melhoramento da habitação e integração na sociedade.

Desenvolvem-se as tipologias simplex e duplex com a forma e linhas gerais organizacionais da proporção áurea, a partir de um módulo base. O simplex base T0 (9mx 5.75m) com evolução até T2 (9mx9m), e a tipologia duplex base t1 (9mx3.25m) com evolução até ao T3 (9mx6m). Dentro da mesma métrica, desenvolvem-se tipologias anexas, entre T0 com previsão de serem alugados (a turistas na zona, nomeadamente a surfistas), simplex T1 e duplex T5 para albergar agregados familiares de menor a maior dimensão.

A agregação habitacional é sugerida num conjunto de “cheios e vazios”, por habitações seguidas em banda, com o respectivo espaço para ampliação. Os espaços abertos destinam-se à expansão de cada habitação, previamente com o sistema estrutural adequado. Estes são limitados em área e de crescimento condicionado, em largura e altura por área edificada, com o objectivo de não surgirem espaços sem luz e ventilação natural e manter uma coerência arquitectónica ao bairro.

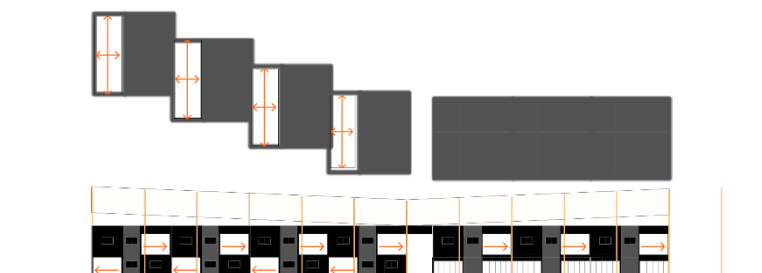
É adoptada uma opção simples no processo de evolução, para que o faseamento sucessivo possa ser feito a partir de um módulo habitacional inicial infraestruturado com condições básicas, e posteriormente possa ser melhorado.

95. Opção do crescimento da habitação limitado em largura



96. Processo evolutivo da habitação no bairro.

Fonte:  
Imagens da autora

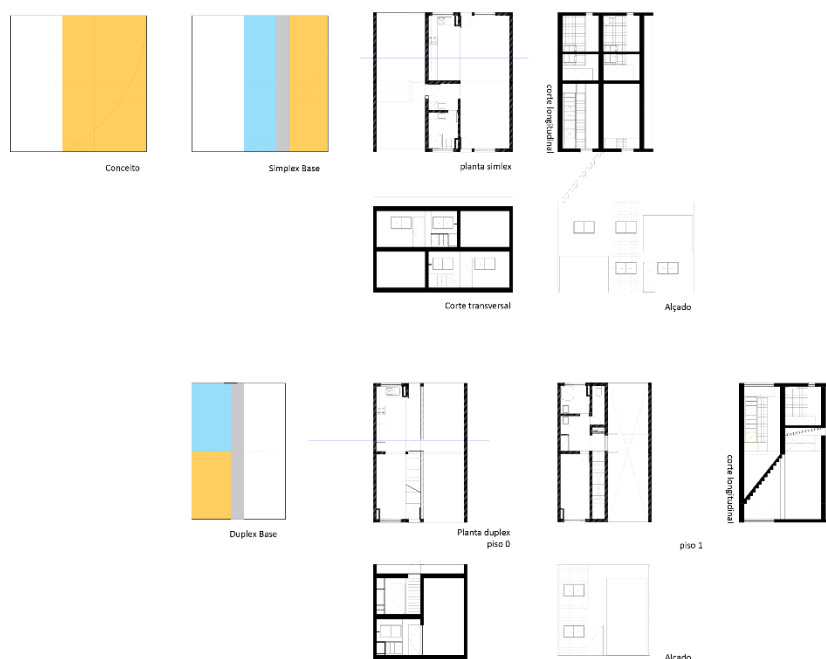




A estrutura da habitação desenvolve-se de uma forma intuitiva e simples, no sentido que seja instintiva no modo de habitar. A casa é organizada segundo um eixo que divide o espaço que serve (cozinha, instalações sanitárias) do espaço servido (sala de estar, sala de jantar e quartos) por um corredor de acessos, onde nos extremos se situam as portas de acesso exterior, da parte da entrada e de acesso à “ruela” interior comum a todos os habitantes do bairro. A cozinha prevalece como compartimento de grande partilha com a comunidade, por essa razão são direccionadas para o interior do pátio.

As habitações são orientadas entre este e oeste, mantendo luz solar directa em todos os compartimentos da casa.

O topo da cobertura das habitações tem acessibilidade pública na banda de habitações simplex com frente urbana, e privada de cada habitação duplex com vista sob as vastas terras e a arriba fóssil.



**97.** Habitação Evolutiva : Simplex base e Duplex base, do Conceito ao desenho técnico (desenho sem escala, com definição 1/200).

**98.** Corte transversal do plano habitacional (simplex e duplex) proposto para [Re] Habitar as Terras.

Fonte:  
Imagens da autora.

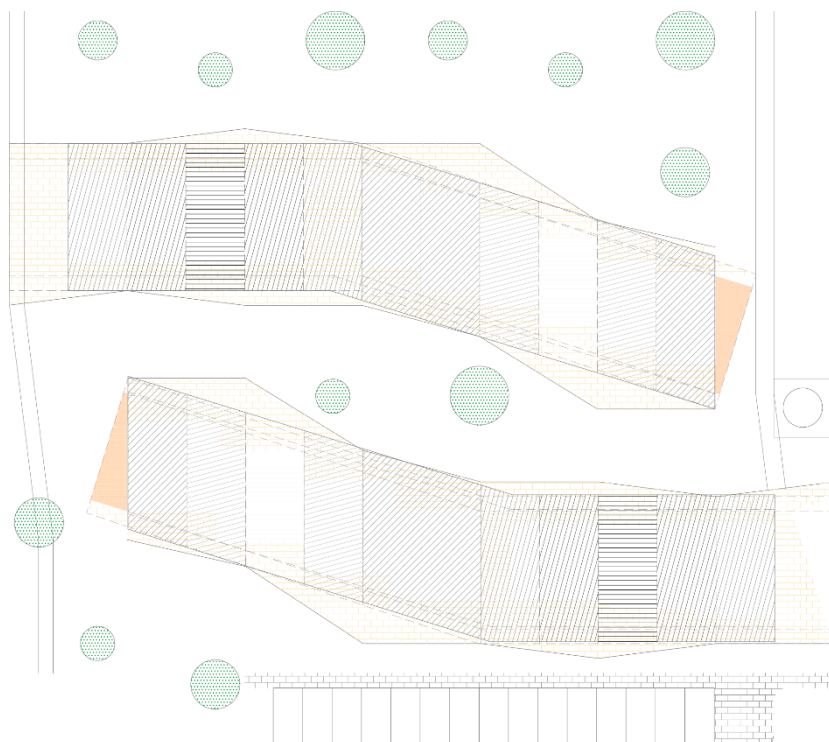




**99.** Planta de Agregação ao nível do piso terreo. (desenho sem escala, com definição a 1/200).

**100.** Planta de Agregação ao nível da Cobertura (desenho sem escala, com definição a 1/200).

Fonte:  
Imagens da autora



#### 4.5. MATERIALIDADE

Com o objectivo do projecto ser edificado por auto produção com a mão-de-obra local, opta-se por soluções construtivas que a população domine. Nas habitações preferencia-se o uso predominante do tijolo com estrutura de betão armado. Para a estrutura da pala opta-se pelo uso da madeira, aplicada também ao projecto da cozinha comunitária.

Tendo em consideração a baixa cota térrea das terras, em relação ao nível freático, e a implantação sob terrenos instáveis argilosos, propõe-se a estrutura do edificado sob fundações de ensoleiramento geral no plano de intervenção. No exterior, a drenagem de águas pluviais é encaminhada para os terrenos agrícolas, a terra acalcada de modo a compactá-la e a ficar firme, e por último a plantação de zonas verdes.



**101.** Uso predominante do Tijolo para autoconstrução.

Fonte:  
Autor desconhecido.



**102.** Argamassa para assentar as fundações. Fotografia do processo de construção da *Cozinha Comunitária*.

Fonte:  
<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>

**103.** Construção do projecto *Cassia Coop Training Centre*.

Fonte:  
<http://www.archdaily.com/274835/casia-coop-training-centre-tyin-tegnestue-architects>



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Architecture is a tool to improve lives.” (Anna Heringer)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De facto, operar sobre o problema concreto do bairro *Terras da Costa* serviu de pretexto para a investigação sob o problema da Habitação com [texto] Social, de recursos limitados, espalhado em todo o mundo. O tempo de rejeitar territórios informais já passou, e qual o sentido de o fazer sendo este um tema é tão pertinente actualmente e enquanto são entregues prémios internacionais a projectos de arquitectura social? Contudo, como referiu o arquitecto Álvaro Siza Vieira, parte do futuro próximo da disciplina da arquitectura passa pela arquitectura social, em que “*a arquitectura não seja considerada um luxo, mas seja a benefício de toda a gente*”.(LEAL, 2016)

Neste sentido é necessário em primeira instância questionar e provocar uma ruptura na mentalidade padrão pré-estabelecida face à habitação social, aceitar e reconhecer a arquitectura enquanto parte integrante da solução de melhoramento dos níveis de habitabilidade e enquanto catalisadora da vida urbana, sociocultural, agregadora da população na cidade, capaz de se adaptar às especificidades de uma sociedade, e diluir descontinuidades sociais e urbanas.

Mais do que apresentar uma proposta, o projecto permitiu reflectir discutivelmente e fomentar possíveis respostas. O presente trabalho recaiu sob a habitação com [texto] social nas *Terras da Costa*, colocando o habitante no centro, como protagonista do espaço e procurando adoptar estratégias urbano-arquitectónicas, que pela definição de procedimentos e práticas que respondam às suas necessidades habitacionais reais do aqui e agora, a fim de dignificar e promover a qualidade de vida básica à comunidade. Viabilizando soluções integradas no bairro, propõem-se soluções por processos participados, reforça-se a prática de auto produção e habitação evolutiva. Fundamentaram-se as opções de projecto pelo estudo de casos de referência que reflectem sobre o assunto e apresentam estratégias que apoiam as decisões da presente intervenção.

Em suma, a proposta apresentada não é uma solução única e indiscutível, certa ou errada, mas é uma forma possível, fundamentada em bases sólidas de [Re] Habitar as Terras de modo digno e integrado de forma a estimular a população a tornar-se participante na cidade e a investir nas suas próprias habitações de forma progressiva.









## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### VOLUMES:

- ARAVENA, Alejandro; IACOBELLI, Andres - **Elemental: Incremental Housing and Participatory Design Manual**. Box Blg edition ed. Ostfildern: Hatje Cantz, 2013. ISBN 978-3-7757-3460-8.
- BAEZA, Alberto Campos - Tu casa, tu Museo, tu Mausoleo. Mi casa, ni Museo, ni Mausoleo. Em Conferência em Valência a 27 de Janeiro de 1995: 1995.
- BANDEIRINHA, José António - **Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. ISBN 978-972-8704-76-6.
- BAPTISTA, Luís Santiago *et al.* - **Arquitectura Social. Três Olhares Críticos**. CCB 2014 ed. Lisboa: CCB, 2014
- BEUHEAU, J.Garnier - **Geografia Urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1997. ISBN 978-972-31-0768-5.
- COELHO, António Baptista - **Qualidade arquitectónica residencial: rumos e factores de análise**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2000. ISBN 978-972-49-1857-0.
- COELHO, António Baptista - **Habitação evolutiva e adaptável**. LNEC e INH ed. Lisboa: 2003.
- COELHO, António Baptista; COELHO, Pedro Baptista - **Habitação de Interesse Social em Portugal - 1988 - 2005**. Livros Horizonte ed.Lisboa : 2009.
- CORREA, Charles - **Housing and Urbanisation**. Urban Design Research Institute ed. Bombay: 1999. ISBN 978-81-901128-0-2.
- CORREIA, António - **Divagando sobre a Caparica: pedaços da sua história**. Edição de autor ed.
- ENGELS, FRIEDRICH - **As situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Lisboa: Presença e Livraria Martins Fontes, 1975
- FATHY, Hassan - **Arquitectura para os Pobres: Uma Experiência no Egipto Rural**. Argumentum e DinaLivro ed., 2009. ISBN 978-972-576-550-0.
- FERREIRA, Elisabete Tavares - **Costa de Caparica - História Histórias e Pintura**. Almadarte ed. Almada: 1991 [Consult. 25 set. 2016].

- FERREIRA, Manuel D' Argo - **A praia da costa – terra de pescadores**. Lisboa.
- HEIDEGGER, Martin - **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1989
- HERTZBERGER, Herman - **Lessons For Students In Architecture**. 010 Publishers. 2ª edition, 2005. ISBN 978-90-6450-562-1.
- JACQUES, Paola - **Fragmento, a Estética da Ginga**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- LEFEBVRE, Henri - **O Direito à Cidade**. Centauro ed. São Paulo: 1991. ISBN 978-989-8268-15-0.
- LOURO, Margaria; OLIVEIRA, Francisco - **Casas Para Um Pequeno Planeta**. Lisboa: Pixelprint - edições, 2009
- MARTINS, Salvador Felix Félix - **Caparica doutros tempos**. Lisboa : Socingraf, Lda, 2004
- RAPOPORT, Amos - **House Form and Culture**. 1 edition ed. Upper Saddle River, NJ. : Pearson, 1969. ISBN 978-0-13-395673-3.
- ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip - **Cidades para um pequeno planeta**. Editorial Gustavo Gili ed. Barcelona : [s.n.]. ISBN 978-84-252-1889-7
- RUDOLFSKY, Bernard - **Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture**. Reprint edition ed. Albuquerque : University of New Mexico Press, 1987. ISBN 978-0-8263-1004-0.
- SANTANA, Dionísio; PROENÇA, Raúl - **Guia de Portugal**. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1924
- TURNER, John F. C. - **Housing by People: towards autonomy in building environments**. New York : Pantheon Books, 1976

#### ARTIGOS:

- AAVV - **Habitação social na América Latina: uma metodologia para utilizar processos de auto-organização**. Congresso Ibero-Americano de Habitação Social ed. Brasil.
- ABLA, Marcela Marques - **Favela e Futuro – melhorias habitacionais nas favelas após metodologia de urbanização – o caso Santa Marta**. Universidad Politécnica de Cataluña ed. Barcelona, Espanha: Tese Final de Mestrado, 2011

- BEIRÃO, José Nuno; MENDES, Leticia Teixeira; CELANI, Grabiela - **Meta - Previ: Uma Meta-Gramática para a Geração de Habitação de Interesse Social**. In: Proceedings of the XVII Conference of the Iberoamerican Society of Digital Graphics: Knowledge-based Design. São Paulo: Blucher, 2014. p. 217–221.
- BRAGA, Joana - **Participatory Aesthetics and Makeshift Urbanism: Cases of Guimarães, Cova do Vapor, and Terras da Costa**. Lisboa.
- COSTA, Pedro Campos; MOREIRA, Paulo - **Noutra Costa da Caparica**. *Jornal Arquitectos*, nº 247. (maio/agosto. 2013). p. 88–99.
- FERNANDES, Maria Teresa - **Esboço Histórico sobre a Costa da Caparica**. 22 Maio. (2012).
- LOBO, Manuel Costa - **O loteamento clandestino e a forma de o encarar numa prática correcta de planeamento urbanístico. Encontros sobre construção clandestina I**, DGOT/SEALOT/Ministério do Planeamento e Administração do Território. Lisboa (1989) 19–34.
- PETRESCU, Doina - **Losing Control, Keeping Desire**. In *Architecture and Participation* ed. 2013.
- PORTAS, Nuno - **Processos SAAL, Entre o Estado e o Poder Local**. *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº18/19/20 Fevereiro de 1986. p.635–644.
- PORTAS, Nuno; DIAS, Francisco S. - **Habitação Evolutiva**. *Revista Arquitectura* nº126. 1972. p.100–121.
- RAPOSO, Isabel; VALENTE, Ana - **Diálogo social ou dever de reconversão? As Áreas Urbanas de Génese Ilegal (AUGI) na Área Metropolitana de Lisboa**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 91 ed. Lisboa .
- RESENDE, Garcia De - **Crónica de D. João II**
- SALGUEIRO, Teresa Barata - **Lisboa, Periferia e Centralidades**. Oeiras: Celta, 2001
- TEOTONIO - «As casas económicas 1947-1969». *Jornal Arquitectos*. (18 mar. 1983).
- TIAGO, Maria Da Conceição - **Bairros Sociais da I República: projectos e realizações**. 2010. p. 249–272.

#### VIDEOS:

- LEAL, Telmo Mendes - **4 OBRAS, 4 DOCUMENTÁRIOS, 1 ARQUITECTO: SIZA VIEIRA**, 2 Jun. SIC, 2016.
- TELLES, António De Cunha - **Os Índios da Meia Praia. Memórias da Revolução**. RTP, 1976.

#### WEBSITES:

- COLECTIVOWAREHOUSE - **Cozinha Comunitaria das Terras da Costa** [Em linha], atual. 2014. [Consult. 2 out. 2016]. Disponível em WWW:<URL:<http://warehouse.pt/c011-pt.html>>.
- MOUTINHO, Vera - **Terras da Costa, terras de ninguém** [Em linha], atual. 4 jul. 2014. [Consult. 25 set. 2016]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.publico.pt/>>.
- ROMULLO, Baratto - **Bienal de Veneza 2016. Citação Alejandro Aravena em Bienalle architettura 2006 - Reporting From the Front**. [Em linha], atual. maio. 2016. [Consult. 18 set. 2016]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.archdaily.com.br/br/788091/bienal-de-veneza-2016-um-panorama-preliminar>>.

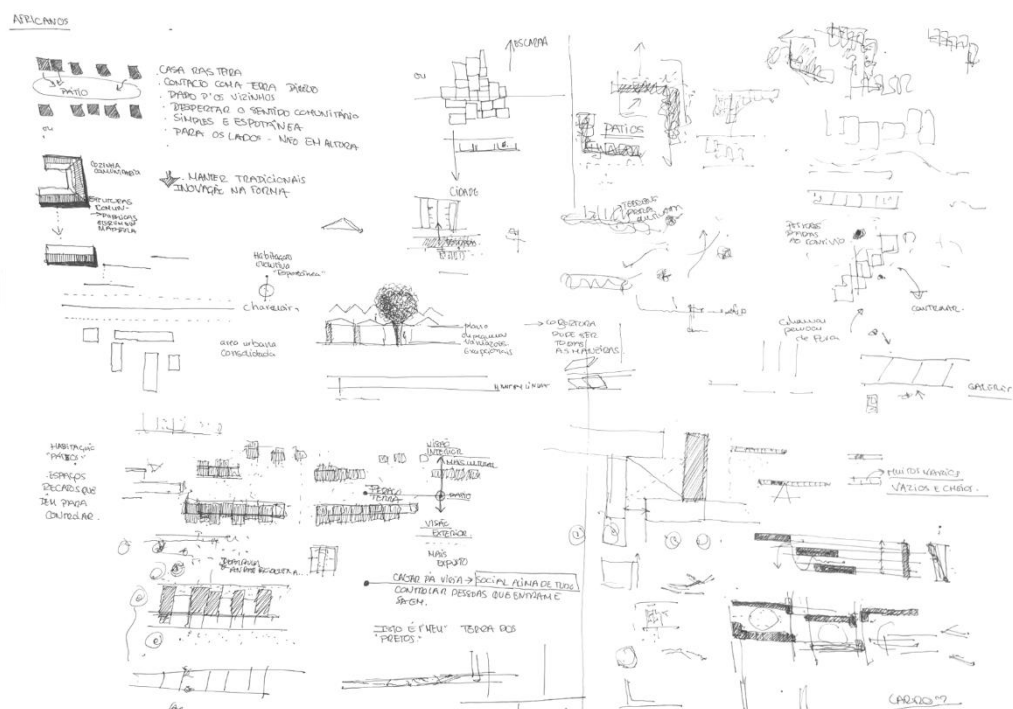


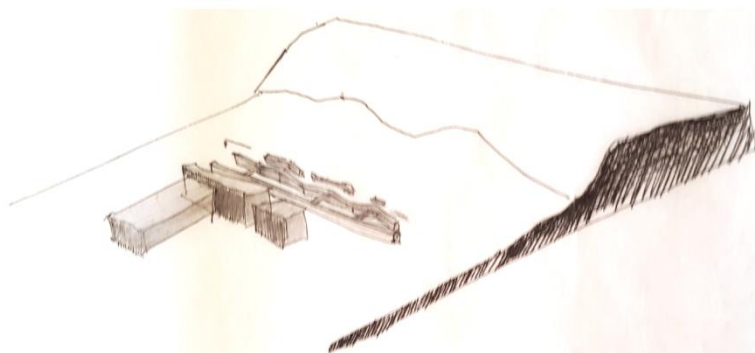




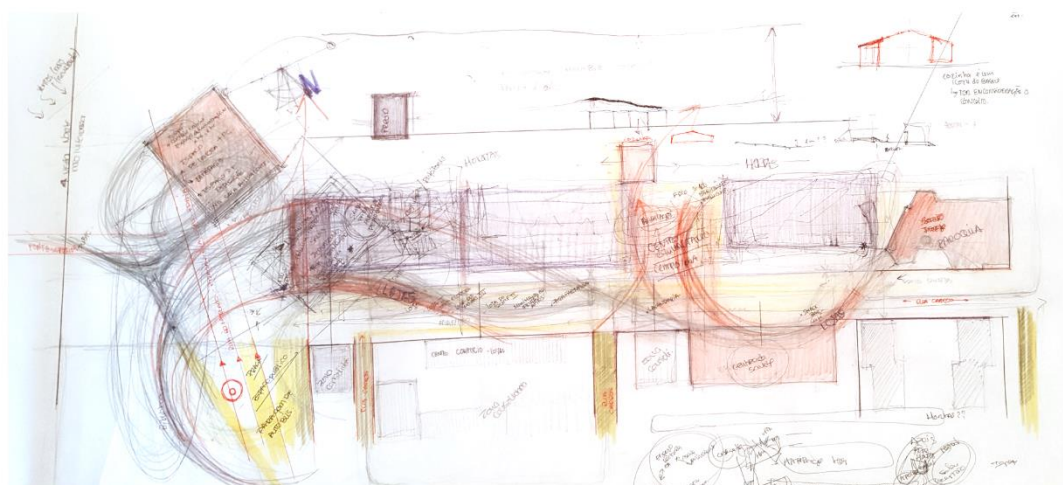
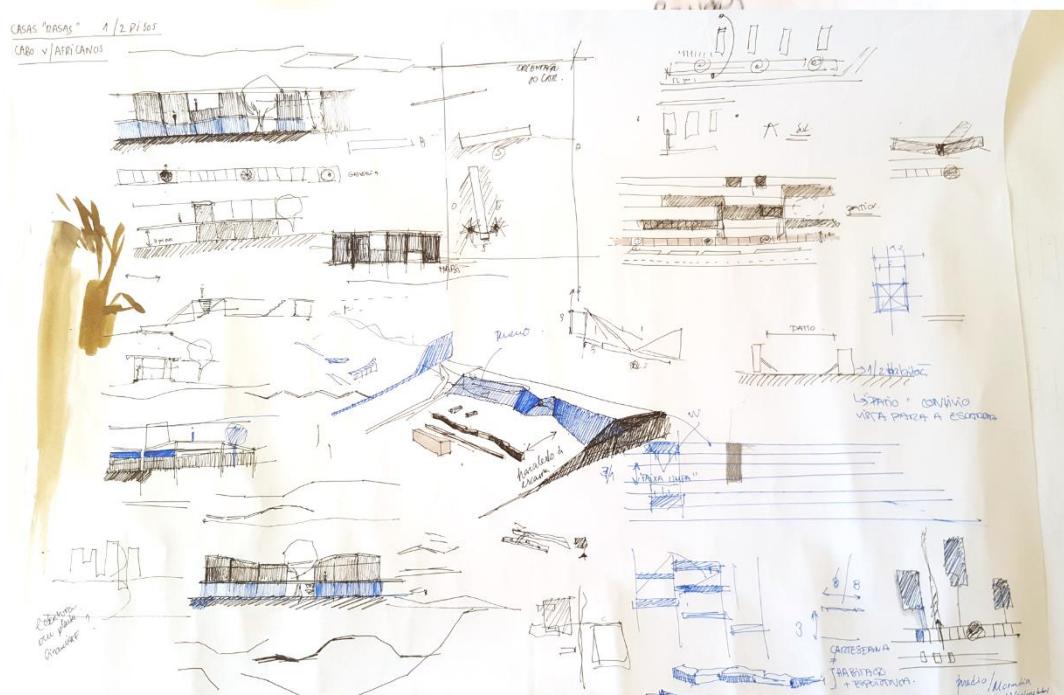
## ANEXOS

## PROCESSO DE TRABALHO



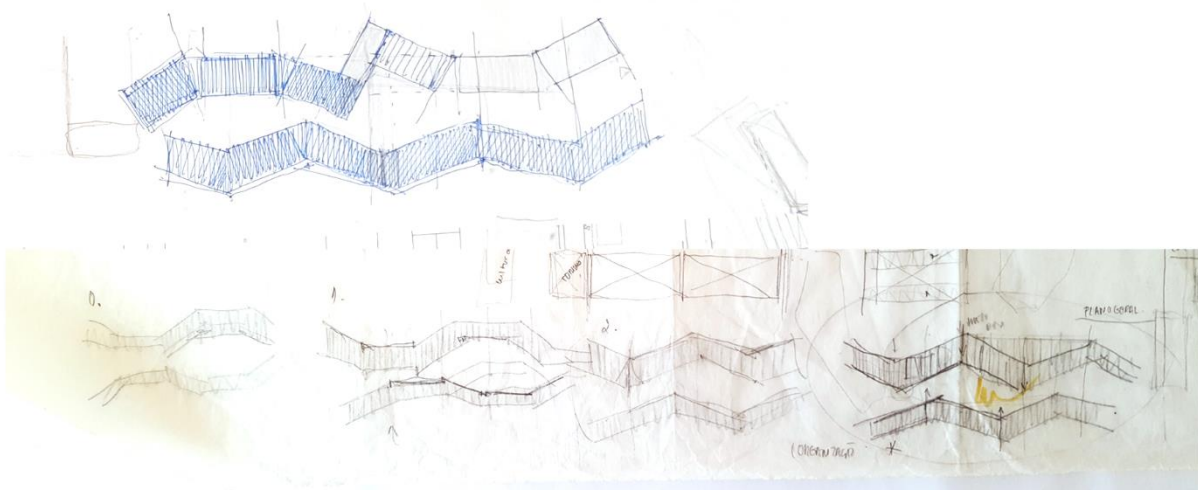


CRAS "BRAS" 1/2 PISOS  
CABO V. AFRICANOS

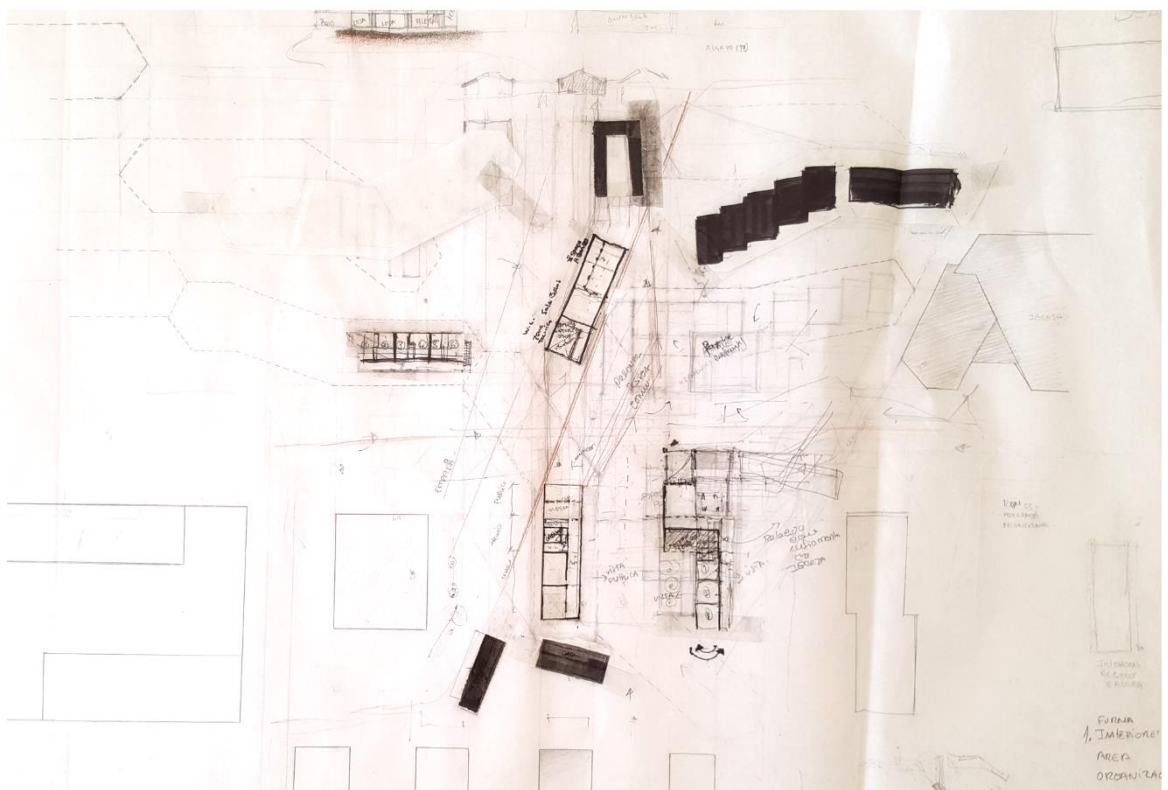
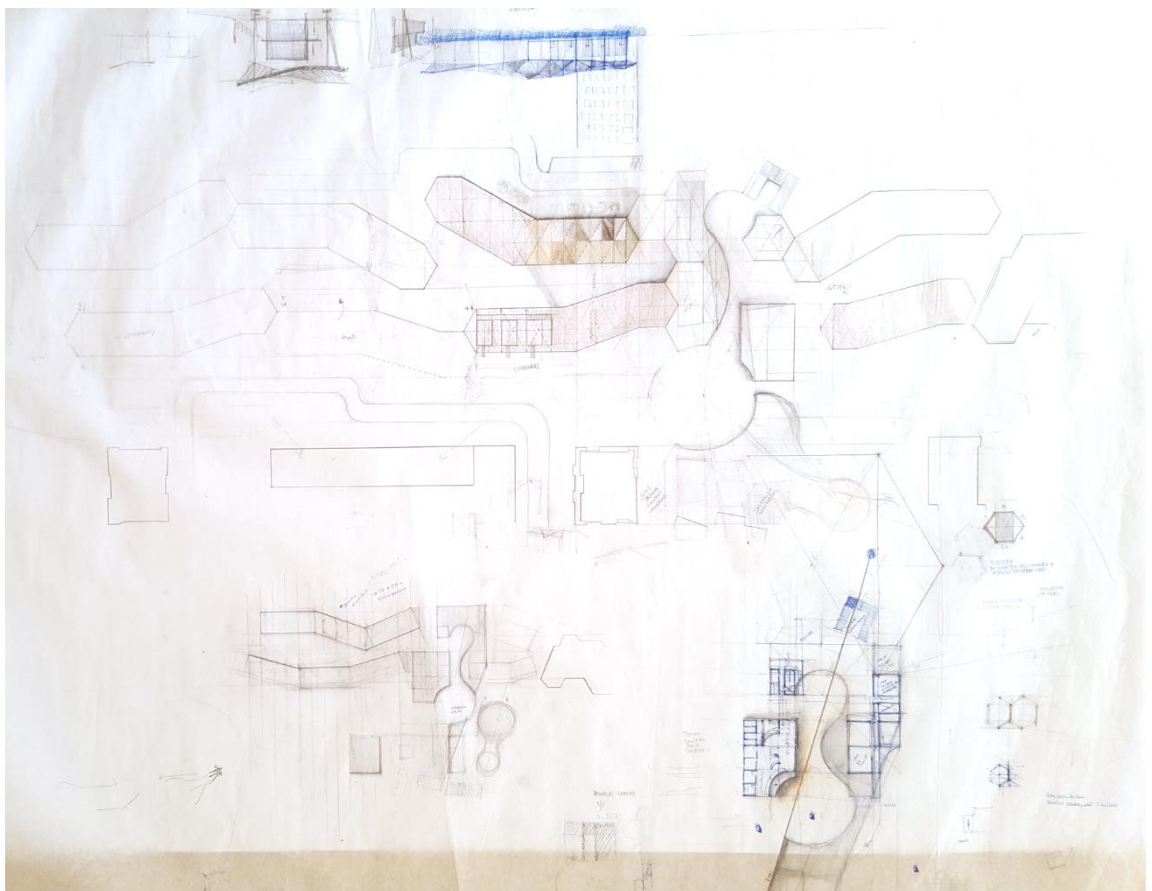








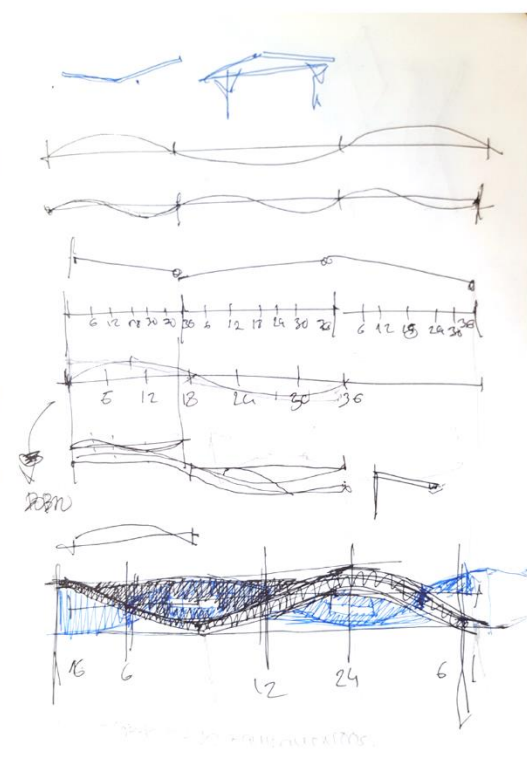
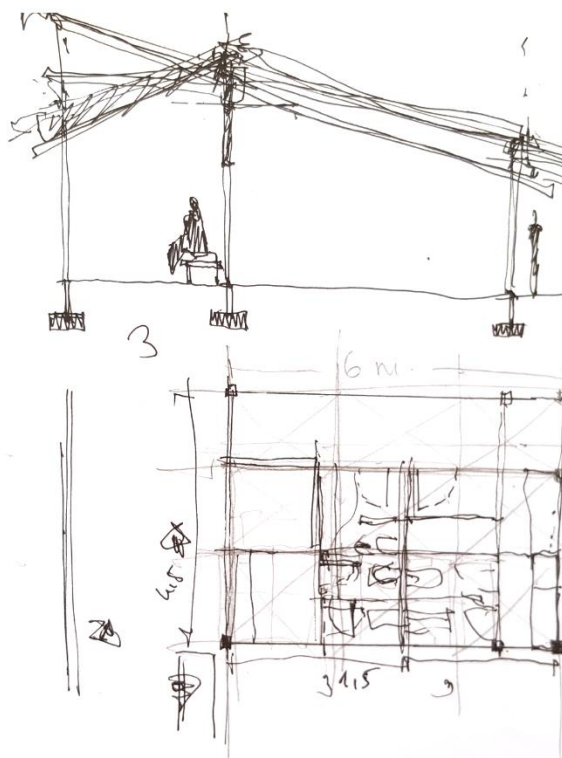
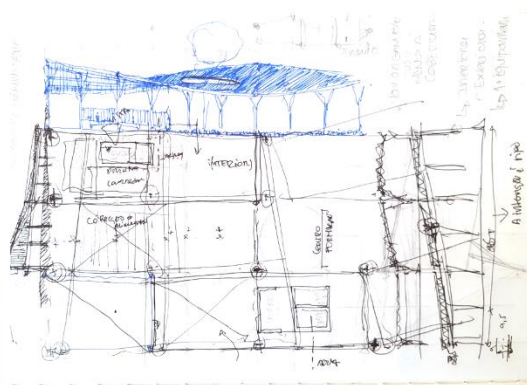
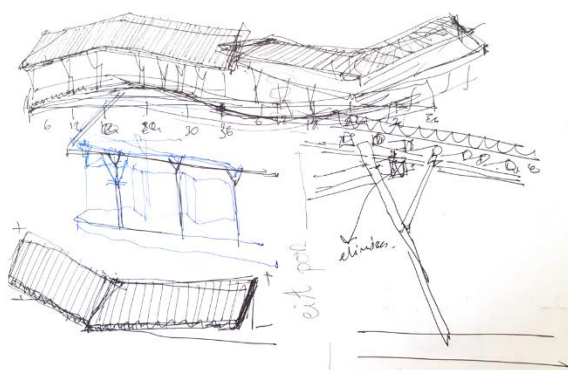
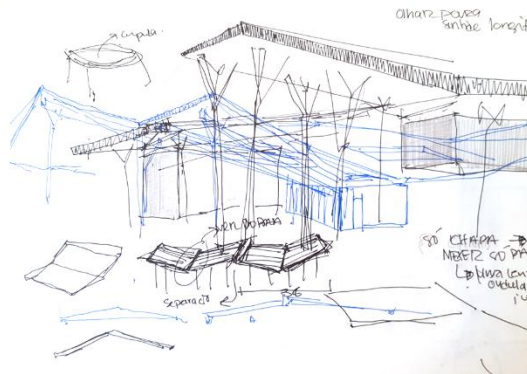
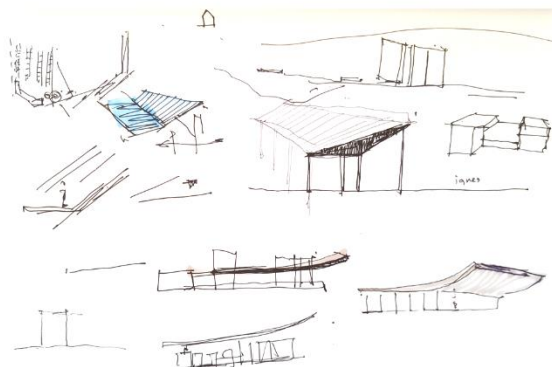




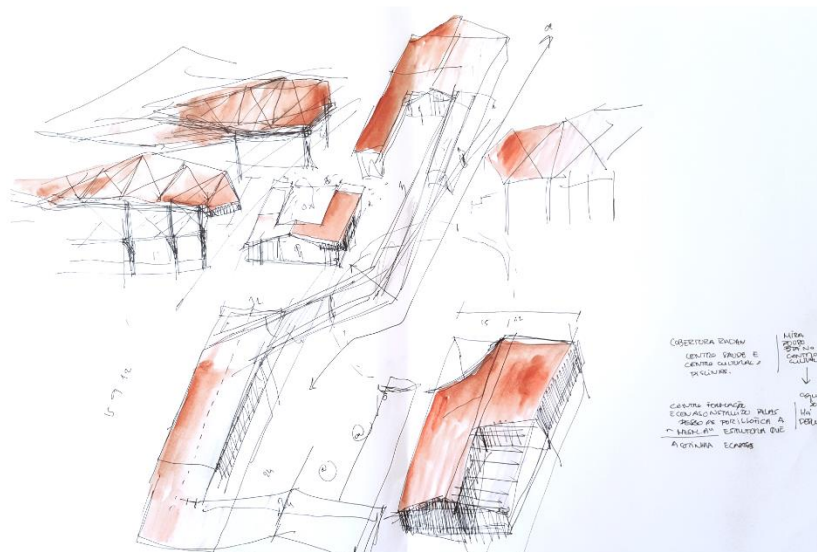
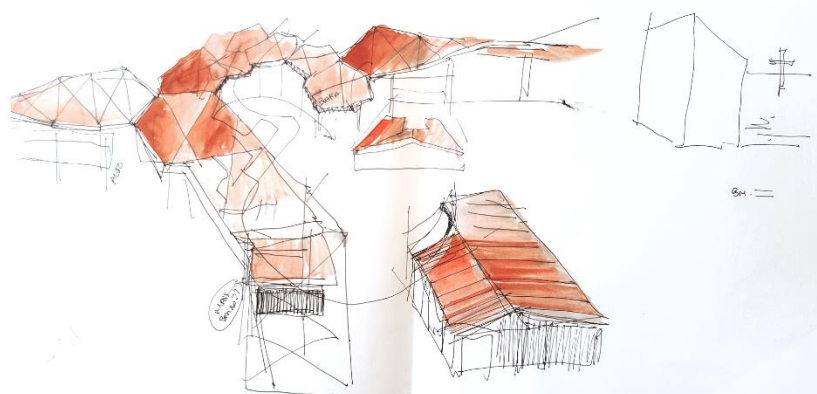
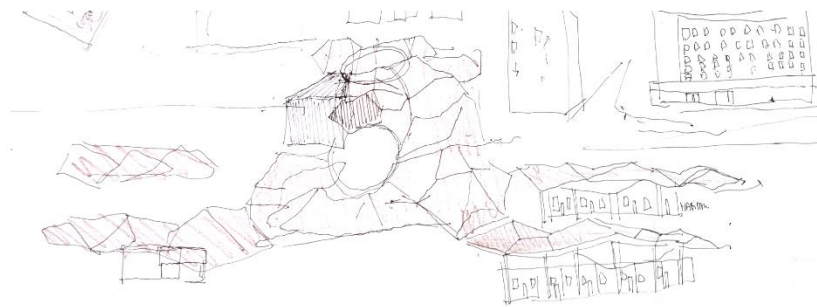
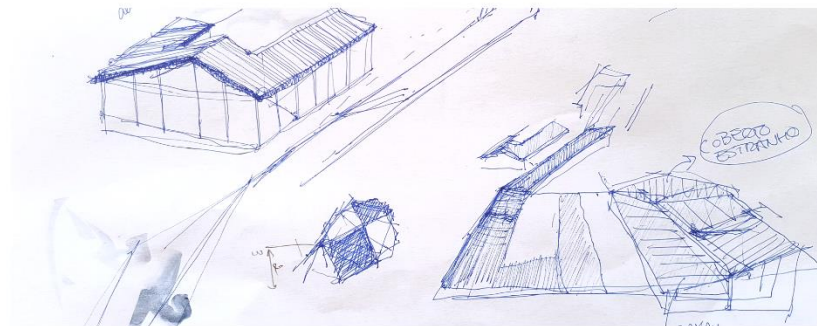


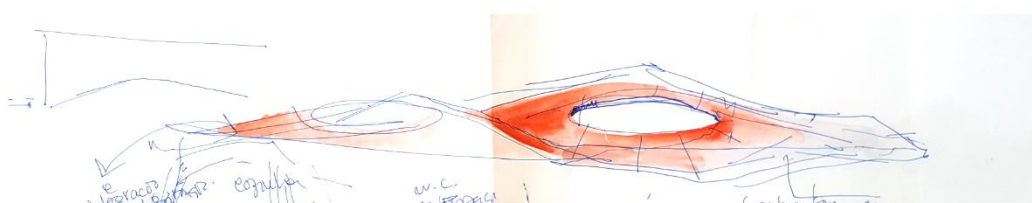
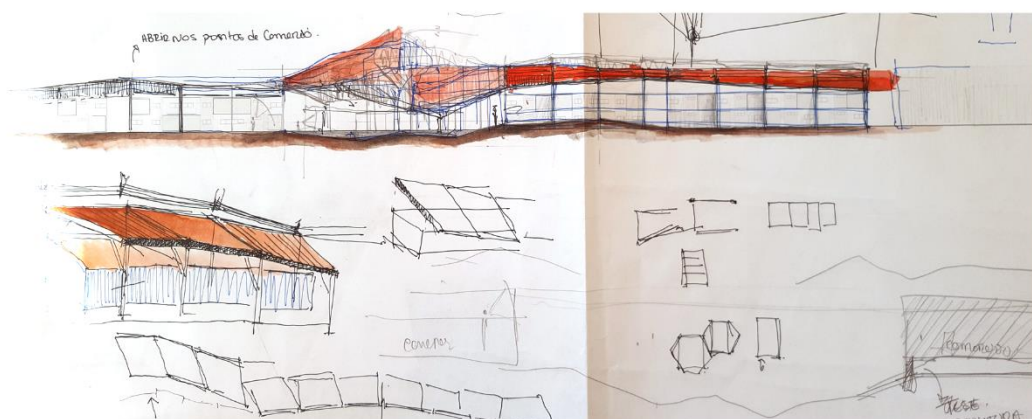
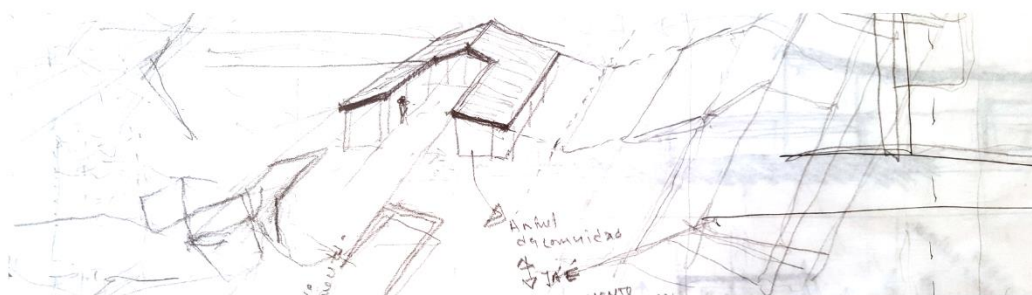




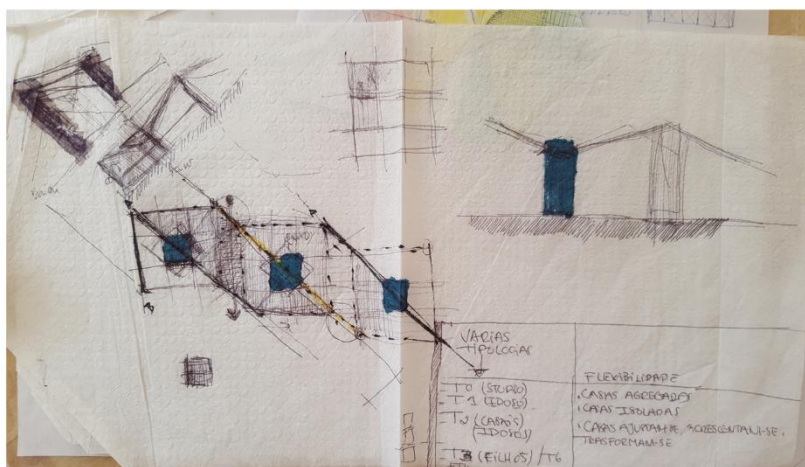
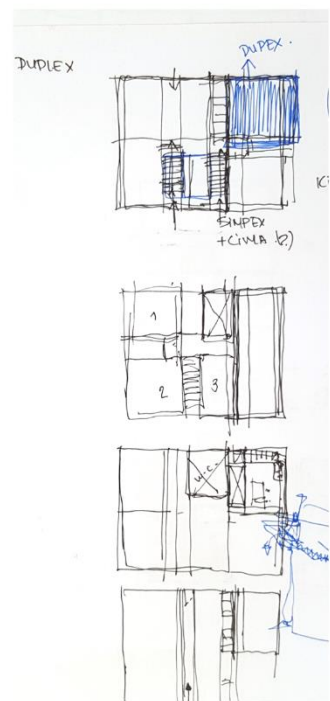
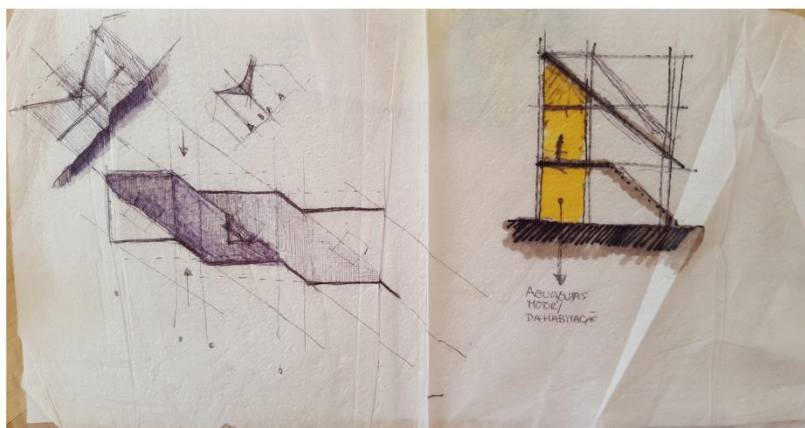
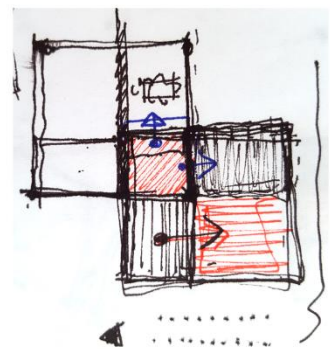
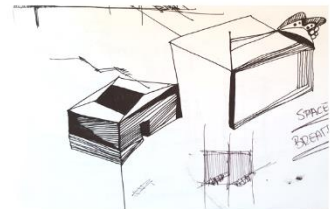
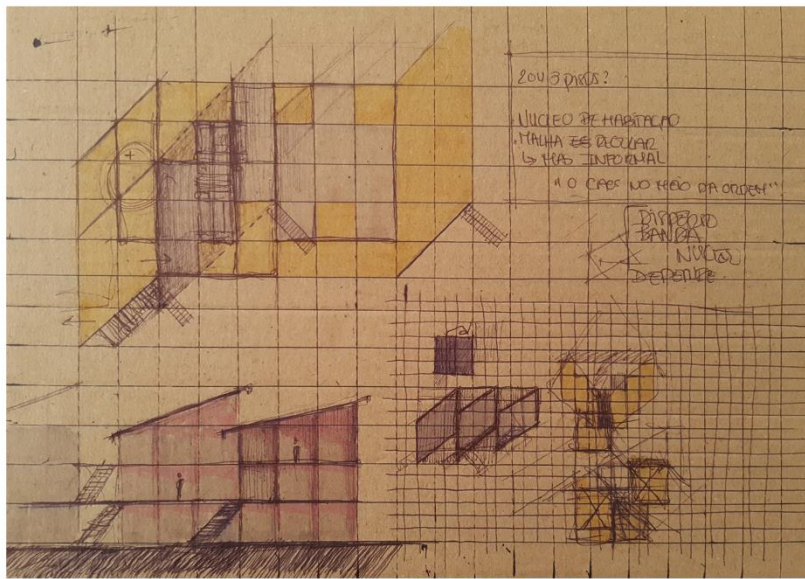


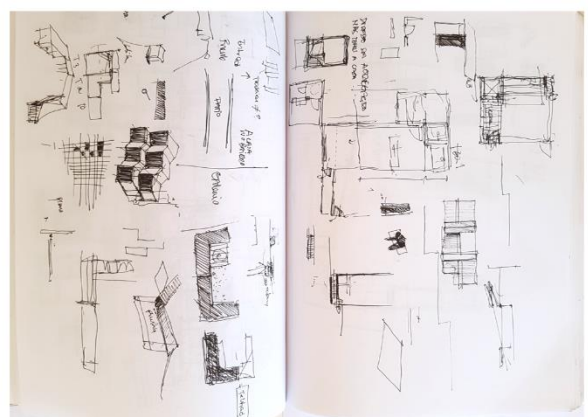
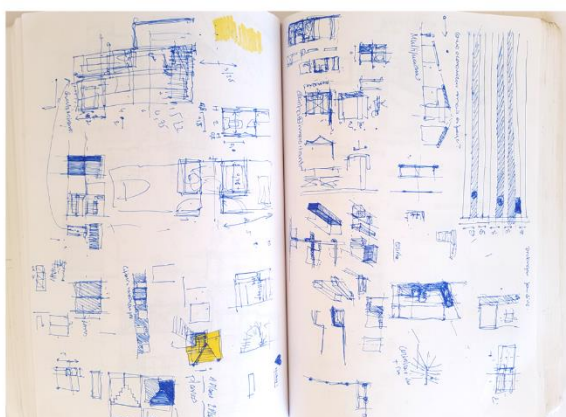
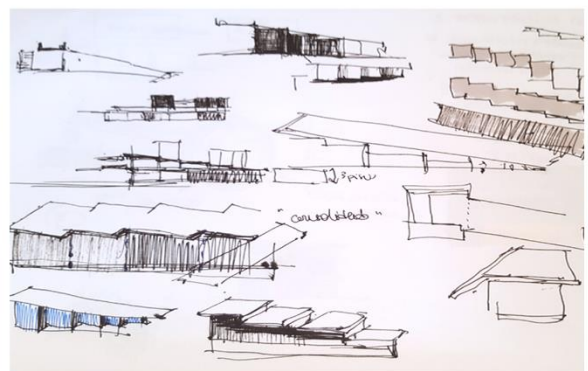
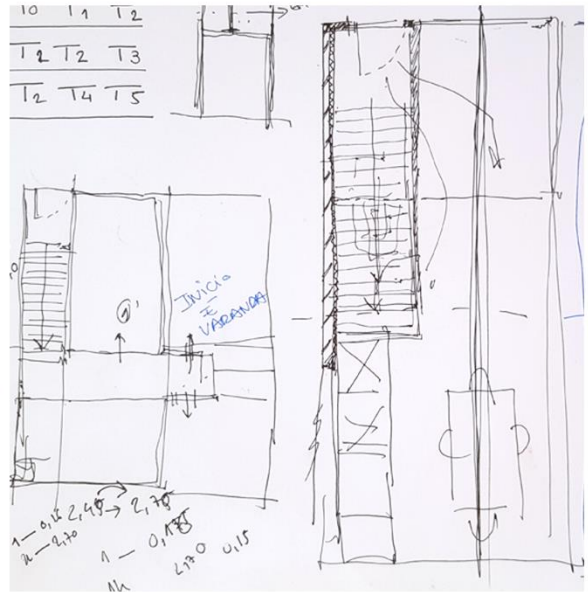
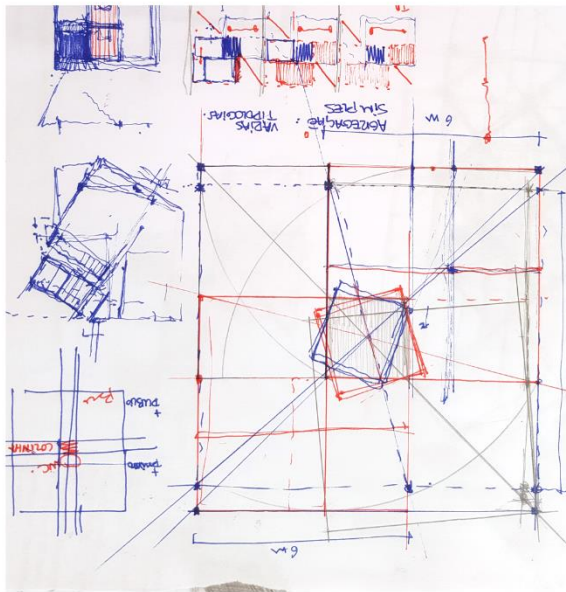




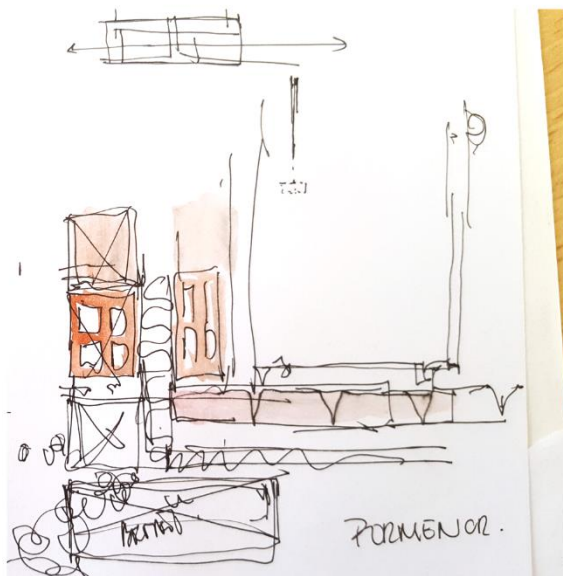
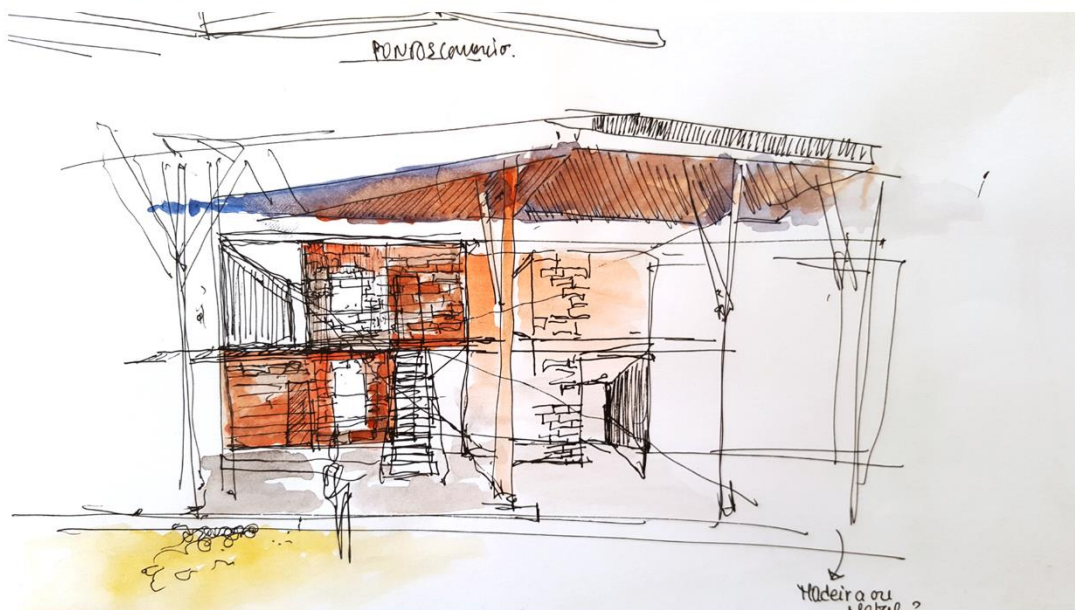
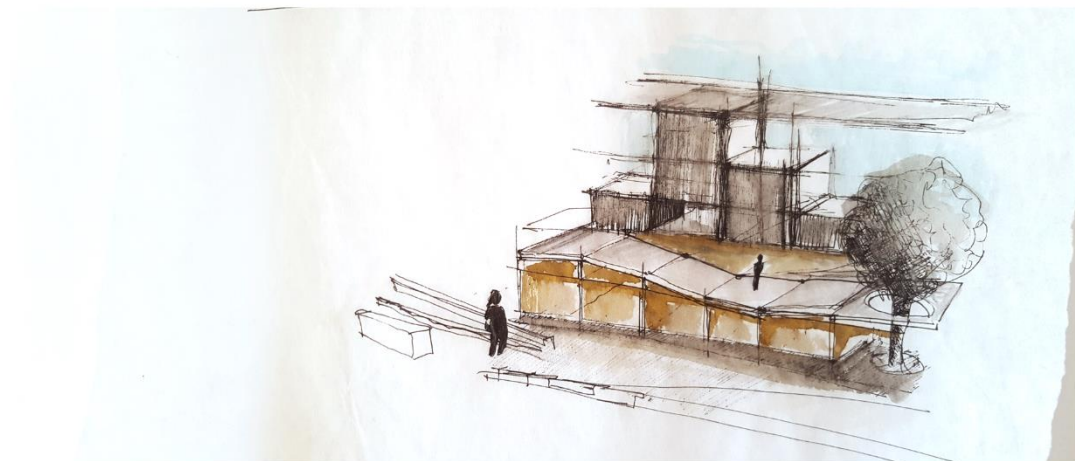


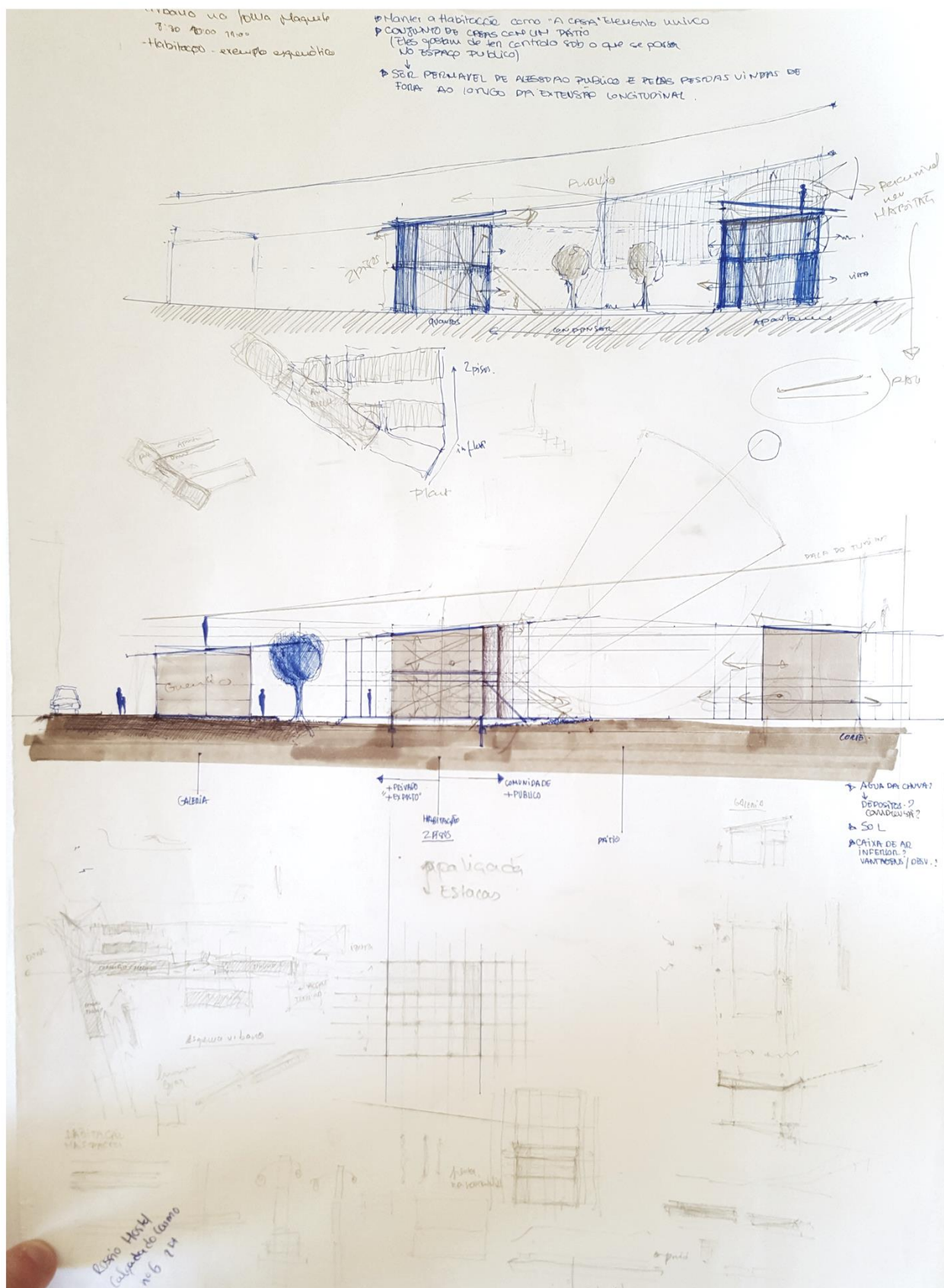




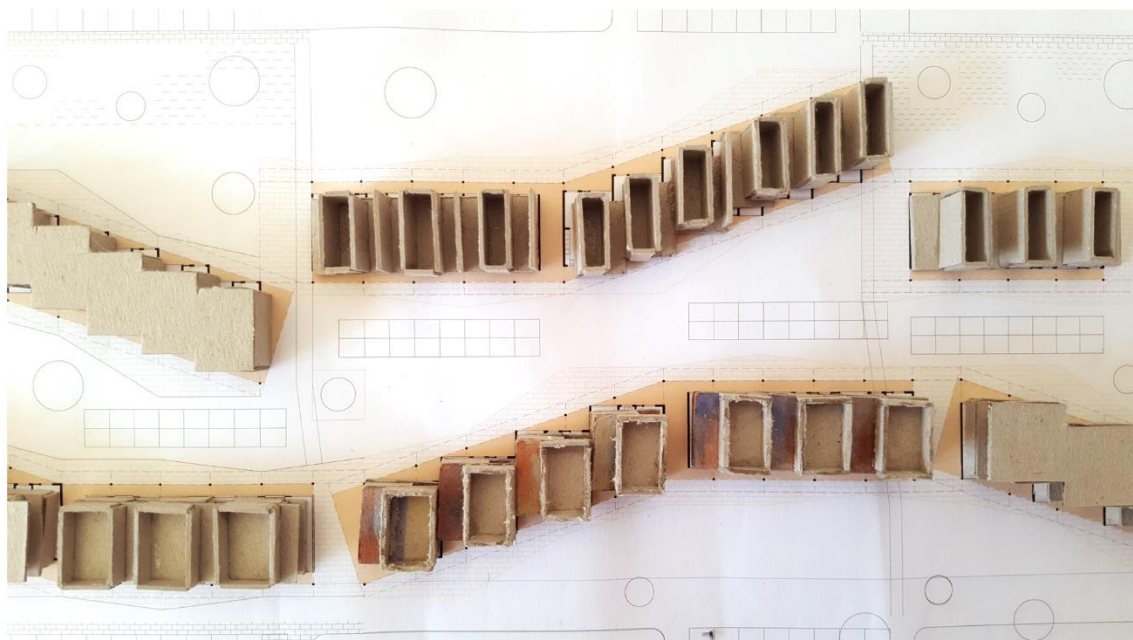


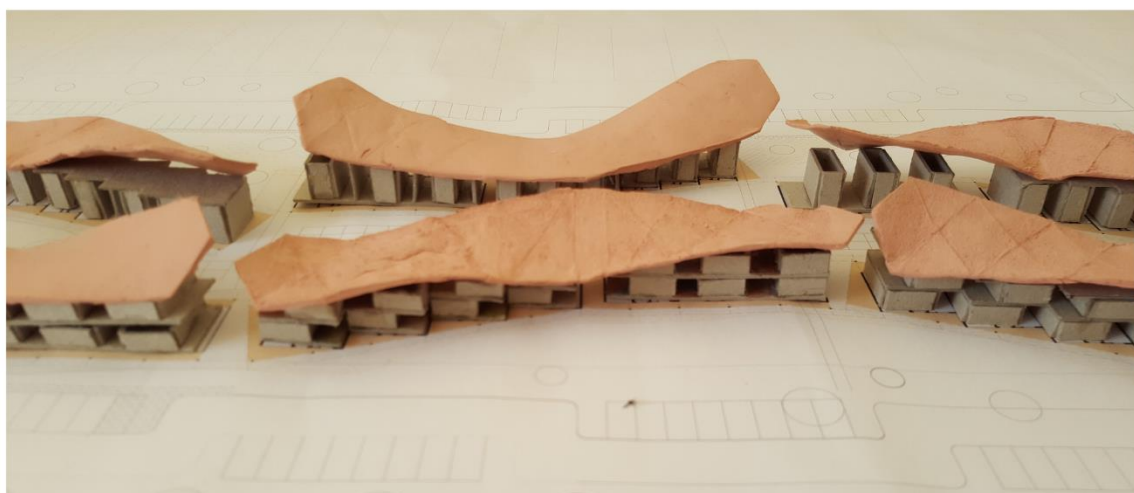
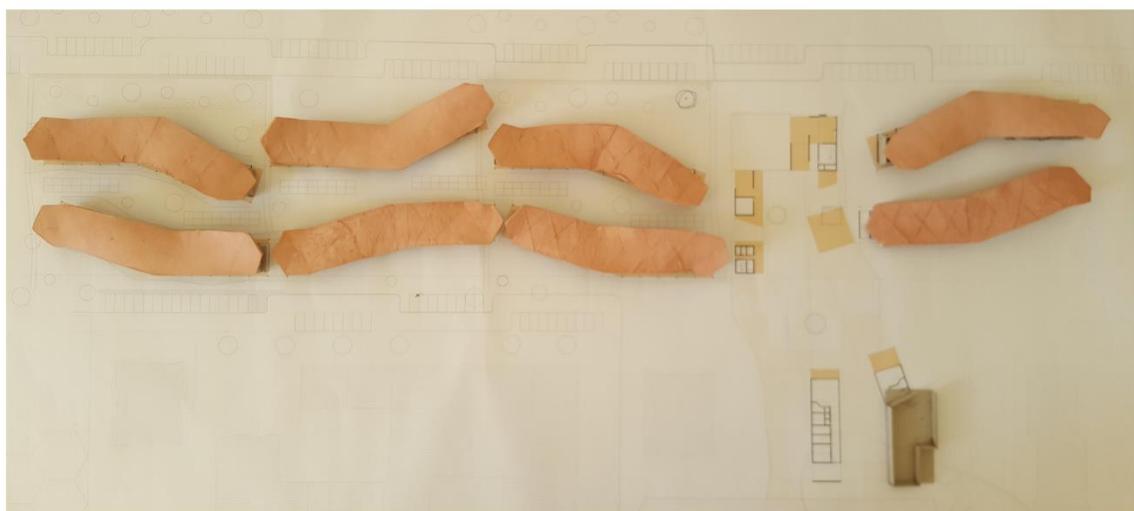
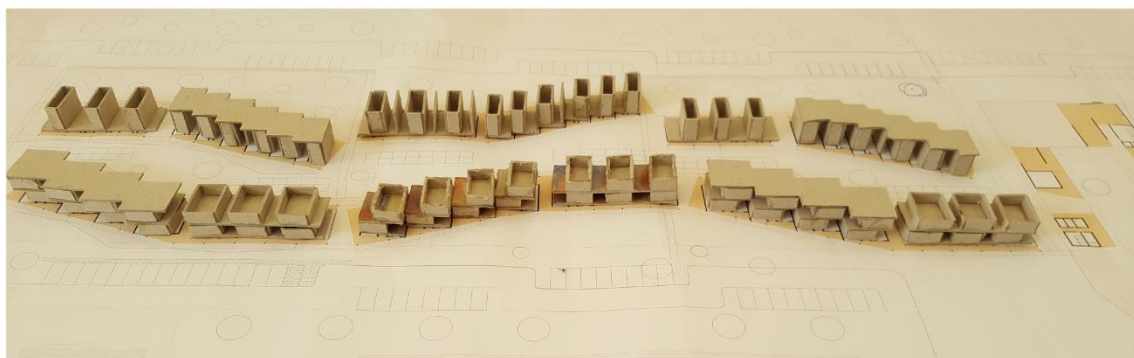




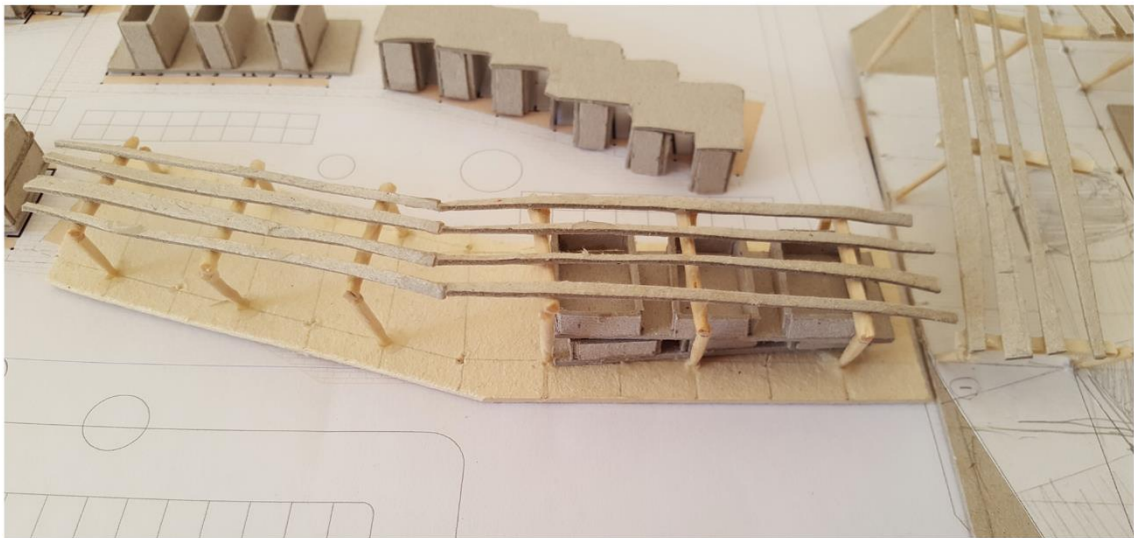
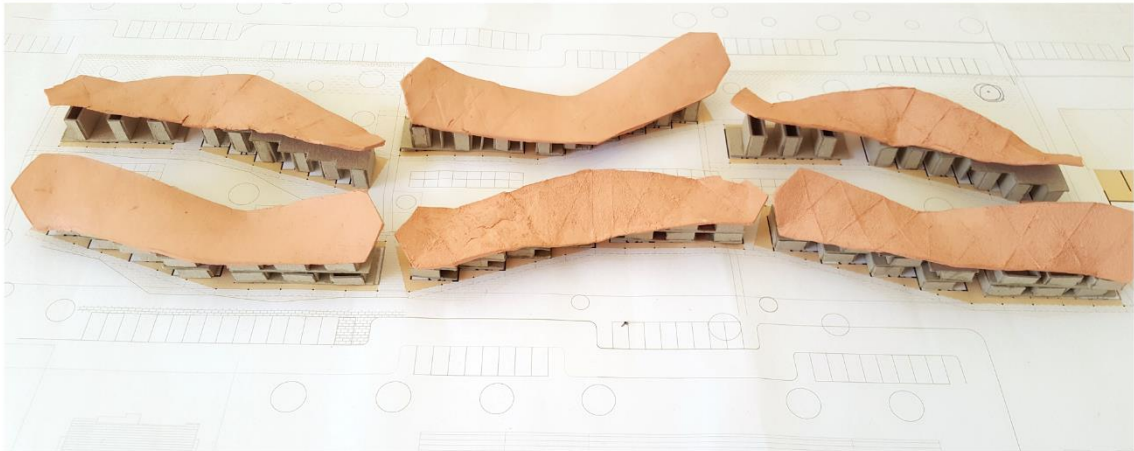


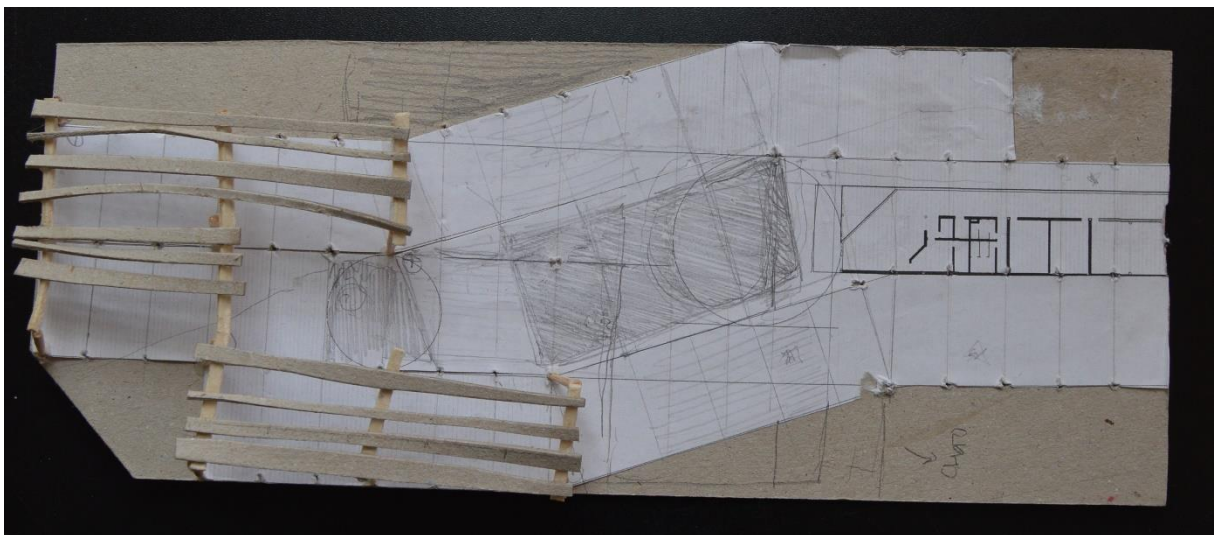
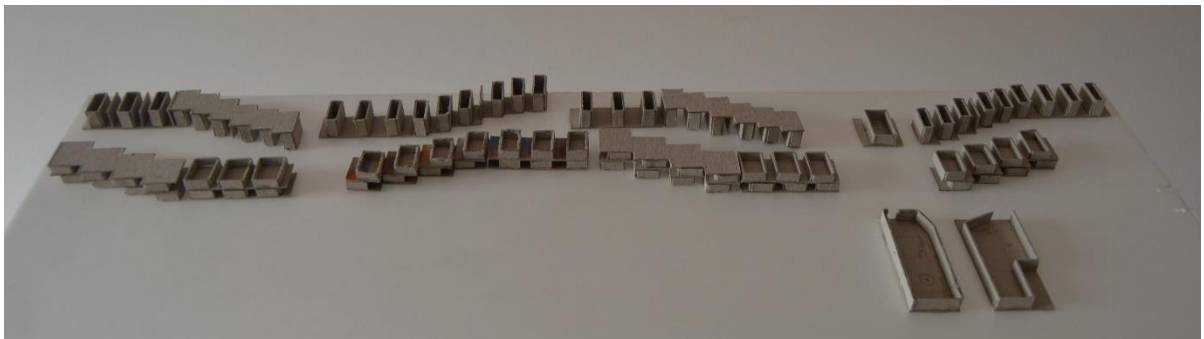
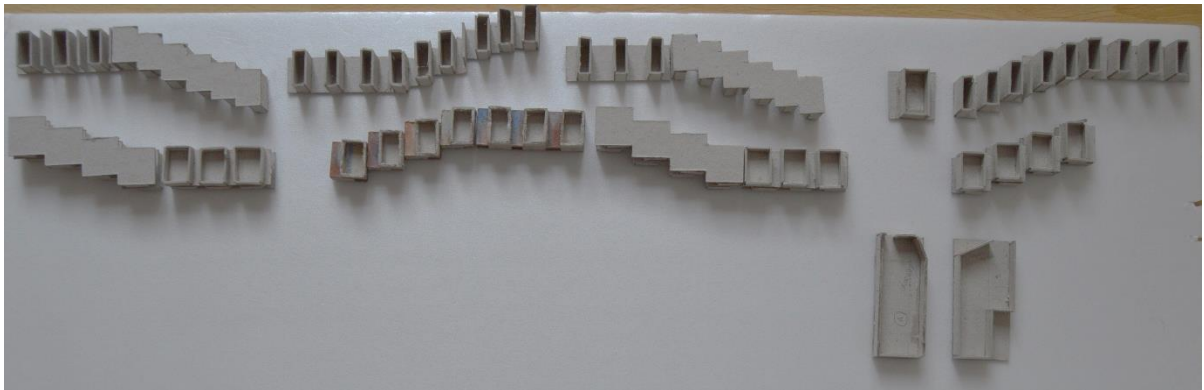


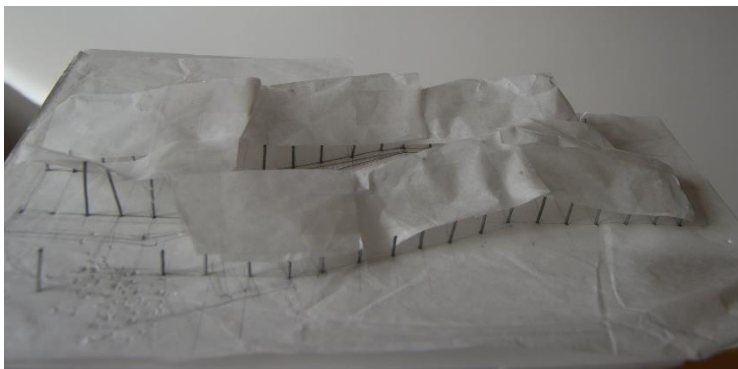
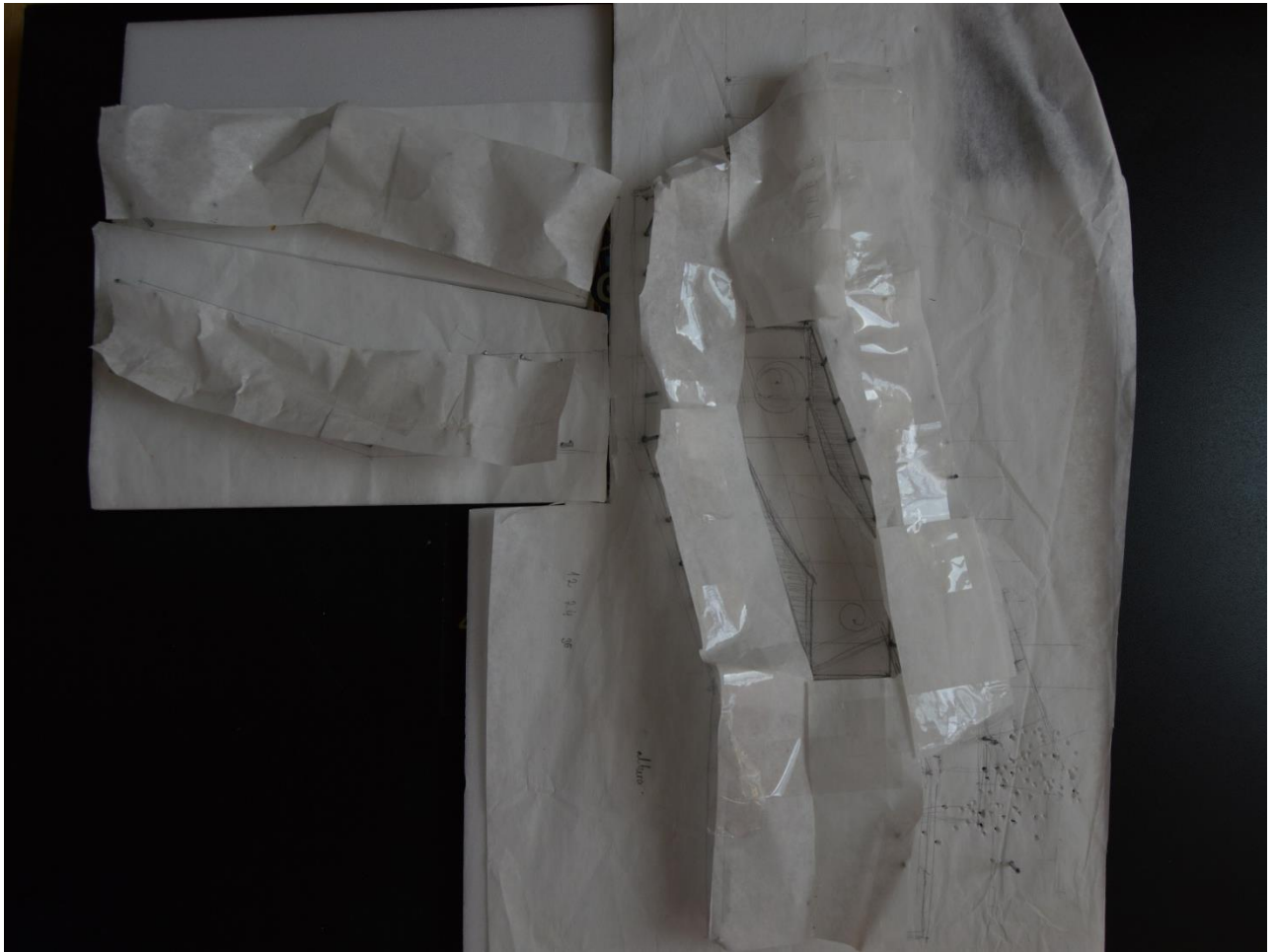
















## MAQUETES FINAIS

